

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 475 | Ano XV
19/10/2015

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)

Hölderlin

*O trágico na noite da
Modernidade*

Françoise Dastur: *A sofisticada poesia de Hölderlin*

Clademir Araldi: *Hölderlin e Nietzsche e o trágico como denominador comum*

Kathrin Rosenfield: *A exploração do conhecimento racional até seu limite*

Antônio Albano de Freitas:
A perversa ideologia
meritocrática na
contemporaneidade

Cesar Kuzma:
Olhar e discernir,
confrontar e
responder

**Tshepo
Madlingozi:**
A “meia verdade”
africana

Hölderlin. O trágico na noite da Modernidade

A obra e a vida de um dos maiores nomes da literatura alemã do século XVIII, **Johann Christian Friedrich Hölderlin** é tema de debate na revista **IHU On-Line** desta semana. Nascido às margens do Rio Neckar, em Tübingen, na Alemanha, em 1770, numa paisagem bucólica na qual viveu seus últimos 36 anos recluso em uma torre, Hölderlin morreu imerso na loucura.

Além de grandes pensadores como Hegel e Musil, entre outros, ele foi o poeta preferido de Friedrich Nietzsche. Seus textos influenciaram de modo decisivo a célebre obra do filósofo *Assim falou Zaratustra* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011), que, a exemplo de *Hiperion* (São Paulo: Nova Alexandria, 2003), texto escrito por Hölderlin, é uma obra poética em prosa.

Segundo o filósofo **Clademir Araldi**, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, ambos os Gênios, o Filosófico e o Poético, nutriam um apreço especial por Sófocles. Assim, o trágico pode ser considerado um denominador comum, observa.

"Hölderlin nos permitiu, sobretudo, entrever uma possível reconciliação do homem com sua condição finita. Aliás, isso repercute, um pouco mais tarde, na ideia de amor fati, de Nietzsche", afirma **Françoise Dastur**, professora emérita de Filosofia, vinculada aos Arquivos Husserl de Paris, na École Normale Supérieure - ENS.

Joãosinho Beckenkamp, professor na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, menciona que a influência de Schiller na obra de Hölderlin é decisiva em seus escritos, e a mais nobre possível, "aquela em que um poeta e pensador lança em outro as sementes de um novo universo poético".

Marcia Sá Cavalcante Schuback, filósofa e tradutora de obras filosóficas e poéticas de língua alemã e docente na Södertörn University, em Estocolmo, aponta a centralidade do *Hiperion* como chave para a poética de Hölderlin. A ele se atribui ter transformado a tragédia ultrapassando sua concepção moderna.

A exploração do conhecimento racional até seu limite é uma das abordagens da entrevista de **Kathrin Rosenfield**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Para ela, as ideias "desafiadoras" de Hölderlin influenciaram Hegel e Musil.

O amplo alcance da obra de Hölderlin foi um dos aspectos ressaltados por Johann Kreuzer, decano da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e diretor do Instituto de Filosofia da Universidade Carl von Ossietzky Oldenburg, na Ale-

manha. "Essa repercussão e ressonância não se restringem à esfera literária. Há um compromisso profundo - e admitido - com Hölderlin por parte de Walter Benjamin, de Martin Heidegger e Theodor W. Adorno", ressalta.

Também podem ser lidas as seguintes entrevistas:

- A "meia verdade" africana é a temática abordada pelo sul-africano **Tshepo Madlingozi**, da Universidade de Pretória, África do Sul, onde também coordena o módulo do Mestrado em Direitos Humanos e Democratização na África;

- **Xabier Etxeberria**, professor catedrático emérito de Ética da Universidade de Deusto, Espanha, analisa a questão da justiça do castigo e o perdão da transformação, fazendo uma ampla abordagem sobre as nuances dos debates em torno do perdão;

- **Tiago da Silva César**, professor do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, analisa a obra *A ilusão panóptica: Encarcerar e punir nas imperiais cadeias da Província de São Pedro* (1850-1888) (São Leopoldo: Oikos/Editora Unisinos, 2015), de sua autoria;

- **Antônio Albano de Freitas**, doutorando em Economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, reflete sobre o "Mérito e herança na estrutura das desigualdades brasileiras", tema que abordará no Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI - uma discussão sobre a desigualdade no Brasil;

- Outro conferencista do mesmo evento que debate a obra *O capital do século XXI* de Thomas Piketty, **Flávio Comim**, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, aborda o tema "Políticas públicas de regulação do capital e possibilidades para um Estado social no Brasil".

Dois artigos completam a edição:

- **Cezar Kusma**, professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio, reflete sobre o andamento do Sínodo dos Bispos sobre a Família que se realiza em Roma e que tem sido amplamente debatido nas Notícias do Dia atualizadas diariamente na página do IHU.

- "Os filhos de todas as bombas" é o título do artigo de **Camila Alves da Costa**, pesquisadora do Observatório das Nacionalidades/UECE e membro do Comitê Editorial da revista *Tensões Mundiais*.

A todas e a todos uma boa leitura e uma ótima semana!

Imagem da capa: Reprodução do Obra *Der Wanderer über dem Nebelmeer* - Kunsthalle in Hamburg, de Caspar David Friedrich, 1818

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS (joavovs@unisinos.br)

Leslie Chaves - MTB 12.415/RS (leslies@unisinos.br)

Márcia Junges - MTB 9.447/RS (mjunges@unisinos.br)

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS (prfachin@unisinos.br)

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS (ricardom@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Machado.

Colaboração

Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Tshepo Madlingozi: A “meia verdade” africana
- 14 Xabier Etxeberria: A justiça do castigo e o perdão da transformação
- 23 Tiago da Silva Cesar: A ilusão panóptica: Encarcerar e punir nas imperiais cadeias da Província de São Pedro (1850-1888)
- 29 Eventos - Joviano Mayer: Advocacia popular, uma manifestação do Comum
- 31 Eventos - Vivenciar a Laudato Si’ em suas diversas perspectivas

Tema de Capa

- 36 Biografia: Johann Christian Friedrich Hölderlin
- 38 Françoise Dastur: A sofisticada poesia de Hölderlin
- 46 Clademir Araldi: Hölderlin e Nietzsche e o trágico como denominador comum
- 52 Joãosinho Beckenkamp: Schiller e Hölderlin: “as sementes de um novo universo poético”
- 57 Márcia Schuback: O Hipérion como chave para a poética de Hölderlin
- 63 Kathrin Rosenfield: A exploração do conhecimento racional até seu limite
- 67 Johann Kreuzer: O Hölderlin que transcende a literatura

IHU em Revista

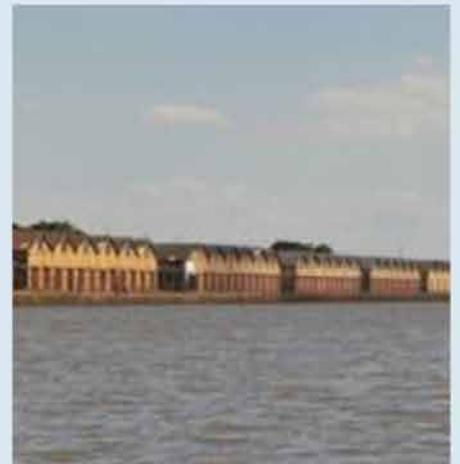
- 72 Agenda de Eventos
- 73 Cesar Kuzma: Olhar e discernir, confrontar e responder: questões urgentes no Sínodo dos Bispos sobre as Famílias
- 78 Antônio Albano de Freitas: A perversa ideologia meritocrática na contemporaneidade
- 81 Flavio Comim: A politização do combate à pobreza e o precipício da desigualdade
- 84 #Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos: Os filhos de todas as bombas
- 86 Publicações
- 87 Retrovisor

Milton Cruz
UFRGS e Observatório
das Metrópoles

Cais Mauá: duas visões
em disputa sobre qual o
projeto de cidade

22 de Outubro (quinta)
17h30 às 19h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU



IHU.UNISINOS.BR

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 12-10-2015 e 16-10-2015 no sítio do IHU.

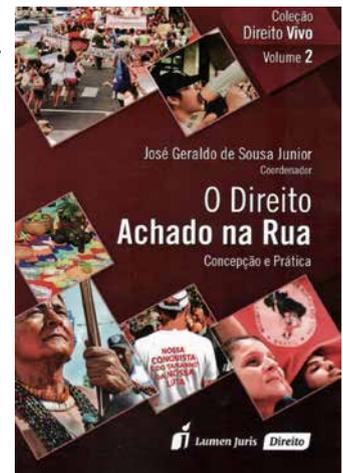
O Direito que emerge do espaço público

Entrevista com José Geraldo de Sousa Junior, graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal - AEUDF, mestre e doutor em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília - UnB. É jurista, pesquisador reconhecido como um dos autores do projeto O Direito Achado na Rua, professor da UnB desde 1985 e membro do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB.

Publicada em 16-10-2015

Disponível em <http://bit.ly/1ZI4EBI>

O Direito Achado na Rua é “uma concepção de Direito que emerge transformadora dos espaços públicos - a rua - onde se dá a formação de sociabilidades reinventadas, que permitem abrir a consciência de novos sujeitos para uma cultura de cidadania e participação democrática para a transformação social”, explica José Geraldo de Sousa Junior à IHU On-Line. Organizador do livro recém-lançado, O Direito Achado na Rua - concepção e prática (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015), o ex-reitor da Universidade de Brasília - UnB pontua que “o importante a considerar” na perspectiva do Direito Achado na Rua é que ele se refere “à atitude de reconhecimento que valoriza o protagonismo instituinte da cidadania ativa e dos movimentos sociais no processo legítimo de criação autônoma de direitos”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

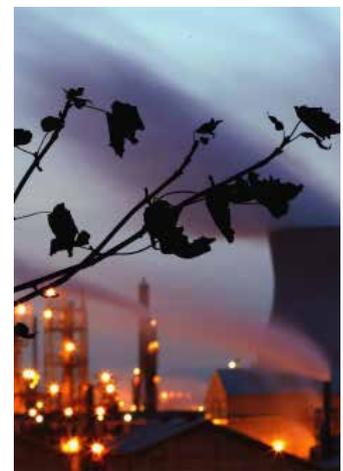
COP-21 e a tentativa de definir metas de curto prazo

Entrevista com Pedro Telles, coordenador da Campanha de Clima e Energia do Greenpeace e mestre em Estudos do Desenvolvimento, pelo Institute of Development Studies.

Publicada em 15-10-2015

Disponível em <http://bit.ly/1NKgTtC>

As metas brasileiras para a COP-21, que será realizada em dezembro, em Paris, poderiam ter sido mais ambiciosas, “porque em 2012 o Brasil já tinha reduzido as emissões em 41%, e a meta agora é reduzir as emissões em 43% até 2030”, diz Pedro Telles à IHU On-Line. Na entrevista, concedida por telefone, ele explica que o “ponto mais preocupante” da proposta brasileira diz respeito às metas para combater o desmatamento ilegal, a principal fonte das emissões brasileiras, responsável por 1/3 das emissões. Na avaliação dele, as metas demonstram uma preocupação com o desmatamento na Amazônia, nos próximos 15 anos, mas nada informam sobre o desmatamento em outros biomas, em que a prática aumenta.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Crises e um desenvolvimentismo que não faz jus ao nome: os impasses brasileiros

Entrevista com Alexandre de Freitas Barbosa, graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (1991), mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo - USP (1997) e doutor em Economia Aplicada pela Unicamp (2003), com pós-doutorado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP. Atualmente é professor do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB e participante do Núcleo de Apoio à Pesquisa Brasil-África, ambos na USP.

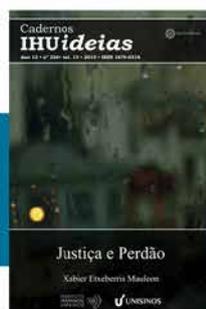
Publicada em 14-10-2015

Disponível em <http://bit.ly/1PvTvPO>

“Não queria falar sobre economia; estou desestimulado com o modo como vem sendo realizado o debate no país”, justificou o economista Alexandre Freitas Barbosa, antes de iniciar a entrevista, concedida à IHU On-Line pessoalmente, quando esteve no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, participando do Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI - uma discussão sobre a desigualdade no Brasil. Na avaliação de Barbosa, hoje o debate sobre os rumos econômicos do país é dividido por dois grupos: um que defende acirradamente o ajuste fiscal e justifica que o Estado esgotou sua capacidade de investimento, e outro que é radicalmente contra o ajuste fiscal e justifica que a redução dos juros é suficiente para pôr as contas públicas em ordem e manter os gastos do Estado. “Então, na verdade, o que existe é um não debate”, adverte.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br



Cadernos IHU ideias

O Cadernos IHU ideias apresenta artigos produzidos por palestrantes convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores(as) em diversas universidades e instituições de pesquisa.

Acesse: ihu.unisinos.br



Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, entre os dias 12-10-2015 e 16-10-2015, relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana

1% da população mundial concentra metade de toda a riqueza do planeta

2015 será lembrado como o primeiro ano da série histórica no qual a riqueza de 1% da população mundial alcançou a metade do valor total de ativos. Em outras palavras: 1% da população mundial, aqueles que têm um patrimônio avaliado em 760.000 dólares (2,96 milhões de reais), possuem tanto dinheiro líquido e investido quanto o 99% restante da população mundial.

A reportagem é de Ignacio Fariza e publicada por El País, 14-10-2015.

Essa enorme disparidade entre privilegiados e o resto da Humanidade, longe de diminuir, continua aumentando desde o início da Grande Recessão, em 2008. A estatística do Credit Suisse, uma das mais confiáveis, deixa somente uma leitura possível: os ricos sairão da crise sendo mais ricos, tanto em termos absolutos como relativos, e os pobres, relativamente mais pobres.

Leia mais em <http://bit.ly/1ZlhJLc>

Guarani e Kaiowá – Os condenados desta terra

A omissão do Estado brasileiro em cumprir os direitos indígenas estabelecidos na Constituição Federal em 1988, que previu a homologação e a demarcação das terras indígenas, e o atraso na identificação destas terras permite que a violência se perpetue e se converta em genocídio do povo Guarani e Kaiowá. O comentário é de Neimar Machado de Sousa, em artigo publicado pelo portal do Cimi, 15-10-2015.

Confira um trecho do artigo.

A lista de violações de direitos dos povos indígenas no estado de Mato Grosso do Sul é tão grave e extensa que pode ser classificada em diversas categorias: insegurança alimentar; remoção dos territórios tradicionais para as reservas indígenas; violência contra a mulher nas áreas de retomada e nas reservas, criadas pelo Governo Brasileiro; contaminação por agrotóxicos; intolerância religiosa; assassinato; trabalho escravo; exploração sexual; crianças fora da escola e sem atendimento médico, isto num contexto demográfico em que 45% dos Guarani e Kaiowá, neste estado, têm menos de 17 anos de idade.

Leia mais em <http://bit.ly/1GK69Uh>

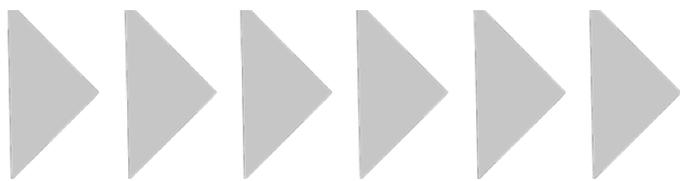
O ataque contra Francisco: a carta dos 13, mas não só. Artigo de Massimo Faggioli

O Papa Francisco teve que lidar com os golpistas de verdade na Argentina, e é de se duvidar que ele se deixe intimidar por alguns cardeais. O verdadeiro problema é que Francisco reabriu, sobre muitas questões de disciplina e de vida da Igreja, um debate que os signatários da carta consideravam encerrado para sempre. A análise é do historiador italiano Massimo Faggioli. O artigo foi publicado no sítio L'HuffingtonPost.it, 13-10-2015.

Confira um trecho.

O caso da carta dos cardeais para Francisco, divulgada na segunda-feira, 12 de outubro de 2015, deve ser considerado por aquilo que é. Não é uma questão de mérito ou de método sobre os trabalhos do Sínodo, mas um ataque à legitimidade da direção imprimida à Igreja pelo Papa Francisco e, em seguida, um ataque contra o próprio papa.

Leia mais em <http://bit.ly/1MHqDmZ>



Castells: as grandes mudanças apenas começaram

Num texto traduzido por “Outras Palavras”, e que pareceu para alguns espantoso, o sociólogo Immanuel Wallerstein sustentou, há dias: vivemos, em plano global, um giro - ainda que leve - à esquerda. Na entrevista a seguir, este pensamento é complementado por outro sociólogo. O catalão Manuel Castells diz que é cedo demais para chorar a suposta “morte” da série de grandes rebeliões iniciadas em 2011: Primaveras Árabes, Indignados (Espanha), Occupy (EUA), Parque Gezy (Turquia), Jornadas de Junho (Brasil) e outras. A entrevista é de Alex Rodriguez, publicada por Outras Palavras, 13-10-2015.

Confira um trecho.

Estamos começando uma nova era?

Em termos tecnológicos, econômicos e culturais, começamos faz tempo. Agora iniciamos uma nova era em termos políticos e institucionais.

Leia mais em <http://bit.ly/1QAc9V1>

E se o “egoísmo humano” for um mito interesseiro?

Novas pesquisas sugerem: nossa espécie é majoritariamente colaborativa, altruísta e solidária. Ideia da ganância coletiva pode ser projeção ideológica dos que concentram poder e capital. O artigo é de George Monbiot, jornalista e ambientalista inglês, publicado por Outras Palavras, 14-10-2015.

Confira um trecho.

Você se debate contra os sinais de indiferença e egoísmo humanos? Sente-se oprimido pela sensação de que, enquanto se preocupa com o mundo, ao contrário de muitos outros? Julga que a indiferença de pessoas iguais a você está esvaziando o que resta da civilização e da vida na Terra? Se assim é, você não está sozinho. Mas também não está certo.

Leia mais <http://bit.ly/1QAcuHa>

Por Dilma, Lula aciona PT em busca de acordo para salvar mandato de Cunha

O Palácio do Planalto e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva intensificaram ontem as articulações para salvar o mandato do presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), no Conselho de Ética. A moeda de troca nesse jogo é a garantia de que Cunha não avançará nenhuma casa no tabuleiro rumo à abertura do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. A reportagem é de Vera Rosa e Tânia Monteiro, publicada no jornal O Estado de S. Paulo, 15-10-2015.

Lula desembarcou ontem em Brasília e vai se reunir hoje novamente com Dilma. O ex-presidente quer que deputados do PT fechem acordo com outros partidos da base aliada para barrar a investigação contra Cunha, no Conselho de Ética, por quebra de decoro parlamentar.

Leia mais em <http://bit.ly/1NLWgx0>

ENTREVISTA

A “meia verdade” africana

Tshepo Madlingozi critica o trabalho das comissões da verdade na África do Sul. Para ele, não houve verdadeira restauração. Como na democracia africana, há verdade somente para elite dominante

Por Márcia Junges e João Vitor Santos | Tradução Hedy Hofmann

A história do continente africano, em especial da África do Sul, é marcada pela opressão e violência contra o povo negro. Com o passar dos anos, e instalação das comissões - que no Brasil, em função da comissão local, ficaram conhecidas como comissões da verdade -, imaginava-se que o passado já tenha sido resgatado e que hoje, depois do *apartheid*, viva-se uma democracia plena. Pura ilusão. Tshepo Madlingozi, coordenador do Mestrado em Direito da University of Pretoria, na África do Sul, destaca que hoje se vive, na verdade, uma pseudo-democracia. “Democracia da burguesia, uma democracia desnudada, onde a maioria é pobre e excluída de estruturas formais da tomada de decisões”, destaca.

Essa realidade é mais bem compreendida a partir do relato que Madlingozi faz sobre a atuação da comissão da verdade africana. Para ele, a comissão não fez uma restauração do passado e tampouco reconheceu as vítimas. “Dado o fato de que a África do Sul é composta de comunidades polarizadas com memórias polarizadas e envenenadas, o que a comissão fez não ajudou a África do Sul a transcender a sua história fragmentada. Nenhuma verdade foi emitida” explica em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. E o país - e até o continente - segue sem encarar de frente seu passado, constituindo apenas “meias verdades” que, para o professor, servem para uma pequena elite branca - ou menor ainda negra - que ignora a história. Assim, não se consegue propor uma evolução de uma sociedade congregando e reconhecendo seu povo. “A fim de assegu-

rar a meta da paz, é priorizada a reconciliação de elite entre os políticos. A meta de alcançar estabilidade triunfa sobre a meta de alcançar uma transformação radical da sociedade, sob forma de redistribuição material”, destaca ao explicar o fracasso da justiça restaurativa na África.

Tshepo Madlingozi possui graduação e mestrado em Direito pela University of Pretoria, na África do Sul, onde também coordena um módulo do Mestrado em Direito (Direitos Humanos e Democratização na África). Além da área dos Direitos Humanos, tem experiência em Direito e Movimentos Sociais e Direito e Transformação. Também é integrante do comitê editorial do Jornal do Direito African Human Rights (Direitos Humanos na África) e membro do comitê editorial da Imprensa do Direito da University of Pretoria (África do Sul). É membro fundador do Conselho para o Avanço da Constituição Sul-Africana.

Madlingozi participou do III Colóquio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e o VI Colóquio da Cátedra Unesco - Unisinos de Direitos Humanos e violência, governo e governança - A justiça, a verdade e a memória na perspectiva das vítimas. A narrativa das testemunhas, estatuto epistêmico, ético e político. O evento, realizado em setembro de 2015, foi promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, Cátedra Unesco - Unisinos de Direitos Humanos e violência, governo e governança, Filosofia - Unisinos e Programas de Pós-Graduação em Direito e em Saúde Coletiva - Unisinos.

Confira a entrevista.



A maioria das comissões não presta serviços psicossociais adequados às vítimas e o resultado é que retraumatizam as vítimas

IHU On-Line - Quais são as principais constatações e descobertas que as comissões da verdade realizaram sobre o regime discriminatório de *apartheid*¹ na África do Sul?

Tshepo Madlingozi - O encargo da Comissão da Verdade e da Reconciliação (TRC - Truth and Reconciliation Commission) era bastante limitado. Em última análise, os principais achados da comissão foram de que um pouco menos de 17 mil pessoas foram vítimas do *apartheid*, e que um pouco menos de 2 mil pessoas - a maioria do lado do movimento de liberação - eram perpetradores. A TRC constatou que a máquina do governo como um todo estava envolvida nos pe-

1 Apartheid: foi um regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca. A segregação racial na África do Sul teve início ainda no período colonial, mas o *apartheid* foi introduzido como política oficial após as eleições gerais de 1948. A nova legislação dividia os habitantes em grupos raciais ("negros", "brancos", "de cor", e "indianos"), segregando as áreas residenciais, muitas vezes através de remoções forçadas. A partir de finais da década de 1970, os negros foram privados de sua cidadania, tornando-se legalmente cidadãos de uma das dez pátrias tribais autônomas chamadas de bantustões. Nessa altura, o governo já havia segregado a saúde, a educação e outros serviços públicos, fornecendo aos negros serviços inferiores aos dos brancos. O *apartheid* trouxe violência e um significativo movimento de resistência interna, bem como um longo embargo comercial contra a África do Sul. Uma série de revoltas populares e protestos causaram o banimento da oposição e a detenção de líderes antiapartheid. Em 1990, o presidente Frederik Willem de Klerk iniciou negociações para acabar com o *apartheid*, o que culminou com a realização de eleições multirraciais e democráticas em 1994, que foram vencidas pelo Congresso Nacional Africano, sob a liderança de Nelson Mandela. (Nota da **IHU On-Line**)

cados de *apartheid* - inclusive a polícia e os serviços militares, o funcionalismo civil, bem como o judiciário e a mídia.

IHU On-Line - Que período histórico foi investigado e em que medida as descobertas irão ajudar a contar uma outra história desse país?

Tshepo Madlingozi - A TRC abrangeu o período de 1960 a 1994. Esse foi um período extremamente limitado e arbitrário, se lembrarmos que o *apartheid* começou em 1948, que o colonialismo oficial começou em 1910, quando os colonizadores ingleses e holandeses assinaram um acordo para estabelecer a África do Sul (como uma "terra do homem branco"), e que a conquista da terra começou em 1652, quando o vice-rei português enviado à Índia foi morto na África do Sul.

A história que a comissão contou a respeito da África do sul, portanto, é extremamente parcial e contém muitas lacunas históricas. É verdade que tudo que a comissão pode fazer é reduzir as mentiras que circulam em sociedade. Dado o fato de que a África do Sul é composta de comunidades polarizadas com memórias polarizadas e envenenadas, o que a comissão fez não ajudou a África do Sul a transcender a sua história fragmentada. Nenhuma verdade foi emitida.

IHU On-Line - Em que medida se pode falar em reconciliação nacional a partir dos trabalhos empreendidos por essas comissões?

Tshepo Madlingozi - Também não foi alcançada uma reconcilia-

ção. Falo disso no contexto dos colonialismos dos que se assentaram na terra, tais como aquele que tínhamos na África do Sul. O foco dessas comissões é alcançar a paz e a estabilidade, tendo reconciliação como uma meta secundária e complementar. Investe-se energia excessiva em paz e estabilidade, a tal ponto que o trabalho de reconciliação é muito limitado. A fim de assegurar a meta da paz, é priorizada a reconciliação de elite entre os políticos. A meta de alcançar estabilidade triunfa sobre a meta de alcançar uma transformação radical da sociedade, sob forma de redistribuição material. Como tal, a reconciliação é reduzida àquela entre vítimas individuais e perpetradores individuais.

O resultado é o sacrifício de uma reconciliação social profunda e completa, porque beneficiários do conflito (no caso da África do Sul, pessoas brancas 'comuns') são exonerados. Assim não é exato falar sobre reconciliação 'nacional'. Reconciliação da elite e reconciliação individual, conforme expliquei acima, impedem qualquer processo de construção nacional significativa. Finalmente, não pode haver uma nova nação a não ser que a terra que foi roubada durante o colonialismo seja devolvida. Não fazer isso significa que alguns continuam a ser nativos e outros continuam a ser colonizadores.

IHU On-Line - Em que sentido o testemunho das vítimas é importante para que se faça justiça, ainda que tardiamente?

Tshepo Madlingozi - Feitos de modo certo, os testemunhos podem ajudar as vítimas a se sentirem novamente humanas, após anos violados e desumanizados. Testemunhar diante de uma comissão da verdade pode levar a um reconhecimento público e oficial, assim iniciando o processo de cicatrização das vítimas. Todavia, como o enfoque real da justiça transicional é, frequentemente, a estabilidade e reconciliação da elite, a participação das vítimas diante de

uma comissão muitas vezes apenas proporciona uma catarse à nação, não às próprias vítimas. As lágrimas e o testemunho das vítimas assim servem para legitimar o comprometimento da elite. Finalmente, a maioria das comissões não presta serviços psicossociais adequados às vítimas e, dessa forma, o resultado é que retraumatizam as vítimas ao contarem suas histórias ou quando as histórias são questionadas pelos perpetradores, ou quando depois as vítimas são perseguidas pela mídia sensacionalista.

Junto com isso, o fato de que os mecanismos de justiça transicional nunca resultam em reparação adequada e restituição significa que as feridas da vítima são abertas sem ser aplicado qualquer bálsamo para mitigá-las. Assim, na minha organização, Khulumani Support Group², constatamos que anos depois as vítimas que testemunharam na comissão da verdade estão amarguradas, envergonhadas e sentem-se traídas.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios que se apresentam na condução dos trabalhos das comissões da verdade?

Tshepo Madlingozi - O maior obstáculo é aquele ao qual aludi até agora. Comissões são os produtos de justiça transicional. A justiça transicional é um produto tanto de comprometimentos da elite como da pressão dos países poderosos do Ocidente e suas agências inter-governamentais. O trabalho das comissões é restringido por esses acordos da elite e os diktats³ dos países ocidentais (a assim-chamada 'comunidade internacional'). Assim o seu encargo e escopo são com frequência excessivamente limitados. O período da sua investigação muitas vezes é estreito de-

² É um movimento social de mais de 104 mil vítimas e sobreviventes do *apartheid*. www.khulumani.net (Nota do entrevistado)

³ **Diktat**: é um estatuto, sanção severa ou liquidação imposta a um partido derrotado pelo vencedor, ou um decreto dogmático. O termo adquiriu um sentido pejorativo, para descrever um conjunto de regras ditadas por uma potência estrangeira ou um poder local impopular. (Nota da **IHU On-Line**)

mais. Seus poderes de investigar e trazer para o seu alcance os atos de outros estados e nações são limitados, se não completamente excluídos.

Os outros desafios são questões de *timing* e sequência. Se a comissão começar o seu trabalho no momento errado, a qualidade do seu trabalho e o produto que finalmente sairá disso é comprometido. Por exemplo, no caso da África do Sul, quando a comissão começou o seu trabalho, ainda havia um grande conflito e assim muitas das vítimas não participaram no processo da comissão porque ou ainda estavam traumatizadas, ou não confiavam nas agências de governo. A questão da sequência também é importante. Será que o país deverá primeiro investir toda a sua energia em acertar as contas com o passado, ou será que deve primeiro obter uma boa paz (paz em ambos os sentidos - um fim à violência física e um fim à violência do empobrecimento)?

Finalmente, porque as comissões apenas fazem recomendações. O trabalho e o legado das comissões são restringidos pelo fato de que governos sucessores poderão desprezar suas recomendações.

IHU On-Line - Como a sociedade reagiu diante dos trabalhos de elucidação sobre o que houve com as vítimas na África do Sul?

Tshepo Madlingozi - Na África do Sul, as longas divisões da história trazidas pelo colonialismo e *apartheid* significaram que não se pode falar de uma só sociedade. Poderíamos preferivelmente, e ainda muito grosseiramente, referir-nos à sociedade branca e à sociedade negra (que inclui todos aqueles que foram oprimidos). A maioria dos membros da sociedade de cor branca pensava que a comissão era uma caça às bruxas contra os brancos. Referiam-se à comissão debochadamente como "uma comissão do choro", uma plataforma inútil onde as pessoas vão simplesmente para chorar. Uma minoria dentro da sociedade branca reagiu com horror porque não sabia que havia negros sendo mortos, desa-

parecidos e subdesenvolvidos para proteger o privilégio dos brancos. Ainda após a comissão, a sociedade branca não tem feito nada para entender a moção à população negra a fim de mostrar remorso e trabalhar para terminar com o privilégio dos brancos. Houve muita negação entre os brancos.

Quanto à sociedade negra, ela sabia o que estava acontecendo, mas queria detalhes específicos sobre o que aconteceu. Essas especificidades e detalhes não vieram. Nós ainda não sabemos quem deu a ordem para matar, ou onde estão os cadáveres dos que foram desaparecidos à força - para dar dois exemplos. Ao mesmo tempo, as elites negras estão sofrendo de amnésia e se recusando a reconhecer que a pobreza não é causada por preguiça, como alegam, mas sim é o resultado do *apartheid*. A atitude da elite negra em relação às vítimas é vergonhosa.

IHU On-Line - Qual é a situação da multiculturalidade na África do Sul após a queda do regime de apartheid? Há uma interação entre as diferentes etnias?

Tshepo Madlingozi - Como nunca houve justiça redistributiva onde o poder econômico e cultural é distribuído equitativamente, os brancos ainda dominam a sociedade civil na África do Sul. A África do Sul ainda não alcançou o que o Professor Boaventura de Sousa Santos⁴ denomina "justiça cognitiva" - uma sociedade onde todo o tipo de conhecer e ser-no-mundo é tratado equitativamente. A África do Sul é arquetonicamente, este-

⁴ **Boaventura de Sousa Santos** (1940): doutor em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale, Estados Unidos, e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal. É um dos principais intelectuais da área de ciências sociais, com mérito internacionalmente reconhecido, tendo ganho especial popularidade no Brasil, principalmente depois de ter participado nas três edições do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Confira a entrevista *O Fórum Social Mundial desafiado por novas perspectivas*, concedida por Boaventura ao sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU em 30-01-2010, disponível em <http://bit.ly/BoaventuraIHU>. (Nota da **IHU On-Line**)

ticamente, epistemologicamente e culturalmente ainda uma província da Europa.

A cultura europeia domina a educação e a vida cultural da nação. Não há multiculturalismo por causa da dominância da cultura Euro-Americana e pelo fato de que um crime ao qual o professor Santos chama de “epistemicídio” continua. Esse crime acompanhou a colonização da África do Sul quando as epistemologias e culturas indígenas foram mortas. Como a comissão não alcançou a reconciliação social e a formação de uma nação, a África do Sul permanece uma sociedade polarizada, marcada por esse epistemicídio, bem como o racismo contra os negros, guerra contra as mulheres, homofobia e xenofobia.

IHU On-Line - Como analisa a dívida humanitária que a Europa, em termos gerais, e os Estados Unidos e a Inglaterra, especificamente, têm para com a África do Sul e outros países do continente africano?

Tshepo Madlingozi - Antes de 1652 - o ano da invasão da África do Sul, “pelo menos mil navios portugueses, 600 holandeses e 400 ingleses e franceses lançaram âncora na costa sul-africana”, levando a um saque em grande escala de recursos e pessoas (Terreblanche, 2002). A Companhia Holandesa das Índias Orientais invadiu a África do Sul em 1652 para estabelecer um posto de reabastecimento com a finalidade de atender aos navios holandeses. Os ingleses conquistaram

a África do Sul em 1810, para assim tomarem o lugar dos holandeses no saque aos recursos naturais da África do Sul e assegurar a continuidade do seu comércio com a Índia. O país chamado “África do Sul” foi estabelecido em 1910, quando os colonizadores ingleses e holandeses assinaram um acordo de paz para assegurar que a África do Sul fosse um país do homem branco. Esse acordo de paz seguiu-se a uma renhida guerra entre esses colonizadores depois que foram encontrados diamantes e outros minerais.

De 1910 a 1994 os sul-africanos brancos e os países europeus enriqueceram pelo roubo de terras, minerais e mão de obra dos sul-africanos negros. Em segundo lugar, apesar de as Nações Unidas declararem o *apartheid* um crime contra a humanidade, os Estados Unidos e países da Europa continuaram a ter relações comerciais com o regime do *apartheid*, e a lucrar desse crime contra a humanidade. Finalmente, agências financeiras internacionais, bancos e países europeus emprestavam dinheiro ao governo do *apartheid* para possibilitarem a existência do regime.

Assim, não estamos falando sobre uma dívida “humanitária”, estamos falando sobre a dívida de reparação e injustiça histórica. Em cima dessa dívida há a dívida odiosa que foi incorrida pelo governo do *apartheid*. Essa dívida deve ser abolida e o dinheiro que foi pago pelo Estado pós-1994 para serviços desse empréstimo deve ser devolvido.

IHU On-Line - Em que sentido se pode falar em uma democratização na África do Sul, em específico, e na África como um todo?

Tshepo Madlingozi - A África do Sul é uma democracia formal - são realizadas eleições, existe um parlamento multipartidário, há um judiciário independente, e em geral é respeitada a liberdade de expressão. Todavia, porque a democracia sul-africana pós-1994 é um produto de um compromisso de elites, é uma democracia de elite. Na África do Sul se impôs o neoliberalismo, estamos falando sobre uma democracia da burguesia, uma democracia desnudada, onde a maioria é pobre e excluída de estruturas formais da tomada de decisões. Quando a maioria pobre se queixa da falta de uma democracia participativa, simplesmente são ignorados, ou se lhes diz que esperem as próximas eleições. Quando a maioria pobre resiste à democracia neoliberal e ao capitalismo, é reprimida pela polícia, pela mídia e pelas organizações não governamentais.

Assim, nessa democracia, o liberalismo para a classe média coexiste com o liberalismo para a maioria pobre. Finalmente, porque a estrutura política que temos hoje é estruturada pela justiça transicional que lhe deu origem, a democracia triunfou sobre a descolonização. Sejamos claros, a justiça transicional é sempre antidescolonização. Dessa forma, elementos de colonialidade, supremacia branca e neocolonialismo continuam lado a lado com a democracia formal. ■

LEIA MAIS...

- *A derrocada dos movimentos sociais na África pós-Apartheid*. Entrevista com Tshepo Madlingozi, publicada em *Notícias do Dia*, de 13-12-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1LO6b4Z>.
- *Khulumani, uma luta que transforma vítimas em cidadãos*. Reportagem publicada em *Notícias do Dia*, de 17-09-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1LaTuO3>.

ENTREVISTA

A justiça do castigo e o perdão da transformação

Xabier Etxeberria trata os conceitos de justiça e perdão com distinção de patamares. Os dois se entrelaçam somente quando a primeira aparece humanizada, restaurando a vítima

Por Márcia Junges e João Vitor Santos | Tradução Janaína Cardoso

Imaginemos duas estradas. Elas levam a caminhos distintos. Uma se chama justiça e a outra perdão. Trilhar uma não necessariamente significa passar pela outra. O professor Xabier Etxeberria Mauleon entende que justiça, no caso penal, “se realiza quando se cumpre a pena ou castigo pelo delito, haja ou não transformação interior no delinquente”. Já o perdão se dá quando “implica uma transformação interior, tanto no ofendido que oferece o perdão como no ofensor que o recebe no arrependimento”. Logo, é algo mais complexo e para além do pragmatismo.

Mas essas estradas jamais se cruzam, nunca haverá ponto em comum? O professor acredita que se pode trilhar a estrada da justiça sem que se perca a essência do perdão. O destino desse caminho pode ser mais do que o ponto de inserção entre perdão e justiça. “O ‘espírito do perdão’ começa a aparecer na justiça quando é humanizada, quando com a pena não persegue unicamente o bem da ordem social senão que se preocupa com a restauração da vítima. E, também, quando não pretende unicamente castigar o delinquente. Assim, por um lado, evita castigos desumanos e, por outro, quer que se reabilite e tem em conta seus avanços para reduzir o castigo”, explica, ao apresentar a ideia de justiça restaurativa. “De todos os modos, se aspiramos a que a justiça e o perdão tenham um nexos mais intenso e interno, é necessário que a justiça como tal seja transformada para passar a ser justiça restaurativa”, completa.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Etxeberria também reflete sobre perdão e memória. “Ninguém pode perdoar

em nome de outro. Se alguém matou o meu pai, eu posso perdoar ao assassino o dano que ele causou em mim. Mas o assassinato quem teria que perdoar é o assassinado - meu pai -, que já não está aqui para fazê-lo”.

Xabier Etxeberria Mauleon é doutor em Filosofia, catedrático emérito de Ética da Universidade de Deusto, Espanha, investigador da Pós-graduação do Centro de Ética Aplicada. Professor visitante e colaborador em universidades da América Latina. É membro de *Comités de Ética Hospitalaria*. No país basco, participa em contextos e compromissos pela justiça, a favor das vítimas da violência e pela paz em processos de mediação e reconciliação entre grupos em conflito. Atua essencialmente sobre os temas: pela justiça, a favor das vítimas da violência e pela paz, com as pessoas com incapacidade intelectual, com os povos indígenas, e pela ética no exercício da profissão. Sua publicação mais recente é *La educación para la paz reconfigurada: la perspectiva de las víctimas* (Madrid, Catarata, 2013).

Etxeberria participou do III Colóquio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e o VI Colóquio da Cátedra Unesco - Unisinos de Direitos Humanos e violência, governo e governança - A justiça, a verdade e a memória na perspectiva das vítimas. A narrativa das testemunhas, estatuto epistêmico, ético e político. O evento, realizado em setembro de 2015, foi promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, Cátedra Unesco - Unisinos de Direitos Humanos e violência, governo e governança, Filosofia - Unisinos e Programas de Pós-Graduação em Direito e em Saúde Coletiva - Unisinos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os nexos fundamentais entre justiça e perdão?

Xabier Etxeberria Mauleon - O primeiro nexos aparece ao relacio-

nar as diferenças da justiça penal e do perdão. A justiça penal se realiza quando se cumpre a pena ou castigo pelo delito, haja ou não transformação interior no delinquente. O perdão, em contrapar-

tida, realiza suas potencialidades quando implica uma transformação interior, tanto no ofendido que oferece o perdão como no ofensor que o recebe no arrependimento. Esta transformação, que se veri-



Se talvez a anistia seja tolerável em situações-limite, tem que ser como algo totalmente alheio ao que é o perdão

fica nas condutas correspondentes, faz desnecessário o castigo. Isto supõe, em quem perdoa, que desativa suas emoções de ódio e ressentimento. Também alenta a possibilidade de que quem causou o dano se transforme, seja uma nova pessoa. E aquele que pede honestamente perdão, supõe que se reconheça com dor, como vítima sua, a quem vitimou, e que está em disposição não só de dizê-lo, mas de reparar o dano no que puder.

Segundo isto, pareceria que justiça e perdão são realidades heterogêneas. Entretanto, isto ocorre unicamente quando se tem uma concepção rigorosamente retributiva da justiça, a que reclama que se castigue sem exceção ao apenado com um dano igual em intensidade ao que ele causou. O “espírito do perdão” - que não o perdão como tal - começa a aparecer na justiça quando esta é humanizada, quando com a pena não persegue unicamente o bem da ordem social senão que se preocupa com a restauração da vítima. E, também, quando não pretende unicamente castigar quem cometeu um crime. Assim, por um lado, evita castigos desumanos e, por outro, quer que se reabilite e tem em conta seus avanços para reduzir o castigo.

Complementaridade entre justiça e perdão

Outro nexos importante entre justiça e perdão se dá quando se estabelece uma complementaridade entre eles. Por um lado, a justiça penal faz sua tarefa, de forma humana e baseada no respeito aos direitos humanos. Por outro lado, o criminoso que se submete a ela

e sua vítima, apoiados no que seja preciso, realizam entre eles, voluntariamente e com autenticidade, encontros restaurativos inspirados no perdão. Assim, estes encontros conseguem o que nem a melhor justiça penal pode realizar. Deve-se esclarecer que estes encontros não “igualam” a vítima e quem cometeu o crime, pois ambos percorrem processos assimétricos: pede-se à vítima que afine moralmente seus sentimentos para com quem lhe fez o dano. Enquanto o criminoso tem que fazer um processo que lhe leve da autojustificação de seu delito - especialmente orgulhosa no que tem motivação política - à traumática confissão honesta de sua culpabilidade. Neste sentido, o ciclo completo do perdão é a mais radical negação da impunidade.

De todos os modos, se aspiramos a que a justiça e o perdão tenham um nexos mais intenso e interno - que o perdão esteja *dentro* dos processos de justiça -, é necessário que a justiça como tal seja transformada para passar a ser justiça restaurativa. Uma justiça que não consiste em igualar no delinquente o mal sofrido com o castigo e o mal cometido, senão em restaurar a todos os implicados no delito, com processos diferentes segundo sua situação. O qual se consegue através do protagonismo de todos eles, mas, especialmente, das relações entre a vítima e a pessoa que cometeu o crime (espaço específico do perdão), com a vigilância, garantia e amparo das instituições públicas. Estão ocorrendo interessantes avanços reflexivos e sugestões práticas nesta nova modalidade de justiça, mas nos resta ainda muito caminho a percorrer.

IHU On-Line - Até que ponto é possível perdoar em nome daqueles que já se foram e que não podem testemunhar sobre a injustiça sofrida?

Xabier Etxeberria Mauleon - Propriamente falando, perdoa quem tem sofrido o dano injusto, a quem o causou e pelo que lhe tenha feito. Ninguém pode perdoar em nome de outro. Se alguém matou o meu pai, eu posso perdoar ao seu assassino o dano que ele causou em mim. Mas o assassinato quem teria que perdoar é o assassinado - meu pai -, que já não está aqui para fazê-lo. O mais que posso dizer a quem o matou, se é verdade, é que penso que, pelo que conhecia de meu pai, tinha uma profunda disposição para perdoar. O assassinato, além de quebrar a vida, quebra muitas possibilidades valiosas.

Isso não tira o valor ao assassino que se arrepende sinceramente. Este arrependimento expressado publicamente tem um efeito reparador ao assassinado: este não pode testemunhar a injustiça sofrida, mas quem o matou sim, ao reconhecê-la como tal, ao reconhecer o assassinado como sua vítima. No entanto, nada disso tira que, com seu ato destruidor da vida, bloqueou a si mesmo a possibilidade de que seu arrependimento fosse acolhido por quem mais possa interessar-lhe, sua vítima.

Pseudoperdão da anistia

O que passa a ser inadequado é que as autoridades públicas pretendam “perdoar por representação”. Isso através das chamadas “medidas de graça”, quando as consideram como medidas de perdão. Aqui me refiro especialmente à anistia. Esta, ao suspender a aplicação de uma lei penal durante um tempo a um determinado coletivo de pessoas que a violaram, faz com que não existam juridicamente criminosos e também que não existam juridicamente vítimas. Que isto se interprete como perdão - quando oficialmente não existe quem tem

que perdoar - quando se faz em nome das vítimas sem contar com elas, quando se “perdoa” a quem cometeu delitos que oficialmente não cometeram (a anistia é um decreto de esquecimento jurídico sobre tudo isso), não é só a maior perversão do que é o perdão, como também supõe uma “revitimização” das vítimas. Se talvez a anistia seja tolerável - não justificável - em situações-limite - algo do que duvido muito -, tem que ser como algo totalmente alheio ao que é o perdão.

Os indultos das penas já atribuídas trazem o esclarecimento dos fatos, que costumam se contemplar na aplicação da justiça transicional, nem devem ser considerados como perdão. Porque, de novo, isso suporia que as autoridades se arrogam a representação das vítimas. No entanto, caso sejam oferecidas em condições adequadas, podem ser aceitáveis em certas circunstâncias, expressando também, ainda que seja parcialmente, o espírito do perdão.

IHU On-Line - Em que medida a justiça e o perdão sedimentam uma cultura da paz fundamental em nosso tempo?

Xabier Etxeberria Mauleon - A cultura de paz deve remeter-se a uma concepção ampla e complexa de paz. Concepção que inclua a superação não só das violências diretas às pessoas, mas também das violências estruturais que se sofrem, especialmente as econômicas, e das violências de discriminação originadas nos preconceitos culturais. Neste sentido, a justiça social, a justiça distributiva de bens e recursos necessários para satisfazer nossas necessidades de modo tal que possamos potencializar nossas capacidades, é fundamental. Também a poderíamos chamar “justiça do reconhecimento”, que se concretiza em reconhecer efetivamente a todas as pessoas sua condição de dignidade, sua identidade diferencial, seja a nível pessoal, seja coletivamente, como grupo identitário.

A justiça diante do delito tem a pretensão mais básica, mas fun-

damental, de garantir uma ordem social na qual respeitemos mutuamente nossas liberdades. Quando castiga, pretende que isso sirva para prevenir novos delitos. Se em sua aplicação respeita os direitos humanos - se não se perverte expressando-se ela mesma como violência - colabora no fomento da paz e em que os cidadãos interiorizem elementos básicos da cultura de paz. Mas quando se expressa como mera justiça retributiva, ou como justiça pura e duramente preventiva, tem graves limitações: o enfoque retributivo pode manter um fundo de referência à vingança (à vítima se lhe oferece a satisfação fundamental de que se castiga quem cometeu o crime contra si); e o enfoque preventivo pode ser duramente utilitarista, castigar só em função da eficácia para a prevenção.

Cultura de Paz

A cultura de paz perante o delito deve aspirar a mais. Deve aspirar que a paz perante o delito se perceba como a plena restauração da vítima e, inclusive, como a recuperação do criminoso, pessoal e para a vida cívica. E é aqui onde o espírito do perdão, com seu ciclo completo de perdão que se oferece generosamente, pode servir de grande inspiração: por um lado, impelindo que se transforme a justiça penal com “ousadia prudente”; por outro lado, alentando iniciativas de perdão na sociedade externas em si à aplicação da justiça, que ofereçam frutos não fáceis de conseguir nesta.

IHU On-Line - Nesse sentido, qual é a importância de uma educação para uma paz reconstruída e compreendida em sua complexidade?

Xabier Etxeberria Mauleon - A cultura de paz se interioriza através da educação para a paz. Não só a que se fomenta nas escolas, também a que se expressa em lugares de educação não regulados, como em associações que incluem iniciativas educativas. Assim como a que

se realiza sem pretendê-lo expressamente em âmbitos informais, como, especialmente, os meios de comunicação em todas suas variantes. Obviamente, sem que esqueça do relevante papel educativo da família, dos grupos informais de iguais, etc. A educação para a paz é complicada porque entre todos estes agentes educativos pode haver notáveis diferenças, quando não fortes contradições.

O ideal seria que todos os agentes, cada um desde o que é, fomentassem uma cultura de paz compreendida em sua complexidade. Uma cultura de paz que poderia formular-se, de outro modo, como a cultura que assume que a paz consiste em todos desfrutarem de todos os direitos humanos, tomados em sua interdependência e indivisibilidade.

Educação para a Paz

De qualquer forma, aqui gostaria de ressaltar uma questão concreta. Grãos de uma paz reconfigurada. Eu falaria também de uma *educação* para a paz reconfigurada. A clássica educação para a paz tem tido muito presente que se deve educar na aprendizagem da resolução ou manejo positivo dos conflitos. E se tem prestado especial atenção às violências dos violentos para enfrentá-las de modo tal que no futuro não tenham lugar. Reconfigurá-la, como proponho, seria dizer: centremos o processo educativo pela paz nas vítimas, não meramente para contemplar nelas o duríssimo e cruel efeito da violência. Senão para que sejam elas as que nos ensinem, para que sejam elas nossas educadoras mais relevantes. Porque será nelas onde compreenderemos decisivamente o que de verdade é a violência, e será também através do testemunho delas como melhor interiorizaremos em nós como temos que afrontá-la (entre outras coisas, não esquecendo as vítimas).

A educação para a paz reconstruída a partir das vítimas dispostas a dar um testemunho moral não politicamente partidário de sua vitimi-

zação nos fará olhar para o futuro a partir do presente, mas assumindo ao mesmo tempo memorialmente o passado. Sei, por experiência, que neste testemunho acaba tendo lugar o perdão, por certo de modo eticamente muito afinado.

IHU On-Line - Como a perspectiva do testemunho das vítimas é importante enquanto referente epistêmico para construir critérios de justiça?

Xabier Etxeberria Mauleon - Ao perguntar-nos de que modo as vítimas são o referencial fundamental no qual os critérios de justiça nos são revelados, podemos distinguir dois momentos: o de seu "estar aí", em sua condição de vítimas, diante de nós, à maneira de "testemunho mudo" enquanto não há palavra, mas muito expressivo na própria materialidade de sua vitimização (aqui entram todas as vítimas, também as assassinadas, especialmente as assassinadas); e o fato de estar nos contando, relatando não meramente o que lhes aconteceu, mas como o vivenciamos e o vivenciamos e que aprendizagens têm extraído de sua experiência (aqui só cabe contemplar as vítimas sobreviventes).

Ver a vítima como vítima

A primeira coisa que necessitamos dizer é que, em ambos os casos, para que seja referencial epistêmico para nós, temos que ser capazes de percebê-las como vítimas. Isto parece muito básico e simples, mas é enormemente difícil. Às vezes, consideramos vítima entre as pessoas próximas de nós quem não o é (por exemplo, nos faz sofrer o fato de alguém ligado a nós estar na prisão, mas não é injustamente, porque se está atuando de acordo com os direitos humanos). Noutra sentido, custa-nos muito perceber como vítimas aquelas que nós fizemos ou que as pessoas próximas de nós fizeram, pois tendemos a considerar justificada a violência que se exerceu contra elas.

A melhor prova de que estamos dispostos a perceber todas as vítimas é quando percebemos as vítimas que nós temos feito. Em qualquer caso, vítima, no sentido moral, é quem sofre *injustamente* segundo o critério dos direitos humanos. Temos que estar dispostos a considerar existencialmente que, desde a perspectiva da solidariedade, todas as vítimas são de todos. E que, desde a perspectiva da não instrumentalização, nenhuma vítima é de ninguém.

“

Todas as vítimas são de todos, nenhuma vítima é de ninguém

Vítimas enquanto referentes epistêmicos

Somente com uma atitude assim as vítimas poderão ser referentes epistêmicos para que os critérios de justiça nos sejam desvelados. Estes critérios se revelarão para nós quando diante das vítimas estejamos em atitude de receptividade, de deixar-nos impactar por sua interpelação. Para o qual precisamos nos despir de todos preconceitos. Também, se revelarão inicialmente "em negativo", na *carência de justiça* que se materializa em seus corpos e psique vulnerados. Diante disso emergirá em nós um espontâneo "não pode ser!", muito emocional - cheio de indignação moral -, mas ao mesmo tempo muito carregado de razão e expresso como convicção: não pode ser a tortura, o assassinato, a marginalização, a exploração, a discriminação, etc. Depois terão de vir a argumentação e o diálogo, para dar forma precisa aos critérios e, especialmente, para que possam ser referências para nossos comportamentos cívicos e das políticas públicas. Mas é fundamental que os critérios não provenham da

consideração abstrata do que é o ser humano, senão do impacto da vítima.

Quando a vítima sobrevivente emite um testemunho falado, é importante distinguir entre o que nele há de testemunho moral estrito, no qual ela tem uma autoridade especial que cabe reconhecer, e outras considerações legítimas que pode fazer. Mas é necessário situar entre as posições partidárias, com as quais se pode entrar em debate. Quando as vítimas intervêm no debate público, algumas decidem situar-se no terreno do testemunho estritamente moral, enquanto outras enlaçam sua experiência com propostas que cabem dentro do pluralismo político legítimo (que exclui reagir com violência à violência sofrida). Cada uma pode tomar a decisão que considere mais oportuna. Em qualquer caso, que as vítimas sobreviventes participem nos processos de educação para a paz, nos debates públicos sobre a justiça, etc. É algo a que têm direito e algo muito fecundo para a sociedade.

IHU On-Line - Qual é a importância da memória no aprofundamento da democracia?

Xabier Etxeberria Mauleon - Respondo à pergunta especificando, primeiro, que vou me referir à memória das violências de motivação política que podem ter acontecido em uma sociedade, sejam provenientes do Estado, sejam contra o Estado. E especificando, em segundo lugar, que penso nesse tipo de memória que reassume a verdade empírica dos fatos com o correspondente juízo moral sobre eles, segundo os critérios dos direitos humanos. Uma memória que, portanto, desmonta as autojustificativas que se deram aos crimes.

Esta memória já é por si mesma parte da justiça e do reconhecimento devidos às vítimas. Mas, como sugere a pergunta, ajuda também no aprofundamento da democracia. Em primeiro lugar, por essa deslegitimação radical da violência, isto é, das dinâmicas antidemocráticas que se aninham

sobre ela. Em segundo lugar, porque especifica muito vivamente um dos horizontes decisivos da democracia: ser um sistema de resolução pacífica dos conflitos, isto é, ser contrário ao sistema de resolução violenta que memoramos como negativo. Em terceiro lugar, porque sempre, entre os violentados que recordamos memorialmente, há pessoas que, sem serem elas violentadoras, têm entregado o melhor de sua vida - às vezes sua própria vida - para gestar a democracia ou consolidá-la.

Em quarto lugar, porque a memória nos ajuda a viver uma democracia que integra as gerações: quando está presente, não somente se decide pensando nas futuras gerações - por exemplo, em temas ecológicos - senão também pensando nas passadas, de uma maneira especial nas vítimas, oferecendo-lhes os reconhecimentos e reparações que se precisem. Por último, porque uma democracia que integra memorialmente as suas vítimas, que assume valores como estes, não é uma democracia meramente agregativa (na qual comanda o interesse particular que mais votos reúne), senão que é uma democracia que alenta um interesse público que transborda nossos interesses particulares. Obviamente, sempre sem ferir as liberdades, como nos recordam precisamente as vítimas que têm sofrido.

IHU On-Line - De que maneira o direito à memória se configura como um direito à defesa da vida?

Xabier Etxeberria Mauleon - Normalmente, o *direito* à memória, em uma comunidade política, se apresenta como um direito das vítimas. Sobretudo, direito das vítimas que foram assassinadas: o único reconhecimento que lhes podemos dar é através da memória social, histórica, judicial, assim como das iniciativas ligadas a ela. A única reparação que lhes podemos oferecer é a reparação memorial. Mas, também, a memória é direito das vítimas sobreviventes, pois também é em si reconhecimento e reparação delas e, também, é con-

dição de possibilidade de outras modalidades de reparação. Por outro lado, a memória é condição do perdão: só se perdoa o que se recorda, ainda que nem todo recordar seja alentador do perdão.

Em meu contexto de reflexão e intervenção social não se costuma falar de memória como expressão de um direito à defesa da vida. A memória do passado violento, do aplastamento da vida, vivida pelas vítimas e seus achegados, pode incentivar-nos em uma dupla direção, segundo as emoções e as convicções que a configurem. Se está configurada pelo ódio e pelo ressentimento puros, não confrontados eticamente, arrastará à violência vingativa, quanto maior melhor, isto é, não só não expressará o direito à vida senão que o contradirá. Se está configurada pela lógica retributiva, que considera que a justiça se realiza quando quem violentou a vida deve sofrer uma violência similar, será uma memória que, por um lado, aceitará de bom grado o castigo penal - inclusive a pena de morte -, mas, por outro lado, considerará que com isso se previnam assassinatos futuros.

Estritamente falando, creio que unicamente a memória que se configura de modo tal que, sendo fiel aos fatos, os emoldura em sentimentos e convicções que arrastam o criminoso a sofrer moralmente pelo que fez e à vítima a oferecer uma oportunidade de regeneração a quem cometeu crime. Isto é, emoldura-os em dinâmicas próprias de perdão e arrependimento. Só essa memória é memória que expressa e realiza em sentido pleno o direito à defesa da vida.

IHU On-Line - Apesar dos avanços obtidos através da memória e da justiça, a intolerância e a violência ressurgem periodicamente. Como compreender esse paradoxo em um tempo tão avançado tecnicamente e indigente em termos éticos?

Xabier Etxeberria Mauleon - Os avanços técnicos, por si, são avanços no âmbito dos meios. Ainda que quando são muito espeta-

culares e impregnam toda nossa vida, tendem a converter-se em fins, a ser considerados fonte de sentido. Então se faz depender, tanto a plenitude da vida pessoal como o desenvolvimento social, de nossa mera tecnologização. Mas, repito, os avanços técnicos são meios, meios enormemente potentes. Como tais, podem servir tanto para a justiça como para a injustiça, para a tolerância como para a intolerância. Concretamente, nunca podemos exercer factualmente tanta violência como agora, precisamente porque a técnica faz possíveis violências antes impossíveis.

Técnica

Isto reclama que a técnica, em sua orientação a fins, esteja comandada pela ética, pelos valores morais, pelos critérios de justiça. Para mim, é difícil fazer uma valorização a respeito, se agora temos menos valores que antes em relação à atividade violenta. Podemos pensar que há um universalismo dos direitos humanos, nos quais inserimos os avanços na justiça e memória, que é compartilhado por uma porcentagem muito importante da humanidade e que antes não se dava. Um universalismo que é um forte antídoto contra a violência. Mas também é certo que essas enormes violências que começaram com a primeira guerra mundial antes não existiam; ainda que caiba a pergunta se não existiam porque os humanos não dispunham de uma potente tecnologia para matar.

De qualquer forma, o que nos importa é destacar, por um lado, que devemos trabalhar intensamente pelo enraizamento dos direitos humanos em todas as coletividades políticas e nos cidadãos concretos. Direitos convenientemente inculcados quando se precise. E, por outro lado, que temos de ser conscientes de que hoje em dia a referência aos valores de paz é cada vez mais necessária e urgente porque as possibilidades de destruição se multiplicam indefinidamente devido à eficácia da tecnologia.

IHU On-Line - Qual é a peculiaridade da justiça de transição na Espanha e na Europa como um todo?

Xabier Etxebarria Mauleon - Talvez, a Europa seja o lugar onde tivemos mais situações transicionais, mais do que na América Latina. Por um lado está a transição da ditadura militar à democracia em países como Grécia, Portugal e Espanha. Por outro lado, está a transição da ditadura comunista à democracia, nos Estados da Europa Oriental. Por último, em escala menor, têm surgido situações transicionais diante do final de expressões terroristas diversas, especialmente do IRA¹ na Irlanda e da ETA² na Espanha.

1 Exército Republicano Irlandês (IRA) (do inglês Irish Republican Army): grupo paramilitar católico e reintegracionista, que pretendia separar a Irlanda do Norte do Reino Unido e reanexar-se à República da Irlanda. Outrora recorreu a métodos terroristas, principalmente ataques bombistas e emboscadas com armas de fogo, e tinha como alvos tradicionais protestantes, políticos unionistas e representantes do governo britânico. O IRA tinha ligações com outros grupos nacionalistas irlandeses e um braço político: o partido nacionalista Sinn Féin (“Nós Próprios”). Ao longo de mais de duas décadas de luta armada, ocorreram mais de 3500 mortes. A principal razão pela qual o IRA lutava era a igualdade religiosa, visto que 75% da população norte-irlandesa era protestante e o pouco que restava, católica, o que fazia com que houvesse desigualdade e preconceito entre as religiões. Como os protestantes eram maioria, decidiam candidaturas políticas e plebiscitos, entre outros, impedindo que a vontade católica se manifestasse. Em 28 de Julho de 2005, o IRA anuncia o fim da “luta armada” e a entrega de armas. O processo de entrega de armas terminou em 26 de Setembro de 2005. Todo o processo de desmantelamento do armamento foi orientado pelo chefe da Comissão Internacional de Desarmamento, o general canadiano John de Chastelain. Porém, grupos de dissidentes que não aceitavam a resolução pacífica da questão política continuam tentando realizar atentados terroristas, sem sucesso. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Euskadi Ta Askatasuna (basco para Pátria Basca e Liberdade, mais conhecida pela sigla ETA): organização nacionalista basca armada. É a principal organização do Movimento de Libertação Nacional Basco e o principal ator do chamado conflito basco. Foi fundada em 1959 como um grupo de promoção da cultura basca. No final dos anos 1960, evoluiu para uma organização, paramilitar separatista, lutando pela independência da região histórica do País Basco (Euskal Herria), cujo antigo território atualmente se distribui entre a Espanha e a França. Ao mesmo tempo, a ETA assumiu uma ideologia marxista-leninista revolucionária. É classificada como um organização terrorista pelos gover-

Da ditadura à democracia

Pensando nos dois primeiros tipos de transição e vistos com o olho de um analista social, poderia se dizer que o que há dominado para definir como se realizava a transição (quanta justiça retributiva se impunha e quanto “perdão-esquecimento” se assumia) tem sido a relação de forças que existia entre expoentes do regime que fenecia e da democracia que emergia: quanto mais força tinham os do antigo regime, mais (falso) perdão e esquecimento oficial - instigador do esquecimento social - havia. Os mesmos analistas distinguem três modelos de transição.

“

O direito à memória, em uma comunidade política, se apresenta como um direito das vítimas

Colapso

Em primeiro lugar, temos o modelo *colapso*, no qual cai o antigo regime por derrotas ou pressões externas, militares ou de outro tipo (caso da Grécia e, em boa

nos da Espanha, da França, do Reino Unido dos Estados Unidos e pela União Europeia em bloco. Em geral, a mídia doméstica e internacional também se refere aos integrantes do grupo como “terroristas”. A organização reivindica a zona do nordeste da Espanha e do sudoeste da França, na região montanhosa junto aos Pirenéus, virada para o Golfo de Biscaia, região denominada por Euskal Herria (País Basco). A ETA reivindica, em território espanhol, a região chamada Hegoalde ou País Basco do Sul, que é constituído por Álava, Biscaia, Guipúscoa e Navarra; também reivindica, em território francês, a região chamada Iparralde ou País Basco do Norte, que é constituído pelos territórios históricos de Labourd, Baixa Navarra e Soule. (Nota da **IHU On-Line**)

medida da Alemanha Oriental). Isto significa que o poder antigo fica muito debilitado, o que, em teoria, permite ao novo transmitir mais justiça penal e realizar mais expurgos administrativos. Assim tem sido, mas sempre dentro da “moderação”.

Negociação

Em segundo lugar, temos o modelo *negociação*, próprio de situações nas quais há equilíbrio de poderes entre o poder que é destituído e o poder que será empossado, com o que a repressão sobre o que sai acaba sendo simbólica.

Transição

Em terceiro lugar, temos o modelo *transição*, no qual líderes transformados que provêm do poder antigo e que conseguem pactos com líderes do novo poder (o caso mais representativo é a Espanha) conduzem o passo do poder ditatorial ao democrático: dado o caráter pactuado de todo o processo, onde todos encontram um acordo compartilhado para a saída jurídica é na anistia geral.

Apagamento das vítimas

Como se vê, o esquecimento das vítimas das ditaduras nos processos de transição tem sido fortíssimo. Elas praticamente não têm existido no processo. A justiça transicional, no que tem de justiça, tem sido muito escassa, e no que tem de esquecimento sem nenhum tipo de condições que o moralizem minimamente, tem sido elevadíssima. Obviamente, se alega uma razão moral para justificar tudo isso: que tal estratégia era necessária para que acontecesse a paz e a democracia, que se não se assumisse se prolongava a violência estrutural dos Estados.

No entanto, isto desde hoje, essa suposta necessidade *extrema* é mais que duvidosa. O que funcionou foi o esquecimento cômodo da vítima, que nem sequer a tivessem

seriamente em conta para fazer o "cálculo estratégico". Esquecimento favorecido em muitos casos pelo amplo tempo que durava a ditadura, que havia favorecido que as vítimas massivas dos primeiros tempos tivessem morrido ou se tivessem calado totalmente pelo terror.

O que mudou nas situações transicionais com ocasião do fim do terrorismo de ETA e IRA tem sido precisamente a emergência e a participação social de suas vítimas. Estabeleceram-se negociações nas que a justiça transicional estava presente de modo latente. E no final do IRA há justiça transicional, mas ao mesmo tempo atenção às vítimas. No final da ETA, fracassadas as negociações anteriores, ninguém - salvo eles mesmos - contempla uma justiça transicional. Só está a via da justiça penal ordinária, que alguns gostariam que se completasse com aproximações à justiça restaurativa.

Mais justiça penal. Melhor democracia?

O que têm de moralmente insuficiente nos dois primeiros tipos de processos transicionais, comparando às experiências reais que se teve (incluamos já aqui a América Latina), é que não necessariamente, à primeira vista, fazer mais justiça penal parece desembocar em uma melhor democracia. Isto deve nos ensinar duas coisas: em primeiro lugar, que democracias tranquilas que se acomodam no esquecimento das vítimas se acomodam em uma injustiça da qual devem prestar conta e remediar dentro do possível. Em alguns casos, os descendentes dessas vítimas, como na Espanha os "netos", alçam voz para recordar-nos isso. Em segundo lugar, temos que aprender que não basta o mero fazer justiça retributiva para que não haja impunidade e advenha uma democracia e uma paz positiva. Temos que ser conscientes de que fazer uma justiça penal afinada (o espírito do perdão pode ajudar muito)

e, além disso, muitas outras coisas mais, nas quais não vou entrar neste momento, relativas à conscientização cidadã.

IHU On-Line - A partir de uma perspectiva dos milhares de refugiados que aportam na Europa a cada ano, quais são os desafios que se apresentam na construção de um referencial de justiça e paz na União Europeia?

Xabier Etxebarria Mauleon - A chegada massiva de refugiados com demanda de asilo à Europa, especialmente da Síria e Iraque, mas não só, está sendo um fato político maior para os europeus. A nós, que queremos remeter-nos aos direitos humanos indivisíveis e interdependentes como sinal de identidade compartilhada, mais além das identidades nacionais ou englobando-as, nos questiona o modo como realmente os respeitamos: ainda tratamos de cumprir com uma moldura nacional, com uma moldura europeia, ou com uma moldura internacional quando se precisa?

Inicialmente, as reações diversas da maioria dos responsáveis políticos dos Estados têm mostrado que ainda tendemos a cumprir com uma moldura prioritariamente nacional, como "justiça nacional". O que se traduz em resistência a aceitar refugiados que compliquem com nossos padrões de vida, nossa repartição interna de bem-estar, nossas identidades culturais tradicionais. Isto é, nossas condutas têm mostrado que seguimos sem ter uma disposição adequada a favor da justiça global. Essa justiça, que teria de nos impulsionar a fazer o que estivesse em nossas mãos para remediar as carências graves e as violações massivas de direitos humanos que sofrem grandes setores das populações de qualquer parte do mundo, algumas dessas muito próximas a nós geograficamente.

Certamente, por trás do impacto das notícias visuais dos meios de comunicação, que têm permitido aproximar-nos à grande crueldade da fuga dos refugiados

e aos obstáculos que institucionalmente lhes colocamos, houve, em setores relevantes da população civil e em instâncias de governo menores, como as prefeituras, uma reação espontânea a favor da acolhida dos refugiados. Esta reação tem impulsionado um setor de responsáveis públicos a abrir ainda mais as possibilidades de acolhida, ainda que de forma tímida. Isso nos mostra que, desde a sociedade civil organizada, podemos ter ainda incidência, nestes tempos no qual parece que tudo está regido pelas grandes dinâmicas estruturais do mercado globalizado.

Acolhida mesquinha

No entanto, por outro lado, estas pequenas luzes ainda estão acompanhadas de grandes sombras. A disposição para maior acolhida aos refugiados continua sendo mesquinha. O reconhecimento do direito de asilo que assiste aos refugiados segundo o direito internacional dos direitos humanos ainda continua sem ser efetivo. Paradoxalmente, abrir mais a mão para que entrem mais refugiados de zonas de conflito implica fechá-la com mais dureza aos imigrantes de motivação econômica que vêm especialmente da África.

Violência da Fome

É certo que o direito internacional não os ampara como ampara a quem foge da violência da perseguição e da guerra. Mas não é algo similar fugir da violência mortífera da fome? Em teoria, se é consciente de que o que nos reclama a justiça com alcance internacional pede uma colaboração firme para melhorar as coisas, segundo a escala dos direitos humanos e respeitando-os, no ponto de saída, para que finalize a guerra na Síria, Iraque ou Afeganistão, para que haja desenvolvimento econômico-social na África. Inclusive reconhecendo que não é fácil tomar iniciativas eficazes e adequadas, nossos esforços continuam sendo muito pequenos

e com frequência contraditórios, motivados pelos egoísmos nacionais. Precisamos a confluência de uma sociedade civil muito ativa a favor desta justiça internacional e de líderes políticos que transbordem suas perspectivas de curto prazo e nacionalistas. Tomara consigamos que as tímidas esperanças que emergem da sociedade civil se consolidem e se expandam.

IHU On-Line - No caso das populações indígenas remanescentes na América Latina, como se pode falar em justiça e perdão frente à situação de calamidade em que continuam vivendo?

Xabier Etxeberria Mauleon - Respondo tua pergunta distinguindo entre o momento presente, isto é, o momento no qual os opressores dos povos indígenas estão vivos, e o momento passado, no qual podemos nos remontar até a conquista e a colonização. E distinguindo também entre opressões feitas por estritas iniciativas de pessoas concretas (por grupos de pessoas com a correspondente liderança) e opressões feitas através das estruturas econômicas, políticas e religiosas afetando negativamente as comunidades indígenas.

Reconhecer o indígena

Diante deste panorama, em conjunto, aos que oprimem ou marginalizam e discriminam os povos indígenas, o que lhes corresponde é tomar as iniciativas que dependem deles para que se realize a justiça, tanto em seu nível distributivo como penal humanizado. Essas iniciativas devem incluir expressão de reconhecimento dos indígenas como vítimas deles, dor sincera pelo dano que lhes causou e disposição efetiva à reparação. Como se vê, dimensões de arrependimento que têm de se expressar em geral publicamente.

Por outro lado, neste fazer justiça frente à injustiça, há que reconhecer aos povos indígenas seu direito ao autogoverno, proclamado na Declaração dos Direitos dos Po-

vos Indígenas das Nações Unidas.³ Este direito significa que eles têm de ser não só receptores da justiça, senão protagonistas dela diante das injustiças que têm sofrido em coordenação com o Estado quando se precise. Obviamente, sempre alentados ambos pela intenção honesta de respeitar o que pedem os direitos humanos, que são universais, mas que realizam esta universalidade em inculturações abertas a pluralidades legítimas.

“

O esquecimento das vítimas das ditaduras nos processos de transição tem sido fortíssimo

Perdão

Como fazer conexão com o perdão? A quem corresponde pedir perdão com sinceridade e autenticidade é, evidentemente, aos violentos. Há neste ato uma obrigação moral, tanto em seu nível pessoal como cívico. Aos povos indígenas corresponde perdoá-los. Há que reconhecer, com respeito empático que inibe todo forçamento social ao perdão, que não tem obrigação pública de perdoar, que não tem mais obrigação que a de não responder a rupturas de direitos hu-

3 Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas das Nações Unidas: aprovada pela Assembleia Geral em 2007, a Declaração define os direitos individuais e coletivos para a cultura, a linguagem, a educação, a identidade, o emprego ea saúde, resolvendo assim problemas pós-coloniais que confrontaram povos indígenas ao longo dos séculos. A declaração visa manter, reforçar e incentivar o crescimento das instituições, culturas e tradições indígenas. Também proíbe a discriminação contra os povos indígenas e promove a sua participação ativa em matérias que dizem respeito a seu passado, presente e futuro. (Nota da IHU On-Line)

manos com ações que inviabilizam estes direitos em outros.

Da minha parte, defendo o valor de avançar até dinâmicas de perdão pedido e oferecido, restauradoras para seus protagonistas que, no caso dos povos indígenas, deverão estar configuradas por suas sensibilidades culturais específicas de respeito ao modo de entender o perdão. Mas com a condição decisiva de que não substituam senão que completem e plenifiquem as medidas de reconhecimento e reparação devidos. A partir daí se poderão fazer propostas de humanização radical da justiça diante do delito, inspiradas no perdão.

Respostas à violência

Comecei respondendo a esta pergunta com algumas distinções. Retomo-as agora. Quando as expressões de violência são atuais e intersubjetivas, as dinâmicas de justiça e perdão têm de ser conformes com esta intersubjetividade. Quando a violência é estrutural, essas dinâmicas precisam ter alcance estrutural. Adquirem uma dimensão coletiva, com frequência expressamente pública - quando estão implicadas as estruturas do Estado. Evidentemente, nestas dinâmicas, os responsáveis das estruturas em questão têm uma responsabilidade também especial, mas todos os que participam em torná-las efetivas, em que funcionem, têm de assumir sua cota de responsabilidade.

Perspectiva histórica

Por último, está a perspectiva histórica. Nesta, os indígenas que sofreram enormemente, inclusive até sofrer o genocídio, já não estão para reclamar justiça nem perdoar. Tampouco estão os que cometeram essas violências. Somos seus descendentes. A responsabilidade destes descendentes pela história passada é complexa, mas existe. Tratando de fazer-se responsável, os representantes atuais dos violentados e dos perpetrados

dores podem implementar dinâmicas de perdão e de reparação, com relevantes possibilidades de restauração.

Todas as situações e possibilidades de iniciativa diversas que surgem das distinções consideradas sugerem questões relevantes à colocação em prática da justiça e do perdão, introduzem modulações específicas. Mas em uma entrevista não posso fazer-me responsável por isso.

IHU On-Line - Como a injustiça afeta a identidade coletiva dos povos originários?

Xabier Etxeberria Mauleon - As identidades coletivas, e em boa medida as individuais, se constroem através de uma interação entre três fatores. Por um lado, através do enraizamento cultural nas identidades das que nos reconhecemos membros, em geral através da socialização. Por outro lado, através do reconhecimento dos outros: nos autoidentificamos afetados pelas heteroidentificações dos demais, especialmente os que têm poder e influência. Por último, através de nossas iniciativas, individuais e coletivas, que emergem da liberdade, nos permitem gerir a nosso modo, crítica e criativamente, a contribuição dos outros dois fatores e, além disso, nos abrem a encontros com outras identidades coletivas das quais podemos aprender e com as quais podemos contribuir.

Constrói-se positivamente uma identidade quando se estabelece uma relação triangular, não hierarquizada entre os três fatores. Cada um deles vem a ser um ângulo do triângulo. Assim, cada ângulo se materializa incluindo os outros dois. O enraizamento cultural será positivo se, ao realizar-se, inclui

um bom heterorreconhecimento da cultura de referência e se esta é de tal natureza que não enclausura forçadamente nela, que inclui a abertura à liberdade. O reconhecimento será adequado se é reconhecimento do valor da cultura do outro e se não bloqueia sua liberdade. Esta liberdade deixará de ser meramente formal quando tiver um espaço e uma referência para exercitar-se, para dar sentido às escolhas, espaço que encontre nos enraizamentos culturais abertura a outras culturas, assim como em reconhecimento da capacidade de liberdade.

Injustiças

Pois bem, as injustiças que os povos indígenas têm sofrido e sofrem são violências que forçam a desestruturar o funcionamento positivo do triângulo identitário, ferindo gravemente e, às vezes, matando - "culturicídio" - a vivência e afiançamento da identidade coletiva. Já a conquista e colonização supôs um enorme e duríssimo mau reconhecimento da identidade cultural dos indígenas, que ia desde o menosprezo à demonização, não só de suas culturas em si senão de quem eram seus portadores, com uma expressão estrutural que durou séculos e que continuou no fundamental quando se constituíram Estados independentes na América Latina. Continua inclusive agora, nos novos menosprezos. Este mau reconhecimento, exercido por quem tem poder e através de meios poderosos, é em si expressão de injustiça cultural, e historicamente tem forçado muitos indígenas, especialmente os que emigravam para as cidades, a ocultar sua identidade, a não transmiti-la a seus filhos. O mau reconhecimento do outro, interiorizado, cria mau reconheci-

mento de si mesmo, desejo de não ser o que se é, não porque assim se quer desde a própria liberdade, pois esta resulta oprimida, senão porque se quer fugir da inferiorização, marginalização e opressão.

IHU On-Line - Em que medida uma ética da diferença é fundamental para um aprofundamento da cultura de paz em nosso mundo?

Xabier Etxeberria Mauleon - Penso que a resposta a esta pergunta se desprende das respostas a duas perguntas precedentes, pelo que não vou me prolongar muito nela. O respeito à diferença é expressão do respeito à liberdade do outro e às criações que faz com sua liberdade. Também é, já quando alcança sua versão empática, expressão do apreço da criatividade humana que se mostra na variedade de atitudes, valores, obras.

Evidentemente, a ética da diferença tem que marcar limites, pois nem toda diferença é moralmente aceitável. Estes limites têm que configurar-se a partir dos direitos humanos. Mas não de uns direitos duramente ocidentalizados em suas expressões e interpretações, senão abertos, à hora de ir concretizando-os e desenvolvendo-os, às aportações das diversas tradições culturais.

Isto supõe que a ética da diferença, expressa nas diversidades culturais e também pessoais, realiza-se adequadamente quando se abre à interculturalidade e ao diálogo. Têm que levar a cabo em condições de equidade e com a intenção de buscar conjuntamente os fundos ético-cívicos que amparem as diferenças legítimas e os enriquecimentos que podemos aportar uns aos outros. ■

LEIA MAIS...

Justiça e Perdão. Artigo de Xabier Etxeberria Mauleon, publicado em **Cadernos IHU ideias**, Ano 13, número 226, de 2015, disponível em <http://bit.ly/1OL0F2k>.

ESTANTE

A ilusão panóptica: Encarcerar e punir nas imperiais cadeias da Província de São Pedro (1850-1888)

“A lei pune, mas a forma de executá-la pode chegar a doses absurdas de castigo”, descreve Tiago da Silva Cesar

Por Ricardo Machado e Leslie Chaves

O processo de formação do sistema carcerário no Rio Grande do Sul durante o período imperial é o foco da obra *A ilusão panóptica: Encarcerar e punir nas imperiais cadeias da Província de São Pedro (1850-1888)* (São Leopoldo: Oikos/Editora Unisinos, 2015). O livro é resultado de uma minuciosa pesquisa realizada pelo historiador Tiago da Silva Cesar. Doutor na área, o professor e pesquisador buscou desvendar o plano de fundo dos primórdios do sistema punitivo gaúcho. “Interessava-me, sobretudo, averiguar quais ideias realmente pesaram durante as campanhas construtivas de estabelecimentos de nova planta, entre 1850 e 1888, conformando em nossos pagos um extenso e intrincado arquipélago de instituições punitivas com miradas e atenções diferenciadas com os reclusos”, explica em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

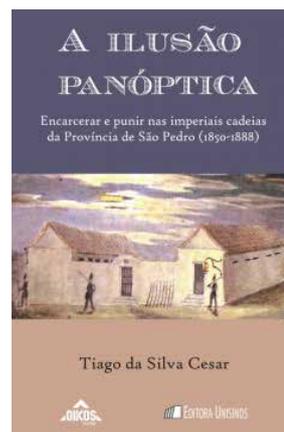
Para Cesar, explorar essa história inicial das prisões no Estado, entre outros aspectos, torna-se relevante porque evidencia um período pregresso aos sistemas de cárcere modernos, o qual é parte importante da construção de um contexto mais amplo do sistema penitenciário. “A cadeia velha aparece como uma espécie de etapa-realidade passada, situada na transição entre os antigos aljubes e a construção das modernas prisões. Acho que tal linearidade acaba escondendo o fato de que foi justamente nessas cadeias velhas e ruínas onde se viveu primeiramente, e com maior incidência, a experiência histórica do encarceramento. O que proponho, apenas, é superar essa miragem a qual chamei de ‘ilusão panóptica’, partindo de uma mirada que não se prenda unicamen-

te no ‘oásis’, mas que valorize também a extensão do ‘deserto’. O oásis aqui seria essas grandes prisões, chamativas desde o ponto de vista investigativo, não cabe dúvida, mas poucas e recentes em comparação com as acanhadas cadeias que realmente formavam a malha prisional provincial (o deserto do qual ainda pouco se sabe)”, ressalta.

Durante as pesquisas para a escrita de “A ilusão panóptica”, o autor constatou que o Brasil foi pioneiro na implantação de estabelecimentos correccionais na América Latina e também em relação a muitos países europeus. Ainda, evidenciou uma realidade que, mesmo com o passar do tempo, não sofreu muitas modificações: “Do indivíduo que alimentava o sistema prisional na segunda metade do século XIX, eu diria, baseando-me nas fontes trabalhadas, que a carne presidiária por excelência era do sexo masculino, jovem, solteiro, negro ou não branco, e pobre. Talvez não muito distante do perfil da população carcerária dos dias de hoje”, aponta.

Tiago da Silva Cesar tem toda sua formação centrada na História. Nessa área é doutor pela Universidade de Córdoba - UCO, Espanha, mestre e graduado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Atualmente é professor do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Pernambuco - Unicap.

Confira a entrevista.





O sistema penitenciário dos oitocentos não se caracterizava por uma homogeneidade de estabelecimentos

IHU On-Line - Do que se trata seu livro, *A ilusão panóptica: Encarcerar e punir nas imperiais cadeias da Província de São Pedro (1850-1888)* (São Leopoldo: Oikos/Editora Unisinos, 2015)?

Tiago da Silva Cesar - Em *A ilusão panóptica* analisei o processo de formação do aparelho carcerário sul-rio-grandense durante o período imperial. Interessava-me, sobretudo, averiguar quais ideias realmente pesaram durante as campanhas construtivas de estabelecimentos de nova planta, entre 1850 e 1888, conformando em nossos pagos um extenso e intrincado arquipélago de instituições punitivas com miradas e atenções diferenciadas com os reclusos. Eu busquei com esse enfoque colocar a Casa de Correção de Porto Alegre¹, então símbolo da reforma penitenciária oitocentista em terras gaúchas, como uma engrenagem a mais do sistema, já que nem todos os presos da província acabavam entre suas grades.

¹ Casa de Correção de Porto Alegre: foi construída à margem do rio Guaíba para substituir a Cadeia Velha em 1855, que já havia sido desativada em 1841, pelas péssimas condições de insalubridade e maus-tratos aos presos, denunciadas por uma Comissão do Império em 1831, que apontou a necessidade de transferir os mesmos para um lugar mais apropriado para cumprirem suas sentenças. A autorização para a construção da Casa de Correção foi dada ainda em 1835, mas em razão da Revolução Farroupilha, só veio a ser retomada em 1845. O local escolhido para a construção foi a Praia do Arsenal, na ponta do promontório da cidade, que formava um ângulo agudo no rio Guaíba e que foi selecionado por oferecer melhores condições de higiene, fácil acesso à água, solo rochoso para a base dos seus alicerces e o isolamento. (Nota da IHU On-Line)

O panoptismo² lido através de *Vigiar e Punir: O nascimento da prisão* (Petrópolis: Vozes, 1987) fez com que os historiadores se debruçassem especialmente sobre as prisões modelo ou centrais (Casas de Correção, Casa de Prisão com Trabalho e Penitenciárias), em detrimento das ruinosas, estreitas e insalubres cadeias municipais/comarcais que, em realidade, constituíam a regra prisional durante os oitocentos. É comum encontramos trabalhos em que a “cadeia velha” aparece como uma espécie de etapa-realidade passada, situada na transição entre os antigos aljubes e a construção das modernas prisões. Acho que tal linearidade acaba escondendo o fato de que foi justamente nessas cadeias velhas e ruinosas onde se viveu primeiramente, e com maior incidência, a experiência histórica do encarceramento.

² Panóptico – panoptismo: originalmente criado pelo filósofo e jurista Jeremy Bentham, o panoptismo seria uma forma privilegiada de olhar, uma vigilância que gera controle, ou seja, um olhar vigilante e controlador sobre os corpos no espaço. Através desta perspectiva, Bentham criou o panóptico, o conceito de um projeto arquitetônico que tem por fim vigiar e observar todos os prisioneiros dentro de um centro penitenciário, seria uma forma mais econômica de vigilância, pois se utilizaria apenas de um guarda, que observaria os detentos dentro de um lugar estrategicamente localizada. O Panoptismo corresponde à observação total produzindo poder disciplinador na vida de um indivíduo, que também foi percebida por Foucault (1987) como promotor de uma “Sociedade Disciplinar”, consistindo essencialmente um modelo de controle social por meio da reunião de muitas técnicas de separação, de vigilância, de monitoramento, de controle, que se rizomatizam pelas sociedades a partir de uma cadeia hierárquica vindo do poder central. (Nota da IHU On-Line)

Quero deixar claro que não é minha intenção desmerecer tais trabalhos, ainda mais quando constituem contribuições singulares para a História das Prisões. O que proponho, apenas, é superar essa miragem a qual chamei de “ilusão panóptica”, partindo de uma mirada que não se prenda unicamente no “oásis”, mas que valorize também a extensão do “deserto”. O oásis aqui seria essas grandes prisões, chamativas desde o ponto de vista investigativo, não cabe dúvida, mas poucas e recentes em comparação com as acanhadas cadeias que realmente formavam a malha prisional provincial (o deserto do qual ainda pouco se sabe).

O livro trata ademais das condições e mazelas carcerárias sofridas pelos reclusos, independentemente da sua condição jurídica. Formas de resistência e de existência, portanto, não de mera sobrevivência, foram analisadas juntamente com aqueles elementos mais caros à vida em privação de liberdade, como: alimentação, vestimentas, asseio pessoal, atenções médico-hospitalares dispensadas, etc. Espero ter logrado reconstruir parte significativa da teia relacional surgida da interação entre o intra e o extramuros, ou seja, entre esses estabelecimentos e seus ocupantes, e as autoridades estatais, instituições (polícia, exército, igreja, hospitais, etc.), e a própria sociedade através de formas, agentes e maneiras diversas de contato e projeções mentais.

IHU On-Line - Historicamente, como se constituiu o sistema carcerário no Rio Grande do Sul? Que particularidades dizem respeito à realidade da Província de São Pedro?

Tiago da Silva Cesar - O sistema carcerário rio-grandense, assim como o de outras províncias imperiais, se constituiu a partir da promulgação do Código Criminal de 1830, quando a privação de liberdade passou a ser pena de fato. Isso não significa que antes não existissem cadeias, o que mudou com a codificação penal foi a es-

tipulação formal de seu uso como penalidade, dado que antes serviam, na maioria dos casos, para reter o réu até seu julgamento e sentença propriamente dita.

Quando a pena de privação de liberdade se tornou a rainha das formas penais do Estado Liberal, se gerou uma demanda de espaços prisionais que só aumentou com as inovações trazidas com o Código do Processo Criminal de 1832. Este último estipulou que os réus fossem julgados pelo Júri do seu domicílio, ou no lugar onde haviam cometido o crime. Dispensa dizer que tais determinações fizeram com que muitos municípios que não dispunham de cadeia (escusados pela escassez de verbas ou à raiz da falta de rigor por parte dos Ouvidores de Comarcas que deviam fiscalizar a construção de cadeias, além da Casa de Câmara, segundo os alvarás de criações de vilas), tivessem da noite para o dia que adaptar edifícios, alugar, ou passar a requerer recursos provinciais para a construção de edificações próprias.

Dito isso, poderíamos nos fazer outra pergunta: se a partir de 1830/32 se gerou uma demanda por espaços prisionais, por que o livro arranca somente em 1850? A resposta é simples. A demanda aumentou, mas graças às agitações políticas que atravessaram o Império durante o período regencial, e inclusive depois, com a Praieira, em Recife/PE (1848-1850), se pode dizer que não houve até 1850 umas condições ideais para se atender tal demanda, por outra parte, de extrema importância para a canalização do exercício punitivo pelo Estado. Vale lembrar que a construção da Casa de Correção de Porto Alegre teve que ser adiada pela Farroupilha (1835-1845), e, no final do conflito, a prisão da futura Pelotas que estava sendo levantada em meados da década de 1830 encontrava-se em ruínas. Assim, não deve ser de estranhar que tenha sido durante a década de 1850 que se tenha posto realmente em marcha uma autêntica campanha construtiva de cárceres na província, a fim de dotá-la efetivamente de um

aparelho penal-carcerário acorde com as demandas da época.

IHU On-Line - Que modelos de sistema carcerário foram implantados no Brasil Imperial, especialmente no Sul?

Tiago da Silva Cesar - Devo começar dizendo que o sistema penitenciário dos oitocentos não se caracterizava por uma homogeneidade de estabelecimentos, padronização de regulamentos e suprimento das necessidades diárias de funcionamento das instituições e manutenção dos presos. E tudo isso graças ao artigo 10, parágrafo 9, do Ato Adicional de 1834, que delegou às Assembleias Legislativas Provinciais a incumbência de legislar sobre a construção de prisões e casas de correção, além do regime a ser nelas adotado. Podemos, portanto, imaginar o resultado dessa medida, que deixava o assunto completamente nas mãos dos presidentes da província.

Para o caso rio-grandense, sabemos que alguns presidentes (influenciados pela reforma penitenciária oitocentista) cogitaram desde muito cedo a ideia de construir várias prisões de caráter correccional. Os estabelecimentos correccionais se diferenciavam dos demais espaços prisionais por proporcionarem aos reclusos elementos que - assim o entendiam seus idealizadores e defensores - incidiam sobre sua emenda moral e de conduta. Segundo a ideologia correccional, não bastava apenas privar o homem delinquente de sua liberdade, também se fazia necessário oferecer-lhe meios/instrumentos para sua *regeneração*. Esses instrumentos de emenda seriam, basicamente, o trabalho em oficinas internas nos mais diferentes ofícios, o ensino das primeiras letras, e uma atenção espiritual onde por meio de missas e confissões se reforçasse o caráter moralizante da pena. Tudo deveria influenciar positivamente a fim de se evitar a reincidência.

Em "A ilusão panóptica", observei que o Brasil não foi apenas pioneiro na implantação de estabelecimentos correccionais na Améri-

ca Latina, como também o foi em relação a muitos países europeus. O Rio de Janeiro, por exemplo, já dispunha de sua Casa de Correção em 1850, depois de principiada em 1834. E tal pioneirismo não se restringiu a uma única prisão modelo, pois apesar da autonomia dos governos provinciais nessa matéria, muitos tentaram erigir estabelecimentos com tais características em suas capitais.

Além disso, pode-se perceber para o caso sulino, como a reforma penitenciária ali não se reduziu à construção da sua Casa de Correção. Muitos outros cárceres também foram construídos paralelamente ao estabelecimento prisional da capital gaúcha, observando-se neles, inclusive, alguns elementos da ideologia correccional. Pois se o que se buscava era a emenda do sentenciado, se fazia importante a disponibilização de recintos penais salubres, higiênicos, com atenções médicas, separações por sexo, status jurídico e delitos. Lembre-se que o arquiteto que assinou as plantas baixas da Correção portoalegrense foi o mesmo que projetou outros cárceres que serviriam de modelo para outros estabelecimentos municipais.

Em síntese, o sistema carcerário sulino funcionava em um conjunto muito heterogêneo de estabelecimentos. Entre 1883-1885, ou seja, já nos últimos anos do Império, de um total de 46 prisões, apenas 23 pertenciam aos municípios ou à província, ocupando os restantes prédios alugados (19) ou edifícios compartilhados com a Câmara Municipal (4), sem que se possa precisar se estes últimos eram imóveis próprios ou alugados. Em geral conformavam arranjos inapropriados de prédios não construídos para servir como cadeia, com grandes deficiências estruturais para a manutenção dos presos em seu interior, ademais de insalubres, estreitos e com pouca capacidade. Devemos acrescentar que além das cadeias novas, poucas e nem sempre construídas com a rapidez e a qualidade esperada, também se lançou mão de antigas casas de

moradia, quartos em destacamentos do exército e em postos policiais, ranchos de palha, antigo matadouro, e, inclusive, troncos em coletorias provinciais. Era nessas infames estruturas que se aguardava o pronunciamento, o processo, o julgamento, e, em alguns casos, o cumprimento das sentenças de privação de liberdade.

IHU On-Line - Que tipos de condutas eram consideradas criminosas no Brasil Império durante o século XIX?

Tiago da Silva Cesar - Com o advento do Código Criminal do Império (1830), uma série de condutas e ações passaram a ser penalizadas com sentenças que, na maior parte, consistiam em privar o réu de sua liberdade. De todas elas, a miríade de crimes e delitos englobados nas categorias “contra as pessoas” e “contra a propriedade” foi, sem dúvida, a mais reprimida pelas autoridades policiais e judiciais. Sendo a sociedade brasileira no século XIX ainda de tipo antigo, portanto, longe de experimentar uma industrialização que transformasse profundamente sua economia, acarretando mudanças significativas no âmbito social e cultural, não coube aos delitos contra a propriedade o lugar de destaque nas estatísticas criminais do Império, mas sim àqueles que atentavam contra a segurança e bem-estar individual das pessoas.

No Rio Grande do Sul, entre 1850 e 1859, ferimentos e homicídios juntos ultrapassaram 80% do total de registros. Entre 1873-1877, apesar de uma maior diversificação de delitos, as mesmas infrações alcançaram mais de 69%. E, em 1882, computando as tentativas de homicídio, quase 89%. Como podemos ver, roubos e furtos estavam ainda muito longe de tomar a dianteira dos crimes e delitos majoritariamente perseguidos e reprimidos.

IHU On-Line - Qual era o perfil da população carcerária na segunda metade do século XIX?

Tiago da Silva Cesar - Se posso me permitir fazer uma imagem *robot* do indivíduo que alimentava o sistema prisional na segunda metade do século XIX, eu diria, baseando-me nas fontes trabalhadas, que a carne presidiária por excelência era do sexo masculino, jovem, solteiro, negro ou não branco, e pobre. Talvez não muito distante do perfil da população carcerária dos dias de hoje.

IHU On-Line - Como ocorria o castigo na segunda metade do século XIX e de que forma ele se tornou um expediente de disciplinarização não somente penitenciária, mas também social?

Tiago da Silva Cesar - Quero parabenizá-los pelo uso da palavra “castigo” em vez de “punição”, pois realmente castigamos mais do que punimos. A lei pune, mas a forma de executá-la pode chegar a doses absurdas de castigo. Nossa herança colonial nos leva a optar antes pelo castigo que pela punição, pois o castigo está mais próximo da vingança, única forma de reparação que, mesmo que negada, satisfaz um grande público, chegando até mesmo a ser celebrada em certas ocasiões.

As prisões correccionais, eu diria, chocaram com as nossas velhas práticas punitivas. Por isso, mesmo num momento em que as classes abastadas e dirigentes passaram a se escandalizar e rechaçar cada vez mais o contato visual com cenas de sofrimento alheio, incluindo o açoite de escravos, sua ideologia assentada na emenda e na regeneração do delinquente não logrou encontrar eco suficiente para uma implementação efetiva. Nesse sentido, o caso da Casa de Correção de Porto Alegre é muito sintomático. Observamos, por exemplo, que a mentalidade que levava a uma ação prática por parte dos presidentes da província estava muito mais para o que defendiam os reformadores penitenciários utilitaristas de finais do século XVIII, do que para aqueles que advogavam pela ideologia correccional (trabalho+educação+religião =

emenda moral-comportamental). Isso explica, em boa medida, o porquê das oficinas e a escola terem constituído experiências efêmeras.

Nos cárceres imperiais, incluindo as prisões modelo, não se disciplinou, nem se corrigiu/regenerou ninguém, a não ser que entendamos o termo disciplinarização como uma prática de aprendizagem cívica, porque isso sim se deu no intramuros penal, onde as massas oriundas dos setores menos favorecidos da sociedade tinham que lidar obrigatoriamente com as leis, com a palavra escrita, com os códigos e regulamentos, e os valores e práticas de reforço das hierarquias sociais (mesmo que isso fosse apenas para instrumentalizá-las em favor próprio). As leis dispostas nos Códigos puniam, mas as péssimas condições de reclusão castigavam, e é essa realidade-imagem que se perpetuou até nossos dias. Essa foi a *exemplaridade* pela qual se optou.

IHU On-Line - De que forma o trabalho se constituía como espécie de alternativa paradoxal aos presos, por um lado como castigo e por outro como a “solução para todos os males”?

Tiago da Silva Cesar - A questão do trabalho penal nos conduz novamente a pensar os valores daquela sociedade. A implementação de oficinas nos estabelecimentos penitenciários visava, segundo a ideologia correccional, à moralização dos indivíduos, convertendo homens desocupados em trabalhadores morigerados através da *terapia laboral*. O problema era que isso simplesmente não interessava às classes dirigentes. No caso rio-grandense, por exemplo, o que pesou realmente tanto na hora de abrir como na de fechar as oficinas não foi sua função moralizadora, mas sim a possibilidade real de garantir ou não vantagens econômicas por meio da utilização da mão de obra carcerária. É curioso observar que ainda hoje muita gente opine que o preso deveria trabalhar para se sustentar, etc., mas poucos se perguntam por que eles não haveriam de querer?! As

prisões são autênticas plataformas de empobrecimento, além de espaços com escassas atividades em que se possam ocupar seus encarcerados, motivo suficiente para que o trabalho assalariado de então pudesse ser tudo, menos um castigo penal. Estou seguro de que os reclusos não o viam como tal, mais bem o contrário, pois pior era a ociosidade. Quando a princípios da segunda metade do século XIX silenciaram as oficinas da Casa de Correção, isso não se deu por interesse dos presos, mas sim por decisão governamental.

IHU On-Line - Como a escolarização aparecia como alternativa à recuperação dos presos? Que experiências ocorreram neste sentido durante o final do século XIX?

Tiago da Silva Cesar - Retomando o que já se disse antes, tanto o *trabalho* como a *instrução escolar* foram considerados, no século XIX, ingredientes de uma espécie de coquetel disciplinar e moralizante pensado para as classes criminais e perigosas. Assim como se daria com o trabalho, as *luzes* também incidiriam sobre a conduta do indivíduo, convertendo um “bruto” sentenciado em um indivíduo útil e dócil à sociedade. A ideia da instrução como remédio ou tratamento para a regeneração. Porém, semelhantemente ao que ocorreu com as oficinas de trabalho assalariado (que chocou com os valores da sociedade escravocrata), também a escola ensaiada no interior do recinto penal da Casa de Correção não teve os resultados esperados. Para o período estudado, logramos documentar apenas duas iniciativas escolares sem grande vulto, e, pelo que se desprende desses documentos, nada indica que tivessem tido uma existência muito longa. No final das contas, optou-se pela “escola do crime”, mas também nesse caso, não porque tivesse sido a alternativa dada a escolher aos presidiários.

IHU On-Line - Que tipos de resistência havia aos processos de

controle e disciplinarização do sistema prisional à época?

Tiago da Silva Cesar - Os presos do passado desenvolveram estratégias de ação e resistência de dois tipos: uma ativa e outra passiva. Ambas podiam ser exercidas individual ou coletivamente, mas a ativa era normalmente aquela que se dava de maneira direta, que não evitava enfrentamentos com guardas, escoltas e funcionários se neces-

“

Ontem, como hoje, as prisões continuam sendo plataformas de empobrecimento e envelhecimento humano

sário fosse, além de jogar com as possibilidades de evasão. A adaptativa, por sua vez, caracterizava-se pela maleabilidade demonstrada na hora de tirar proveito dos meandros institucionais, das relações travadas no intramuros carcerário e com indivíduos de fora das grades, dos contatos com pessoas importantes, incluindo a utilização de canais burocráticos que exigiam um domínio mínimo de escrita e de códigos de conversação formal para dirigir-se às autoridades.

Claro está que um preso podia passar de um estado a outro sem maiores problemas, mas há suficientes dados que levam a crer que a resistência adaptativa foi de longe o comportamento mais assumido pela massa encarcerada. Apesar de contas, uma falsa submissão às ordens, leis e regulamentos era muito mais conveniente para uma ação estratégica de sobrevivência do que uma resistência aberta. Mas gostaríamos ainda de dizer que, além disso, o presidiário do passado também tentou viver na prisão,

lançando mão de todas as fissuras do sistema penitenciário para se sentir menos engaiolado. Basta dizer que através de trocas, compras e subornos muitos sentenciados garantiam acesso a mulheres, ao consumo de bebidas alcoólicas, à participação em jogos proibidos, incluindo saídas à rua para vender produtos manufaturados nas próprias celas, incluindo visitas aos seus familiares.

IHU On-Line - Qual a contribuição da obra *Vigiar e Punir*, de Foucault, para compreendermos a constituição de um determinado sistema carcerário? Que chaves de leitura ele oferece para analisarmos a realidade gaúcha?

Tiago da Silva Cesar - Quando li *Vigiar e Punir: O nascimento da prisão* (Petrópolis: Vozes, 1987) pela primeira vez fiquei fascinado com a obra em geral, e, especialmente, com a análise do panoptismo e das técnicas e mecanismos disciplinares. Confesso que permaneci por certo tempo “preso do panóptico foucaultiano”, e até desejei encontrar a *minha* prisão panóptica para historiar-la. Posteriormente, já digerida a leitura, e ciente dos limites daquela obra, entendi (em boa parte por boca do próprio autor através de suas entrevistas) que seu objetivo não era justamente fazer uma história das prisões em toda regra, mas sim refletir a partir desta instituição como se deu o nascimento/origem da chamada sociedade disciplinar.

A prisão panóptica surge aqui como alegoria dessa sociedade, já que desde uma torre central se poderia ver rapidamente o que se passava em qualquer extremidade dos raios com ela conectados, podendo ainda transmitir uma sensação de vigilância constante ao não deixar visível o rosto de quem monitoraria desde dentro. Foucault, sem sombra de dúvidas, nos ajuda a pensar o lugar ocupado por essas instituições dentro da nova racionalidade punitiva, como a necessidade de aceleração do processo civilizador (político, econômico e social) que ia tornando paulatina-

mente incompatível a existência de penalidades infamantes e sanguinárias com a nova sensibilidade civilizada da sociedade burguesa e liberal. Mas nesse processo de transição de paradigmas penais, o poder capilar e disciplinar nem sempre saiu vitorioso.

Conforme falei anteriormente, no Brasil as instituições prisionais não apresentaram durante o período imperial uma uniformidade de modelos, controles, vigilâncias, regulamentos, etc., nem constância em sua aplicabilidade a ponto de servir de instrumentos de docilização do corpo. Pelo contrário, permitiam o surgimento de fissuras no sistema, que só aumentava com a inevitável interação entre presidiários e carcereiros. Muito longe da imagem projetada de meros sepulcros provisórios, nesses estabelecimentos, a vida não parava. Tirando isso, *Vigiar e Punir* continua inspirando historiadores *seniors* e *nouvelles*, ademais de servir como uma autêntica caixa de ferramentas conceituais. Acredito que, para analisar uma ingente quantidade de técnicas e controles disciplinares, até o de uma delinquência útil, seu refinamento analítico e seus *insights* interpretativos continuam, quarenta anos depois, insuperáveis. Em *A ilusão panóptica*, a proposta teórico-metodológica não excluiu Foucault, mas seu uso é instrumental, isto é, sem espartilhar as fontes que, por outra parte, nos convidaram a continuar avançando.

O poder em Foucault

Para Michel Foucault, a problemática relativa ao conceito de poder consistiu em um de seus principais eixos de investigação e expansão de seu pensamento, patentemente reconhecido em suas obras. Para Foucault, o poder é mais exercido que possuído, ou melhor, só se possui exercendo-o, e não se localiza em nenhuma parte, senão na própria relação de forças entre dominados e dominantes. Apreender suas práticas e estratégias - de poder - é desentranhar sua microfísica, compreendê-la, desvelar sua rede capilar.

Foucault partia de algumas interrogações, como por exemplo: por que as prisões permaneceram apesar de sua contraproduzitividade? Ou a quem/e para que *serve* esse fracasso? Ou dito de outra forma, para que são úteis esses diferentes fenômenos constantemente criticados: pertinácia da delinquência, indução à reincidência, transformação do infrator ocasional em delinquente habitual, organização de um meio fechado de delinquência? Segundo sua tese, quanto mais delinquentes existam, mais crimes existirão, e quanto mais crimes, mais medo terá a população, e quanto mais temor tenha a população, mais aceitável e desejável será o sistema de controle policial-penitenciário. A um só tempo justifica o controle policial e esconde a rentabilidade econômica da delinquência, sobretudo através dos diferentes tipos de tráfico: drogas, armas, bebida alcoólica, combustíveis, prostituição e outros. A delinquência torna possível o que por si não pode ser realizado legalmente na sociedade. Não esqueçamos que o surgimento de estabelecimentos prisionais privatizados aumenta ainda mais o peso econômico da delinquência. Num país com a terceira maior população carcerária do mundo, com mais de 700 mil presos, perdendo somente para a dos Estados Unidos e para a da China, como escapar do *business carcerário*?

IHU On-Line - Ainda que a realidade atual do sistema carcerário não seja seu objeto de estudo, que aproximações percebe entre o sistema carcerário gaúcho do século XIX e o sistema atual penitenciário?

Tiago da Silva Cesar - Enquanto no século XIX se utilizava a palavra "regenerado" para se referir à emenda moral-comportamental do presidiário, hoje se usa "ressocializado" para aqueles que logram sair em liberdade e reintegrar-se plenamente. Cento e sessenta anos nos separam da abertura do primeiro raio da Casa de Correção (1855), com a realidade escalofriante de nossos atuais presídios (2015), e,

sem dores na consciência, continuamos sendo coniventes com uma situação de abandono extremo e com as condições infra-humanas impostas a homens e mulheres privados de liberdade.

Tanto ontem como hoje o problema, a mim me parece, continua sendo apenas o de buscar mais espaços prisionais para a demanda que não deixa de aumentar. Continuamos criminalizando muitas ações e comportamentos achando que isso basta para a transformação de uma sociedade, mas esquecemos que a base está na distribuição da renda, na melhoria das condições de vida, portanto, na erradicação da pobreza e, claro está, na educação de qualidade. Enquanto desvalorizarmos os profissionais da educação, ou, o que é pior, fecharmos escolas, não restam dúvidas de que iremos necessitar construir muitos outros complexos penitenciários. Não devemos esquecer que somos uma sociedade repressora, hierarquizada, racista, desigual e relacional, e tais valores culturais se reproduzem e se reforçam na própria exclusão social da maioria por uma minoria, essa sim, portadora de todos os direitos civis, políticos e sociais.

A reforma penitenciária oitocentista fracassou porque mais do que corrigir ou emendar, o que realmente interessou aos governantes foi a edificação de sólidas prisões, com maior capacidade e segurança. Vendo as coisas retrospectivamente, percebo que nunca houve de fato uma política que procurasse inverter a velha função estigmatizadora e de reforço social da pena de privação de liberdade. Ontem, como hoje, as prisões continuam sendo plataformas de empobrecimento e envelhecimento humano. Superlotações, fome, doenças, pobreza extrema, mortes e agressões de todo tipo e todo tipo de vexames continua sendo sua marca registrada. Talvez esse quadro seja justamente o motivo de sua existência e permanência no tempo, pois como disse a princípio, nossa sociedade não pune, ela castiga. ■

EVENTOS

Advocacia popular, uma manifestação do Comum

Joviano Mayer apresenta uma outra forma de “operar o Direito”, com militância, como ato político



FOTO: JOÃO VITOR SANTOS

Por João Vitor Santos

Conceituar a ideia de Comum não é tarefa muito fácil. Ainda é algo em construção, constituído de forma coletiva e colaborativa, agregando diversos movimentos e manifestações que emergem da base social. Entretanto, é possível se aproximar mais do conceito quando se veem manifestações, e construções, de coletivos dentro da lógica do Comum. É o caso do Coletivo Margarida Alves, que exerce a chamada advocacia popular. A experiência do grupo de Belo Horizonte, Minas Gerais, foi apresentada pelo advogado e mestre em arquitetura pela Universidade Federal de Mi-

nas Gerais - UFMG Joviano Gabriel Maia Mayer, em mais um encontro do 2º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum,¹ promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Na conferência, ocorrida na noite de quinta-feira, 07-10, Joviano destacou que advocacia popular é mais do que exercer a função de operador do Direito, de ser advogado. “É um ato político”, pontua. “E não podemos confundir com a De-

¹ Saiba mais em <http://bit.ly/1HzxGLT>. (Nota da IHU On-Line)

fensoria Pública. Advocacia popular é militância, ativismo, se faz como um projeto político”, completa. O trabalho dos Margaridas consiste em advogar em favor de grupos coletivos que fazem ocupações ordenadas. Muitas das ocupações se dão como luta pela conquista de moradia em espaços urbanos. Depois do coletivo tomar posse do espaço improdutivo, é papel desses advogados defenderem os interesses das famílias e, mais adiante, assegurar a posse dos lotes. “A função social da terra e da propriedade, assegurada em lei, traz legitimidade para essa luta de quem não tem

onde morar. As ocupações fazem parte da história das cidades brasileiras”, defende, ao lembrar que as áreas invadidas têm a situação jurídica minuciosamente investigada. “Sabemos a quanto tempo está sem uso e até quanto deve de impostos, como IPTU”.

A assessoria jurídica popular, como destaca Joviano, requer envolvimento por completo. Além de todo o levantamento da área, também é preciso conhecer as famílias e planejar como será a ocupação. São como amarras que, mais tarde, sustentarão recursos que derubam reintegração de posse e, inclusive, darão caminho para o poder público realizar a urbanização destes espaços. É o que houve

nos casos de ocupações de Belo Horizonte, como a Dandara. O local hoje abriga cerca de 1800 famílias. “Nessas comunidades, é fundamental a construção de projetos urbanísticos desde o momento em que entramos. Isso gera outro tipo de relação social com as pessoas. Não se promove um adensamento. Já pensamos em ruas, avenidas e espaços comuns de convivência. É diferente de pensar nas ocupações cheias de vielas, becos e um barraco em cima do outro”, explica.

Fique atento

- A próxima conferência do 2º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, gover-

namento da vida e o comum ocorre no dia 22 de outubro. O professor Mário Leal Lahorgue, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, falará sobre Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças.

- Interessados em conhecer mais sobre o trabalho dos Margari-das podem acessar a página no Facebook.
- A ONG Acesso Cidadania e Direitos Humanos também tem sua página no Facebook. O telefone para contato é 51-3028-8058. ■

Confira a reportagem completa em <http://bit.ly/1Rm9eH>

Oficina: Realidades da Segurança alimentar e nutricional

20/10/2015 14h às 17h

Inscreva-se em: ihu.unisinos.br



EVENTOS

Vivenciar a *Laudato Si'* em suas diversas perspectivas

Trazer para o cotidiano dos estudantes as experiências da Carta Encíclica do Papa Francisco foi um dos objetivos da mesa-redonda promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Por Leslie Chaves



FOTOS: LESLIE CHAVES

Para Manfredo Araujo de Oliveira, a visão integral é a grande novidade

O documento elaborado por Bergoglio com acuidade a respeito dos graves problemas ambientais que o planeta tem sofrido gerou impacto tanto no campo científico quanto na sociedade como um todo, em função dos alertas amparados em dados consistentes e, sobretudo, pela sua visão sistêmica a respeito das relações entre os seres humanos, deles com a natureza e entre os fenômenos que acontecem no mundo. Para debater a importância da Carta Encíclica *Laudato Si'*, na noite da última quinta-feira, 15-10-2015, foi realizada uma mesa-redonda no Auditório Central do

campus São Leopoldo da Unisinos. Estudantes de diversas áreas do conhecimento participaram do even-

to, do qual estiveram à frente a professora Cleusa Maria Andreatta, do Programa Teologia Pública do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, que esteve coordenando a mesa, Lucas Henrique da Luz, professor e coordenador do curso de Administração da Unisinos e integrante do IHU, Manfredo Araujo de Oliveira, professor titular da Universidade Federal do Ceará, e Laércio Pilz, professor do departamento de Ciências Humanas da Unisinos.

De acordo com a professora Cleusa Maria Andreatta, a ideia é promover uma apresentação acadêmica da *Laudato Si'* e compreender sua relevância e contribuição atual



Laércio Pilz: "A universidade é um espaço privilegiado de vida e de pensamento aberto"



Cleusa Andreatta: “*Laudato Si’* assume uma abordagem ecumênica e inter-religiosa”

ao debate sobre os grandes desafios da crise ambiental hoje. “A *Laudato Si’* assume uma abordagem ecumênica e inter-religiosa, citando líderes de diversos credos. Também se baseia na colegialidade, busca nos contextos específicos os debates em torno das questões ecológicas, e ainda tem um caráter multi-intertransdisciplinar”, enumera.

O professor Lucas Henrique da Luz mencionou a questão da instabilidade do tempo, que na última semana tem castigado o Rio Grande do Sul com temporais e excesso de chuva. “Estar aqui hoje é um desafio representativo, em função das mudanças climáticas. Assistimos aos problemas de desmatamento na Amazônia

e pensamos que não seremos afetados, mas hoje estamos sentindo essa chuva aqui”, exemplifica.

Para Manfredo Araujo de Oliveira, a visão integral é a grande novidade. O professor, que ficou encarregado de falar sobre as raízes humanas da crise ecológica, frisa que a visão tecnológica dos seres humanos sobre a vida criou o antropocentrismo moderno. “Essa visão tem muitas consequências, e a pior delas é o relativismo prático. Desse modo, os seres humanos e todos os outros seres e elementos do mundo se reduzem a objetos descartáveis e utilizáveis”, salientou.

A mesa-redonda foi encerrada com uma proposta do professor Laércio Pilz aos estudantes presentes. O professor falou sobre o papel da universidade e quais são os desafios da sociedade na busca da resolução dos problemas apontados pela *Laudato Si’*. “A universidade é um espaço privilegiado de vida e de pensamento aberto. Nosso objetivo, quando ingressamos nesse lugar, é compreender o mundo. Mas é importante que isso seja feito de uma maneira integral”, provoca. ■

Confira a reportagem completa em <http://bit.ly/1W0l83a>.



Lucas Henrique da Luz lembrou da instabilidade do tempo que tem castigado o Rio Grande do Sul

CICLO DE ESTUDOS O CAPITAL NO SÉCULO XXI

Uma discussão sobre a desigualdade no Brasil



31/08/2015 a 29/10/2015

Inscrições e Informações: ihu.unisinos.br

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU
Unisinos - São Leopoldo | RS

Apoio:



Promoção:



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

2º CICLO DE ESTUDOS

ME TRÓ POLES

POLÍTICAS PÚBLICAS E
TECNOLOGIAS DE
GOVERNO

TERRITÓRIOS,
GOVERNAMENTO DA VIDA
E O COMUM

**20 DE AGOSTO A
05 DE NOVEMBRO 2015**

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES IHU.UNISINOS.BR



IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

Biografia

Johann Christian Friedrich Hölderlin

Johann Christian Friedrich Hölderlin (Lauffen am Neckar, 20 de março de 1770 - Tübingen, 7 de junho de 1843), poeta lírico e romancista alemão. Conseguiu sintetizar na sua obra o espírito da Grécia antiga, os pontos de vista românticos sobre a natureza e uma forma não ortodoxa de cristianismo, alinhando-se hoje entre os maiores poetas germânicos.

Vida

Nasceu na cidade de Lauffen, às margens do rio Neckar. Era filho de uma enfermeira e de um pastor, que veio a falecer quando Hölderlin tinha apenas dois anos. Em 1774, sua mãe casou-se com o prefeito de Nürtingen, que também viria a falecer cinco anos mais tarde. A mãe de Hölderlin, Johanna Christiana Hölderlin, era bastante religiosa e enviou-o à escola clássica de Nürtingen e a escolas protestantes.

Em 1788 iniciou seus estudos em Teologia na Universidade de Tübingen, como bolsista. Lá conheceu Hegel e Schelling, que mais tarde se tornariam seus amigos. Devido aos recursos limitados da família e de sua recusa em seguir uma carreira clerical, Hölderlin trabalhou como tutor para crianças de famílias ricas.

Em 1794, frequentou a Universidade de Jena, a fim de ouvir as palestras de Fichte. Lá ele conheceu Johann Wolfgang von Goethe, Friedrich Schiller, Johann Gottlieb Fichte, Friedrich Von Hardenberg (Novalis) e Isaac Sinclair. Em junho de 1795, abandonou a cidade universitária e retornou a Nürtingen.

Em 1796 foi professor particular de Jacó Gontard, um banqueiro de Frankfurt, cuja esposa, Susette, viria a ser seu grande amor. Susette Gontard serviu de inspiração para a composição de Diotima, protagonista de seu romance epistolar Hipérion.

Nessa época, Hölderlin se encontrava em uma situação financeira difícil (mesmo tendo alguns de seus poemas publicados ocasionalmente com a ajuda do seu patrono, Schiller). Devido a isso, ele dependia fi-

nanceiramente do apoio de sua mãe. Nessa altura, Hölderlin já sofria de uma doença chamada hipocondria grave, condição que pioraria depois de seu último encontro com Susette Gontard, em 1800.

Quando, em 1802, recebeu a notícia da morte de Susette, Hölderlin voltou para a casa da mãe em Nürtingen e dedicou-se ao trabalho das traduções de Sófocles e Píndaro.

Em 1805 sua insanidade foi diagnosticada. Entretanto, essa caracterização de seu estado mental como loucura é até hoje vista de forma incerta.

Então, em 1807 foi deixado aos cuidados de Ernst Zimmers, um carpinteiro que vivia em Tübingen e grande admirador da obra Hipérion. Sob o nome de "Scardanelli", Hölderlin escreveu ainda poemas, que contavam com grande estranhamento formal. Mesmo contando com alguns períodos de lucidez, não retornou mais ao convívio social. Durante os 36 anos seguintes permaneceria em um quarto em uma torre, às margens do rio Neckar, até 1843, ano de sua morte.



Friedrich Hölderlin 1792 por Franz Karl Hiemer

Produção Literária

Hölderlin começou como um sucessor de Schiller e do Classicismo Suábico. Seus primeiros poemas são geralmente hinos que versam acerca de objetos abstratos. Mais tarde trabalhou com as formas antigas da ode e da elegia. Em particular, as odes são marcadas pelo domínio completo de um formulário métrico difícil. Dos grandes poemas de sua fase madura, alguns são escritos em forma de elegias, outros contemplam o verso livre. Ocasionalmente é possível encontrar outras formas, como o hino em hexâmetro; um exemplo é a obra chamada O Arquipélago.

A compreensão de Hölderlin acerca da cultura grega antiga, tal como expresso em suas cartas a Casimir Ulrich Boehlendorff e de suas observações sobre a tradução tardia de Sófocles, é diferente da imagem ideal de muitos de seus contemporâneos, já que Hölderlin enfatiza as características anticlássicas da cultura grega. Já no início de seu romance epistolar *Hipérion*, Hölderlin representa a sua ideia de destino trágico, como ele a concebia, ou seja, a partir de sua percepção da cultura grega clássica.

A poesia de Hölderlin, que hoje é considerada de grande destaque dentro dos estudos germânicos, permaneceu desconhecida até a metade do século XIX. Ele não foi reconhecido entre os escritores de sua época, permanecendo desconhecido mesmo após sua morte. Para os seus contemporâneos, Hölderlin era um jovem romântico e melancólico, mero imitador de Schiller. O grande reconhecimento veio mais tarde.

Somente no século XX, as duas peças de Sófocles, *Édipo Rei* e *Antígona*, foram celebradas como um modelo de tradução poética, que deixa visíveis as singularidades do texto original. Um bom exemplo da excelente recepção da obra de Hölderlin na modernidade é a adaptação de Bertolt Brecht da *Antígona* de Sófocles, baseada na tradução de Hölderlin. Convém salientar que, apesar de ter sido praticamente incompreendido durante todo um século, leitores ilustres como Friedrich Nietzsche e Stefan George, entre outros, acolheram e fizeram reverberar sua poesia. O que fez com que Hölderlin não fosse reconhecido foi o fato de que sua poética não estava em consonância com o que vinha sendo produzido na época. Devido a isso, Hölderlin encontrou o desdém até mesmo de pessoas próximas como Schiller, Hegel e Schelling. E mesmo tendo sido colega de Hegel e Schelling, em um educandário na Suábia, e colega de Schiller, Hö-

lderlin não encontrou a notoriedade nem o reconhecimento destes.

A incompreensão do público e da crítica levou à estabilização do entendimento de sua obra como a de um admirador dos gregos que não atingiu a serenidade de Goethe e Schiller, a de um romântico juvenil e de um poeta patriótico. Hölderlin, poeta do sagrado, descobrindo na Grécia antiga o lado dionísio, que foi ignorado por Goethe e exaltado por Nietzsche, é hoje de grande expressividade na poesia alemã, alcançando notoriedade mundial.

Obras

1797 - 1800 - *A Morte de Empédocles* (fragmentos)

1797 - 1799 - *Hipérion* ou *O Eremita na Grécia*

1804 - *Tragédias de Sófocles*

1826 - *Poemas de Friedrich Hölderlin* (editado por Ludwig Uhland e Gustav Schwab)

Fonte: <http://bit.ly/1MrTxD3>

Referências Bibliográficas

- HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *Elegias*. Trad. Maria Teresa Dias Furtado. Lisboa: Assírio e Alvim, 1992.
- _____. *A Morte de Empédocles*. Tradução e introdução de Marise Moassab Curiori. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- _____. *Reflexões*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante e Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. *Hölderlin e outros estudos*. In: QUINTELA, Paulo. *Obras Completas de Paulo Quintela*. Volumes II, III e IV. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999.
- _____. *Observações sobre Édipo e Antígona*. In: ROSENFELD, K. *Antígona - de Sófocles a Hölderlin*. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- _____. *Hipérion ou o eremita na Grécia*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- BLANCHOT, M. *A palavra "sagrada" de Hölderlin*. In: _____. *A parte do Fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.
- _____. *O itinerário de Hölderlin*. In: _____. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.
- CAMPOS, H. *A palavra vermelha de Hölderlin*. In: _____. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CAVALCANTE, M. *Introdução: Pelos caminhos do coração*. In: *Hölderlin. Reflexões*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DASTUR, F. *Hölderlin: Tragédia e Modernidade*. In: *Reflexões*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante e Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. *O teatro de Hölderlin*. In: *Folhetim do Pequeno Gesto*. Rio de Janeiro, n°4, 1999.
- MACHADO, R. *Hölderlin e o afastamento do divino*. In: _____. *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MAYOS, G. *vHölderlin, um projeto emancipatório fracassado*. In *Convivium*, Barcelona, Núm. 3, 1992 (traduzido por Gabriel Lago de Sousa Barroso).
- ROSENFELD, K. *Rumo a uma linguagem inacabada: a propósito da ode "coragem de poeta" de Hölderlin*. In: _____. *A linguagem Liberada*. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.
- _____. *Antígona - de Sófocles a Hölderlin*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

Fonte: <http://bit.ly/1MrTxD3>

A sofisticada poesia de Hölderlin

Ideia das trevas que permeiam nosso tempo é tributária ao poeta alemão, afirma Françoise Dastur

Por Márcia Junges e João Vitor Santos | Tradução Vanise Dresch

Pode-se pensar na poesia como o único modo adequado de falar “desses terríveis acontecimentos que são os extermínios de seres humanos em massa, pois estes não são próprios do nazismo somente, mas também do comunismo e, antes deles, de todos os massacres de massa que marcaram a época colonial e que caracterizam efetivamente essa ‘noite’ que é a Modernidade, segundo Hölderlin”. A reflexão faz parte da entrevista, concedida por e-mail, com a filósofa francesa Françoise Dastur à **IHU On-Line**. “Os poetas assemelham-se aos sacerdotes do deus do vinho, que atestam o sagrado nessa noite profunda que é a Modernidade”, observa.

E acrescenta: “Ao ler Sófocles, Hölderlin entende, de fato, que só há tragédia propriamente dita quando o deus se retira, quando a aspiração à totalidade não tem mais objeto, e o homem tem de fazer o luto do divino, como diz literalmente, aliás, a palavra alemã para tragédia, *Trauerspiel*, jogo ou espetáculo do luto. É esse luto do divino que constitui a experiência fundamental dos tempos modernos”. A incompreensão do poeta por seus pares é outro aspecto abordado por Dastur: “Na verdade, nem Goethe, que não vê Hölderlin como um verdadeiro poeta,

nem Schiller, que julga sua poesia filosófica demais, são realmente capazes de compreender o significado da poesia de Hölderlin”.

Françoise Dastur é professora emérita de Filosofia, vinculada aos Arquivos Husserl de Paris, na *École Normale Supérieure – ENS*. Lecionou nas universidades Paris I, Paris 12 e Nice-Sophia Antipolis e, como professora convidada, na PUC do Rio de Janeiro, nas universidades de Caracas (Venezuela), Laval (Quebec), de Warwick, Essex (Reino Unido), De Paul (Chicago), Boston College, Northwestern (Evanston), além de ter dado conferências em dez universidades na Índia em 2011. É diretora honorária da Escola Francesa de Daseinsanalyse, da qual foi um dos membros fundadores. Publicou muitos artigos em francês, alemão e inglês e é autora de quinze livros. Suas últimas publicações: *À la naissance des choses. Art, Poésie et philosophie* (La Versanne: Encre Marine, 2005), *Heidegger. La question du logos* (Paris: Vrin, 2007), *La mort. Essai sur la finitude* (Paris: PUF, 2007), *Heidegger et la pensée à venir* (Paris: Vrin, 2011) e *Hölderlin, le retournement natal* (nova edição ampliada - Paris: Les Belles Lettres - Encre Marine, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a relação que pode ser estabelecida entre tragédia e Modernidade na poesia de Hölderlin?

Françoise Dastur - É preciso começar lembrando que Hölderlin, autor em 1776 do romance *Hipérion*, criou posteriormente o projeto de escrever uma tragédia cujo tema era a morte de Empédocles,

pensador pré-socrático que, como se conta, jogou-se voluntariamente no Etna. Porém, depois de três tentativas sucessivas que deram origem a três versões diferentes, todas incompletas, de *A morte de Empédocles*¹, Hölderlin desistiu de

¹ São Paulo: Iluminuras, 2008. (Nota da **IHU On-Line**)

escrever uma tragédia moderna. Foi depois desse fracasso, contudo, que decidiu dedicar-se à poesia lírica e compôs seus mais famosos poemas. Ele volta à tragédia somente nos últimos anos de sua vida consciente e pouco antes de mergulhar na loucura, mas apenas como intérprete e tradutor das tragédias de Sófocles.



Novalis é animado pela mesma exigência que se expressava nos três condiscípulos do seminário de Tübingen

Parece então que foi a partir da reflexão sobre esse modo peculiar da poesia que é a tragédia, que Hölderlin tomou consciência da diferença que separa os modernos dos antigos. Como seus dois condiscípulos do seminário de Tübingen, Hegel² e Schelling³, e já como Lessing⁴, Schlegel⁵ e Schiller⁶, Hölderlin inte-

ressou-se muito cedo pela tragédia grega. Porém, comparado a eles, caracteriza-se por uma concepção totalmente original da relação da Modernidade com a Antiguidade. A oposição entre os antigos e os modernos já havia sido o tema de seu romance *Hipérion*, e a conclusão de Hölderlin era de que essa oposição permanecia insuperável.

De fato, é pela impossibilidade de reavivar a cultura antiga que Hipérion escolhe, no final do romance, a vida de eremita, isto é, a união com a natureza. Mas se Hölderlin tivesse mantido essa posição, teria sido apenas mais um exemplo dessa nostalgia da Grécia, que foi tão comum em sua época. Nos anos seguintes, conscientiza-se de que não há retorno possível à Antiguidade. Hölderlin opõe-se, assim, ao Classicismo de Winckelmann⁷, para quem a arte grega é a norma perfeita de toda a arte por vir. Segundo ele, devemos ser modernos e, embora os gregos possam continuar a nos dar o exemplo, não podemos buscar nossos modelos na Antiguidade. É preciso, de fato, distinguir o modelo do exemplo, o que tem para ser imitado em um sentido estático e reprodutivo daquilo que pode ser seguido de maneira dinâmica e inventiva.

mão e do Classicismo de Weimar. Sua amizade com Goethe rendeu uma longa troca de cartas que se tornou famosa na literatura alemã. Sua poesia também é famosa, como por exemplo a "An die Freude", que inspirou Ludwig van Beethoven a escrever, em 1823, o quarto movimento de sua nona sinfonia. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Johann Joachim Winckelmann (1717-1768): historiador de arte e arqueólogo alemão. Foi o primeiro a estabelecer distinção entre arte Grega, Greco-Romana e Romana. É um dos pais da história da arte. (Nota da **IHU On-Line**)

Luto do divino

O personagem de Empédocles o permite compreender que a tragédia grega, a qual encenava a *hybris* do herói, sua desmedida e sua aspiração a unir-se imediatamente à totalidade, não se adapta mais ao tempo presente, ao qual corresponde outro tipo de trágico. É nesse momento então que Hölderlin começa a traduzir para o alemão as tragédias de Sófocles⁸, em particular *Édipo Rei* e *Antígona*⁹, e as acompanha das "Observações", pois é preciso mostrar que o trágico no sentido moderno não pode ser mais que uma nova compreensão profunda do trágico grego. Em suas *Observações sobre as tragédias de Sófocles*¹⁰, ele explica que o homem moderno, ao contrário do grego, não tem relação com a *moira*, com o destino, pois nasceu solitário, separado, estritamente individuado e enclausurado em sua interioridade, enquanto o homem grego é nativamente aberto ao todo.

O homem moderno perdeu o senso do compartilhamento, do destino e, nesse aspecto, aproxima-se de certos heróis de Sófocles, Édipo em particular, a respeito do qual Sófocles diz, em *Édipo em Colono*¹¹, que ele se encontra no *dysmoron*, na ausência de destino, uma vez que sobreviveu à revelação dos crimes terríveis que, sem desejar, cometeu, tornando-se assim *atheos*, abandonado pelo deus, e não ateu no sentido moderno do termo.

Ao ler Sófocles, Hölderlin entende, de fato, que só há tragédia propriamente dita quando o deus se retira, quando a aspiração à totalidade não tem mais objeto, e o homem tem de fazer o luto do

8 Sófocles: dramaturgo grego. Viveu em Atenas, cerca de 400 anos antes da Era Cristã. Considerado um dos mais importantes escritores gregos da tragédia. Édipo Rei, Antígona e Electra são as suas peças mais conhecidas. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Friedrich Hegel (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>, e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Friedrich Schelling (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como "filosofia negativa". Schelling tentou desenvolver uma "filosofia positiva", que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781): filósofo e escritor alemão. Considerado um dos maiores escritores alemães do século XVIII, é um autor de extrema importância para o neoclassicismo de Goethe, Schiller, Alfieri e Chénier. (Nota da **IHU On-Line**)

5 August Wilhelm von Schlegel (1767-1845): crítico, tradutor, filólogo e professor universitário alemão, irmão do também filólogo Friedrich von Schlegel. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805): poeta, filósofo e historiador alemão, tido como o mais importante dramaturgo alemão. Schiller foi um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII, e juntamente com Goethe, Wieland e Herder é representante do Romantismo ale-

divino, como diz literalmente, aliás, a palavra alemã para tragédia, *Trauerspiel*, jogo ou espetáculo do luto. É esse luto do divino que constitui a experiência fundamental dos tempos modernos.

IHU On-Line - Em que sentido a poesia de Hölderlin expressa as inquietações e as profundezas do sujeito da Modernidade?

Françoise Dastur - Hölderlin, como Novalis¹², seu contemporâneo, e como Nietzsche¹³, é poeta e filósofo ao mesmo tempo, e, a meu ver, é nesse poeta-filósofo que encontramos a interpretação mais profunda da condição da finitude - trágica por isso mesmo - do

12 **Christiane Wilhelmine Sophie von Kühn** (1782-1797): foi uma mulher que inspirou o poeta romântico alemão e filósofo Friedrich von Hardenberg, conhecido por muitos simplesmente como Novalis. A imagem de Sophie aparece em Novalis Hymns 'À noite, um texto fundamental do movimento literário conhecido como Romantismo alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confirma, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do **Ciclo de Estudos Filosofias da diferença** - Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

homem. O que Hölderlin nos faz compreender, na verdade, é menos a necessidade do herói trágico de morrer efetivamente, como acontece com Empédocles e Antígona, a fim de expressar a força do destino, do que a necessidade de suportar em vida outro tipo de morte, não uma morte física, mas espiritual, justamente o caso de Édipo.

Hölderlin percebeu bem que suportar a finitude, a separação do todo e do divino, é, afinal, uma experiência mais profunda do divino que o desejo de unir-se imediatamente a ele na morte. É por essa razão que Édipo, para ele, é aquele que ensina a inverter a aspiração à totalidade em seu contrário, que é o enfrentamento da finitude. Assim, nas *Observações sobre Sófocles*¹⁴, ele declara: "O desejo de deixar esse mundo em troca de outro deve ser convertido em um desejo de deixar outro mundo por este." O que é reservado ao homem, então, principalmente ao homem moderno, cuja prefiguração no mundo grego é Édipo, é esse enfrentamento de sua própria finitude, que deve incentivá-lo a desviar-se do mundo suprassensível para concentrar todos os seus esforços na morada terrena. Mas Hölderlin insiste que não se trata de um simples "ateísmo", semelhante ao dos sofistas, que enclausuram o homem somente na esfera do humano; trata-se, ao contrário, nesse enfrentamento da finitude, de desviar-se cientemente do divino para demarcar de maneira mais profunda que na Grécia antiga o limite que separa o humano do divino.

Hölderlin nos permitiu, sobretudo, entrever uma possível reconciliação do homem com sua condição finita. Aliás, isso repercute, um pouco mais tarde, na ideia de *Amor fati*, de Nietzsche. Amar o destino, amar a finitude, em vez de tentar superá-la ou revoltar-se contra ela, eis a lição que os modernos podem tirar dos antigos. O fato de que não há nisso nenhuma resignação, nenhuma mutilação do homem, nenhum abandono de suas

14 Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008. (Nota da **IHU On-Line**)

aspirações mais profundas é, sem dúvida, o que ainda temos para compreender.

Encontrar dentro de seus limites os verdadeiros recursos de uma vida autêntica era justamente o que Hölderlin, assim como Nietzsche, esperava do homem moderno. Nos dias de hoje, em que a *hybris*, a desmedida do homem, tomou a forma de uma técnica onipotente, em que os sonhos de imortalidade nunca foram tão poderosos e a morte é cada vez mais negada, é certamente bom lembrar aos homens que sua mortalidade é um recurso e que o respeito à finitude e aos limites da existência humana é só o que pode dar um sentido a esta.

IHU On-Line - Como a poesia de Hölderlin repercute na filosofia de Nietzsche?

Françoise Dastur - Já respondi em parte a essa pergunta ao estabelecer um paralelo entre a concepção da Modernidade que encontramos em Hölderlin e em Nietzsche, respectivamente. Quando Nietzsche afirma, em *O crepúsculo dos ídolos*¹⁵, que "não temos nada a aprender com os gregos, o gênio deles nos é estranho demais", ele reflete o que Hölderlin dizia ao editor de suas traduções de Sófocles: "A arte grega nos é estranha". São também os dois nomes que Heidegger associa, em sua aula de 1936 sobre "A vontade de potência enquanto arte", para destacar que eles foram os únicos a extrair o "clássico" dos mal-entendidos classicistas e humanistas, ao se oporem às posições de Herder¹⁶, Winckelmann, Goethe¹⁷ e Hegel e

15 São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Johann Gottfried von Herder** (1744-1803): filósofo e escritor alemão. Estudou Teologia, Filosofia e Medicina em Königsberg. Foi aluno de Kant e tornou-se amigo de Hamann, cujas ideias em matéria de linguística, poesia e mitologia influenciaram profundamente seu pensamento. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente

ao redescobrirem, por detrás do ideal de uma naturalidade compatível com a razão que o classicismo prega - cito Heidegger -, “essa característica própria da natureza que os gregos da grande época chamavam de *deinon* e *deinotaton*, o aterrorizante”.

Foi justamente o fato de haver algo profundamente estranho, obscuro e inquietante na Grécia antiga, fazendo com que não se pudesse mais simplesmente falar, de acordo com a expressão clássica, de “serenidade grega”, que Nietzsche tentou mostrar já em *O nascimento da tragédia*¹⁸, ao trazer à tona, sob a bela aparência e à medida que caracteriza a civilização apolínea, a natureza bárbara e titanésca de seu fundamento dionisíaco, atribuindo, assim, uma importância fundamental a esse deus oriental que é Dionísio na definição daquilo que constitui a peculiaridade do grego. Ora, é esse dualismo do apolinismo e do dionisismo que divide profundamente a Grécia antiga e a impede de alcançar a simplicidade do modelo a seguir. Nietzsche opõe esses dois princípios em *O nascimento da tragédia* como a arte musical às artes plásticas, a embriaguez ao sonho, e mostra que o que diferencia os gregos dos bárbaros orientais é justamente a reconciliação desses dois princípios na tragédia, onde o coro é o elemento musical e a ação das personagens, o sonho apolíneo que dá forma e limita no elemento épico à visão dionisíaca do coro.

Na carta que Hölderlin escreve ao seu amigo Böhlendorff, em 1801, ele também destaca, nos gregos, a natureza, que os liga ao Oriente, isto é, ao “*pathos* sagrado” e ao “fogo do céu”, e a cultura, que os volta para o Ocidente, quer dizer, para a “claridade da representação e a sobriedade juniana”. É esse dualismo do apolinismo e do dionisismo segundo Nietzsche,

com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão Sutrm und Drang. De suas obras, merecem destaque Fausto e Os sofrimentos do jovem Werther. (Nota da **IHU On-Line**)

18 São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

do *pathos* sagrado e da sobriedade segundo Hölderlin, que divide profundamente a Grécia antiga e a impede de alcançar a simplicidade do modelo a seguir, como ambos afirmam com vigor.

“

A cristandade ou a Europa, a uma crítica virulenta à Reforma, a respeito da qual ele não hesita em dizer que destruiu o laço do homem com Deus

IHU On-Line - Quais são os nexos entre as obras desse poeta e desse filósofo alemão?

Françoise Dastur - Sabe-se que Nietzsche, nascido em 1844, um ano após a morte de Hölderlin, conheceu e apreciou a obra deste. O que une Nietzsche e Hölderlin, sem esquecer que ambos tiveram um mesmo projeto, o de escrever uma tragédia cujo herói seria Empédocles, é a recusa de considerar a tragédia somente do ponto de vista do espectador e de ver nela, como faz Aristóteles em sua *Poética*, apenas uma purgação ou um remédio psicológico ou político.

Nietzsche mostra em *O nascimento da tragédia* que o fato de considerar a tragédia do ponto de vista crítico do espectador, e não em se identificando com o ator ou o coro, só se torna possível pelo declínio interno da própria tragédia. Para ele, com Eurípedes, é o próprio espectador que sobe ao palco, o que faz com que a tragédia perca seu status de representação metafísica da vida e de expressão da natureza em toda a sua força, para

se tornar somente o espelho da realidade social existente. Não vendo mais na tragédia um fenômeno metafísico, Eurípedes pronuncia por isso mesmo, segundo Nietzsche, a sentença de morte da tragédia. Da mesma maneira, Hölderlin explica que o tema da tragédia é o conflito entre a natureza e a cultura, o destino que cabe ao herói trágico que representa o sacrifício através do qual o homem ajuda a natureza a aparecer, a sair de seu recolhimento. Para ele também, o tema da tragédia não é político, mas o equilíbrio impossível entre a natureza e a cultura, o homem e o deus, e é por essa razão que ele vê realizar-se nela uma purificação da *hybris* especulativa, que se inverte em seu contrário, ou seja, leva a esse desamparo do homem abandonado pelos deuses que determina a era trágica como era da retirada do divino.

Aquilo de que trata a tragédia é, portanto, justamente o equilíbrio impossível entre o humano e o divino. Quanto mais o divino se aproxima do homem, mais se afasta como divino: esta é a armadilha da familiaridade e o perigo da captação especulativa; quanto mais o divino se afasta do homem, mais volta a ser divino no sentido autêntico, no entanto, mais o homem é abandonado por ele: o que ameaça, então, é a subumanidade do “*último homem*”, daquele que “apequena tudo” e que não “colocará mais estrela no mundo”, de que fala Nietzsche no prólogo de *Assim falou Zaratustra*¹⁹.

Quando Hölderlin também afirma que os alemães, excessivamente recolhidos em si mesmos, não são mais capazes de abrir-se à beleza, ele vai ao encontro de Nietzsche na crítica feroz que este faz de seus contemporâneos.

IHU On-Line - Hölderlin era amigo de Hegel e Schelling, e conheceu Goethe, Schiller, Fichte²⁰

19 Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Johann Gottlieb Fichte** (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo ale-

e Novalis. Como esses expoentes da alta cultura reagiram à sua poética?

Françoise Dastur - Hölderlin viveu no seminário de Tübingen numa grande proximidade com Hegel e Schelling, e essa amizade perdurou nos anos seguintes, pelo menos até o momento em que Hölderlin começou a dar sinais de desequilíbrio mental e foi atendido por seu amigo Sinclair. Durante o período em que Hegel, Hölderlin e Schelling passaram juntos no seminário de Tübingen, eles compartilharam o mesmo ideal: os três entusiasmaram-se com a Revolução Francesa²¹ e, muito críticos em relação à teologia que lhes era ensinada, preferiram se voltar juntos para a Grécia antiga.

Foi durante a estada no seminário que redigiram juntos “O mais antigo programa sistemático do idealismo alemão”, texto com um tom revolucionário em que à poesia era reconhecido o papel de educadora da humanidade, e que reivindicava uma “religião sen-

mão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor que publicasse o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. *Discursos à nação alemã* é sua obra mais conhecida. (Nota da **IHU On-Line**)

21 Revolução Francesa: nome dado ao conjunto de acontecimentos que, entre 5 de maio de 1789 e 9 de novembro de 1799, alteraram o quadro político e social da França. Começa com a convocação dos Estados Gerais e a Queda da Bastilha e se encerra com o golpe de estado do 18 Brumário, de Napoleão Bonaparte. Em causa estavam o Antigo Regime (*Ancien Régime*) e a autoridade do clero e da nobreza. Foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e da independência estadunidense (1776). Está entre as maiores revoluções da história da humanidade. A Revolução Francesa é considerada como o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea. Aboliu a servidão e os direitos feudais e proclamou os princípios universais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (*Liberté, Egalité, Fraternité*), lema de autoria de Jean-Jacques Rousseau. (Nota da **IHU On-Line**)

sível” e a aliança de um “monoteísmo da razão do coração” com um “politeísmo da imaginação e da arte”. Hegel, inicialmente muito impressionado com as ideias de Schelling, que foi o mais precoce dos três e começou a publicar assim que saiu do seminário, foi ao encontro de Hölderlin em Frankfurt, em 1797, e foi durante os três anos que passaram juntos nessa cidade que Hegel, sob a influência de Hölderlin, que estava redigindo então suas versões sucessivas de *A morte de Empédocles*, concebeu as primeiras bases de seu sistema filosófico.

“

Como seus dois condiscípulos do seminário de Tübingen, Hegel e Schelling, e já como Lessing, Schlegel e Schiller, Hölderlin interessou-se muito cedo pela tragédia grega

A voz da natureza

Hölderlin frequentou as aulas de Fichte em Jena, em 1794, e foi durante sua estada nessa cidade que encontrou Goethe e Schiller, por quem tinha uma admiração apaixonada desde sua juventude. Estes dois autores não só zombaram das traduções de Sófocles de Hölderlin, como também demonstraram certo desprezo por seus poemas. Na verdade, nem Goethe, que não vê Hölderlin como um verdadeiro poeta, nem Schiller, que julga sua poesia filosófica demais, são realmente capazes de compreender o significado da poesia de Hölderlin.

Parece haver uma forte oposição, principalmente, entre a relação que Goethe mantém com a natureza e a maneira pela qual Hölderlin se sente mergulhado nela.

Goethe, que nunca viveu em contato com a natureza, a busca nos jardins e nos parques das grandes cidades e sonha com uma união entre a natureza e a cultura, cujo modelo ele encontrará em suas viagens e sua estada na Itália. Ele vê a natureza com olhos de cientista e tenta penetrar nela para retrair a gênese de cada uma de suas formas. Hölderlin, ao contrário, descobre as forças da natureza tanto à sua volta como dentro dele mesmo. Goethe vê o olho como o meio de ter acesso ao “fenômeno original” da natureza, enquanto Hölderlin ouve a voz da natureza que fala diretamente à sua alma. Este tenta defender a natureza contra a cultura, enquanto Goethe quer fazer uso das armas da ciência para dominar os segredos da natureza.

Nostalgia do divino

Em 1795, ainda em Jena, Hölderlin também conheceu Novalis, sobre quem Fichte exercia então um grande fascínio. Novalis, dois anos mais jovem que Hölderlin e falecido seis anos depois, ainda não havia escrito muito naquela época, mas suas preocupações se aproximavam daquelas de Hölderlin. Porque Novalis também lera o famoso poema de Schiller, “Os deuses da Grécia”, publicado em 1788, no qual é dito que os deuses povoavam então o mundo e misturavam-se com os humanos, mas, ao partirem, deixando no seu rastro apenas “a letra morta”, a natureza e o homem se veem despojados de sua parte divina.

A mesma nostalgia anima Hölderlin, que, em um poema datado de 1801, “Retorno”, lamenta a falta dos “nomes sagrados” e, na elegia “Pão e vinho”, composta no ano anterior, explica ao seu amigo Heinze que os deuses, outrora, favoreciam a vida, mas que partiram para outro mundo. Novalis

é animado pela mesma exigência que se expressava nos três discípulos do seminário de Tübingen, aquela de uma renovação do cristianismo, e isso o leva também, em seu ensaio de 1799, *A cristandade ou a Europa*²², a uma crítica virulenta à Reforma, a respeito da qual ele não hesita em dizer que destruiu o laço do homem com Deus.

IHU On-Line - Como pode ser entendida a pergunta de Hölderlin: "Para que poesia em tempos de indigência"? É possível estabelecer um nexos com a questão de Adorno sobre a possibilidade de se fazer poesia depois de Auschwitz?

Françoise Dastur - Quando Hölderlin se pergunta, na sétima estrofe da elegia intitulada "Pão e vinho", "... por que poetas em tempos de indigência?", ele está fazendo alusão à situação do homem moderno, que perdeu toda e qualquer relação com o sagrado e tem de suportar a ausência dos deuses. É por essa razão que, dirigindo-se ao seu amigo Heinze, a quem o poema é dedicado, ele acrescenta:

"Mas eles são, tu dizes, como os sacerdotes sagrados de Baco, Que, de país em país, erram na noite sagrada."

Os poetas assemelham-se aos sacerdotes do deus do vinho, que atestam o sagrado nessa noite profunda que é a Modernidade. Porque essa noite é, ela mesma, "sagrada", exatamente porque essa ausência do divino ainda é uma maneira de este reinar. Os homens não se encontram, pois, em estado de absoluta separação em relação ao sagrado, em relação àquilo que se diz em alemão *das Heilige*, palavra que se aproxima do verbo *heilen*, curar, devolver a integridade a alguém, que tem a mesma raiz do vocábulo inglês *whole* e que deveria ser traduzido por indene ou inteiro. Em termos mais

exatos, é justamente porque os homens estão separados do "todo" que podem tomar consciência da importância de sua relação com ele. Como bem explica Heidegger na conferência dedicada a Rilke²³, proferida em 1926, justamente com o título "Por que os poetas?", a ausência do divino significa que nada mais une os homens e que é o próprio fundamento do mundo que agora está em falta.

Hölderlin opõe-se ao Clasicismo de Winckelmann, para quem a arte grega é a norma perfeita de toda a arte por vir

Enquanto a realidade é vivida em toda a sua *intensidade*, não há mesmo a necessidade de poetas, pois a atividade poética do homem confunde-se com o evento da totalidade de sua vida. É quando se desfaz essa união do céu e da terra a que chamamos de mundo que a palavra do poeta tem de dizer *das Heilige*, ou seja, não tanto o "sagrado", termo que só tem sentido em oposição ao profano, mas o indene, o íntegro, o salvo. Acerca desses poetas do tempo da indigência, dessa noite do mundo que é também uma noite sagrada - pois a retirada do divino é ainda uma maneira de o divino reinar -, Heidegger nos diz que eles "trazem

²³ **Rainer Maria Rilke** por vezes também Rainer Maria von Rilke (1875-1926): foi um poeta de língua alemã do século XX. Escreveu também poemas em francês. Rilke fez seus estudos nas universidades de Praga, Munique e Berlim. Em 1894 fez sua primeira publicação, uma coleção de versos de amor, intitulados *Vida e canções* (Leben und Lieder). Não exerceu nenhuma profissão, tendo vivido, sempre, à custa de amigas nobres. (Nota da IHU On-Line)

aos mortais o rastro dos deuses mergulhados na opacidade da noite do mundo". Este é, de fato, o sentido dos versos de "Como em dia de festa", nos quais o poeta afirma que o dia continua a brilhar mesmo dentro da noite mais profunda:

*Mas eis o dia! Eu o esperava,
vi-o chegar
E o que eu vi, que intacta esteja
minha palavra.
(tradução literal do francês)*

Adorno²⁴, por sua vez, declarou que "escrever um poema depois de Auschwitz é bárbaro" e que "hoje é impossível escrever poemas". Era em 1949, poucos anos após a Segunda Guerra Mundial, e pode-se conceber que Adorno estivesse preocupado em manifestar-se contra o esquecimento em que podia cair o extermínio, nos campos nazistas, de judeus, ciganos, deficientes mentais e homossexuais. Ele voltou mais tarde a essa declaração para explicar que não quisera condenar a arte e a cultura em geral, mas somente a cultura do pós-guerra, que queria jogar no esquecimento o que ocorrera.

Na realidade, pode-se pensar que a poesia é, ao contrário, o único modo adequado de falar desses terríveis acontecimentos que são os extermínios de seres humanos em massa. Estes não são próprios do nazismo somente, mas também do comunismo e, antes deles, de todos os massacres de massa que marcaram a época colonial e que

²⁴ **Theodor Adorno** [**Theodor Wiesengrund Adorno**] (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da revista **IHU On-Line**, intitulada *Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon386>. A conversa foi motivada pela palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Intersubjetividade*. (Nota da IHU On-Line)

²² Lisboa: Antígona, 2006. (Nota da IHU On-Line)

caracterizam efetivamente essa “noite” que é a Modernidade, segundo Hölderlin.

IHU On-Line - Em que sentido a poesia, para Hölderlin, é a mais laboriosa das tarefas?

Françoise Dastur - Hölderlin não diz exatamente isso. Ele declara, numa carta de janeiro de 1799 enviada à sua mãe, que a poesia é “essa ocupação inocente entre outras” a que ele deseja se dedicar inteiramente e com toda a tranquilidade, abandonando então todos os esforços feitos antes para conquistar um lugar no mundo, seja na condição de pastor, como desejava a mãe, seja na condição de filósofo e universitário, como ele desejou em vão. Agora, explica ele, não lhe interessa mais lutar contra essa inclinação que o arrastou, desde a mais tenra idade, para a poesia.

Em carta anterior enviada ao amigo Neuffer em 24 de fevereiro de 1796, Hölderlin reconhecia não estar em condições de “realizar um esforço contínuo, tal qual exige a tarefa filosófica a realizar”. Portanto, é a filosofia, e não a poesia, que ele considera uma tarefa laboriosa, quando sua inclinação natural o leva para a poesia. Citando ainda a mesma carta: “A filosofia é tirânica, e seu jugo, eu mais o suporte do que o busco”. Em outra carta enviada também a Neuffer em 12 de novembro de 1798, Hölderlin confessa dedicar “toda a sua alma” a dar vida aos seus poemas, reconhecendo estar bem longe de alcançar isso. Ao mesmo tempo, contudo, sabe que a filosofia é “um porto seguro” onde poderia “refugiar-se sem vergonha”, mas não pode abandonar seu primeiro amor e prefere “perecer sem mérito em vez de deixar a doce pátria das Musas”.

A poesia, assim, também requer esforço e não pode consistir em um simples jogo com as palavras. Hölderlin expõe isso em carta endereçada ao seu irmão em 1º de janeiro de 1799, destacando o interesse que a poesia apresenta para a educação da nação alemã.

Por certo, ela parece inicialmente não passar do lúdico, como dizia Schiller, que invocava, junto com as necessidades físicas e morais do homem, a *necessidade do lúdico*, que é também necessidade de arte, através da qual o homem foge do constrangimento físico ou moral e vive a experiência real da liberdade. Para Hölderlin, porém, a inocência do lúdico, que tira a poesia e a arte em geral do reino do constrangimento, é ainda apenas a face externa sob a qual a

“
O que deve ser evitado a qualquer preço é transformar o dizer poético em uma sequência de teses filosóficas

poesia se apresenta quando medida pelos critérios práticos da vida cotidiana. Para alcançar a “essência” da poesia, isto é, o que constitui o verdadeiro ser, não é mais “o instinto lúdico” que tem de ser invocado, mas um fazer mais elevado do que aquele que rege a prática cotidiana e que o vocábulo grego *poiësis* já indica por si mesmo.

Na verdade, não se destacou suficientemente o duplo sentido significativo desse termo grego que designa, ao mesmo tempo, um fazer entendido como fabricação e produção e a criação poética no sentido específico, reunindo assim, do ponto de vista semântico, uma espécie eminente da produção à produção no sentido geral. Pode-se ver nisso o sinal de uma preponderância da arte da palavra sobre todas as artes na Grécia, uma vez que é essa arte, e nenhuma outra, que tem o nome

de *poiësis*. Dar existência a algo somente através do poder das palavras é, de fato, para o grego, o paradigma de qualquer “produção” como tal. Essa força poética da poesia, que a torna superior tanto à teoria como à prática, tanto à filosofia como à política, é o singular poder de *instauração* ao qual Hölderlin se refere no verso final de *Andenken* [Memória], um poema escrito entre 1803 e 1804, pouco antes de ele mergulhar na sua “loucura”, como se costuma dizer: “Mas o que permanece, os poetas instauram”. Mas o que seria assim instaurado pela poesia? Outra passagem da carta de Hölderlin ao seu irmão diz isso claramente: “Ela aproxima e une os homens, mas não como o jogo, em que o vínculo consiste em esquecer-se de si e em que as particularidades vivas do indivíduo nunca podem manifestar-se.” Então, o que a poesia instaura por excelência é o viver-juntos dos homens, um viver-juntos em que o indivíduo mantém sua particularidade e, lembrando-se de si mesmo, mantém com todos os outros um vínculo vivo.

IHU On-Line - Qual é a importância e o estranhamento formal dos poemas escritos sob o pseudônimo Scarnadelli?

Françoise Dastur - Durante o longo período de sua loucura, de 1807 a 1843, Hölderlin viveu retido em uma torre à beira do Neckar²⁵, na casa do marceneiro Ernst Zimmer, em Tübingen, e continuou exaltadamente a escrever cartas, sobretudo à mãe, e poemas, na maioria das vezes para atender à solicitação daqueles que o visitavam. Uns 50 poemas desses foram preservados, dos quais a metade é assinada Scarnadelli e seguida de datas fictícias que vão de 1648 a

²⁵ **Neckar** (ou, na sua forma portuguesa, Nekar): é um rio da Alemanha e um afluente importante do Reno, que ele encontra em Mannheim. Nasce na Floresta Negra, flui através das montanhas Odenwald e atravessa Tübingen, Nürtingen, Esslingen, Stuttgart e Heidelberg. O comprimento total do Neckar, da sua nascente perto de Villingen-Schwenningen até o Reno, é de 367 km. Sua bacia é de 13.960 km². (Nota da **IHU On-Line**)

1940. Foi somente no final de sua vida, por volta de 1839, que Hölderlin começou a autonomar-se Scardanelli, mas também usou os pseudônimos de Salvador Rosa, Buonarotti ou Rosetti. Estes três últimos pseudônimos remetem a personagens que existiram. Salvador Rosa é o nome de um pintor e poeta satírico italiano do século XVII, personagem extravagante e eterno rebelde, cuja obra anuncia o Romantismo. Antonio Rosetti é o nome de um compositor checo do século XVIII, cuja obra foi influenciada por aquela de Mozart. Quanto a Philippe Buonarotti, um descendente de Michelangelo, foi próximo de Gracchus Babeuf, revolucionário francês guilhotinado em 1797 e considerado por Marx como o precursor do socialismo.

É mais difícil saber ao que remete o nome de Scardanelli. A última hipótese em data remete a um membro italiano chamado Skardanelli, membro da linhagem do barão Von Kempelen que exibiu, nas capitais europeias, um pretense autômato jogador de xadrez, inventado em 1769, mas que, na verdade, era acionado por um excelente jogador de xadrez escondido dentro do autômato, sendo esse jogador Skardanelli provavelmente. Podemos nos perguntar, de fato, se quando Hölderlin assinava Skardanelli - às vezes escrito com k - nos poemas que lhe eram solicitados, ele não se identificava com esse personagem, que supostamente exercia o papel de um autômato.

Clausura do ego

Quanto à importância desses poemas, não deveríamos subestimá-la. Sabe-se que um dos mais belos poemas, "In lieblicher Bläue" [No azul adorável], foi escrito em sua loucura, em 1822, pois foi o jovem poeta Waiblinger que foi visitá-lo em sua torre e o conservou para nós. Outro poema, de grande beleza e composição perfeita, "Wenn aus der Ferne" [Se de muito longe], foi provavelmente composto bem no início de sua loucura. Em

compensação, os poemas assinados Scardanelli são compostos por duas estrofes apenas e quase todos dedicados às estações: verão, outono, inverno e primavera. Caracterizam-se pela pobreza do vocabulário e pela abundância de palavras abstratas.

“

Hölderlin nos permitiu entrever uma possível reconciliação do homem com sua condição finita

Porém, marcam também um retorno de Hölderlin à rima e às repetições, como se ele tivesse buscado um último refúgio na visão de um mundo marcado por harmonia pura. Lemos esses poemas com o sentimento de que Hölderlin conseguiu finalmente - como também acontecerá com Nietzsche, mais tarde, em sua loucura - escapar dessa clausura no ego que caracteriza o homem moderno, fazendo com que este esteja ausente para todo mundo, e só o mundo, em seu esplendor, pode então, com toda a serenidade, manifestar-se em linguagem num breve poema. É o que dizem os últimos versos de um poema escrito em janeiro de 1843, "O inverno":

*Mas o espírito de quietude, em horas em que resplandece
A natureza, une-se em toda a profundidade (tradução literal da versão em francês)*

IHU On-Line - Segundo Heidegger, para ler Hölderlin, o melhor caminho seria o desvio. Essa afirmação seria pertinente?

Françoise Dastur - Heidegger diz mais exatamente que as tentativas de elucidação da poesia de Hölderlin são fadadas a se torna-

rem supérfluas. Para ele, trata-se, na verdade, da relação que o pensamento e a poesia podem manter. Como ele destaca em 1943, em seu posfácio de "Que é metafísica?", se o poeta e o pensador "se unem no cuidado com a palavra, os dois encontram-se, ao mesmo tempo, em sua essência, separados pela maior distância" e, como diz Hölderlin, "habitam próximos nos montes mais separados".

Portanto, o que deve ser evitado a qualquer preço é transformar o dizer poético em uma sequência de teses filosóficas, sendo essa a tentação do pensador quando tenta dialogar com um poeta. A elucidação (tradução que prefiro à "interpretação" para a palavra *Erläuterung*) que o pensador tenta fazer de um poema deve se prestar, então, a desaparecer diante da "pura presença do poema". Porque essa pura presença do poema não é dada de imediato; isso vale *a fortiori* para os poemas de Hölderlin, a respeito dos quais Heidegger diz, no prefácio de *Explicações da poesia de Hölderlin*²⁶, livro que reúne seus ensaios, que eles "parecem um cofre ainda não contemplado, onde o que diz o poema é preservado".

Na verdade, para conseguirmos entender a poesia de Hölderlin, precisamos deixar o terreno de nossas representações habituais, principalmente aquelas que nos levam a considerar a poesia de um ponto de vista estetizante ou filológico. Para Heidegger, é preciso, antes de mais nada, *ouvir* a voz do poeta. Ora, isso só é possível se conseguirmos, em vez de falarmos "sobre" o poema situando-nos fora dele e tentando, como filósofo ou filólogo, legislar sobre o que ele é, deixar o próprio poema nos dizer onde está sua própria particularidade. Esse desvio para alcançar o poema que é o discurso da elucidação é, pois, necessário, mas, como bem assinala Heidegger, deve "quebrar-se" no final. ■

²⁶ Brasília: UNB, 2014. (Nota da **IHU On-Line**)

Hölderlin e Nietzsche e o trágico como denominador comum

“Poeta preferido” de Nietzsche, Hölderlin influencia a redação de Assim falou Zaratustra de modo decisivo. Ambos os Gênios, o Filosófico e o Poético, nutriam apreço especial por Sófocles, revela Clademir Araldi

Por Márcia Junges e Ricardo Machado

“Hölderlin e Nietzsche são grandes conhecedores das tragédias e dos tragediógrafos gregos. O Gênio Poético do primeiro se expressou nas traduções das tragédias de Sófocles, na retomada de temas ‘trágicos’ em seus romances, elegias e poesias. No Gênio Filosófico de Nietzsche, a preocupação maior reside em intuir/elaborar o nascimento da tragédia, desde o excesso dionisíaco”. A análise é do Prof. Dr. Clademir Araldi, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. E acrescenta: “É significativa a alta estima que ambos os Gênios, o Filosófico e o Poético, nutriam por Sófocles; é revelador que o último, na época de *O nascimento da tragédia*, passe a valorizar Ésquilo como o poeta trágico superior”.

Acometidos pela loucura em diferentes contextos, o poeta e o filósofo têm no trágico um denominador comum: “Os longos anos que Hölderlin passou recluso na torre às margens do Neckar são trágicos, mas o silêncio do ‘infeliz poeta’ não significou o enterro de todos os seus pensamentos no ‘túmulo de uma loucura de muitos anos’. Brilharam, em meio à loucura, pensamentos e imagens tão belos, em forma de poesia. E o *Hipérion* ficou durante muitos desses anos de loucura sobre a mesa de Hölderlin, como se nele ele estivesse

em casa, como se ele tivesse lá reencontrado sua pátria mítica”. De acordo com Clademir, “a loucura de Nietzsche é ‘trágica’, à medida que foi ocasionada por terríveis doenças, que o acometeram desde a adolescência. Nos anos de loucura, a doença neurodegenerativa do filósofo solitário apagou logo a vida de sua mente e, aos poucos, a de seu frágil corpo”.

Clademir Araldi é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, com aperfeiçoamento em Filosofia pela Universidade Técnica de Berlim, Alemanha. cursou mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com a tese *O niilismo na moral. Investigação sobre a crítica da moral em Nietzsche*, e doutorado na Universidade de São Paulo - USP, com a tese *A radicalização do niilismo na obra de Nietzsche: acerca da posição de um novo sentido de criação e de aniquilamento*. É pós-doutor pela Universidade Técnica de Berlim e autor de *Niilismo, criação, aniquilamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos* (São Paulo: Discurso Editorial, 2004). Atualmente, leciona na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, onde é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Confira a entrevista.



No final do século XVIII e no limiar do século XIX, os pensadores e artistas românticos tinham consciência de que viviam em um tempo de transição, com a experiência de aceleração dos acontecimentos

IHU On-Line - Em que sentido Hölderlin¹ é um dos pensadores que ajuda a construir uma nova visão do moderno, a partir da arte?

Clademir Araldi - Antes de mais nada, é preciso recordar que Hölderlin e os românticos alemães viveram, pensaram e escreveram sob o impacto da Revolução Francesa.² Em contraposição aos

1 Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843): poeta lírico e romancista alemão. Conseguiu sintetizar na sua obra o espírito da Grécia antiga, os pontos de vista românticos sobre a natureza e uma forma não ortodoxa de cristianismo, alinhando-se hoje entre os maiores poetas germânicos. Em 1788 iniciou seus estudos em Teologia na Universidade de Tübingen, como bolsista. Lá conheceu Hegel e Schelling, que mais tarde se tornariam seus amigos. Devido aos recursos limitados da família e de sua recusa em seguir uma carreira clerical, Hölderlin trabalhou como tutor para crianças de famílias ricas. Em 1796 foi professor particular de Jacó Gontard, um banqueiro de Frankfurt, cuja esposa, Susette, viria a ser seu grande amor. Susette Gontard serviu de inspiração para a composição de Diotima, protagonista de seu romance epistolar *Hipérion*. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Revolução Francesa: nome dado ao conjunto de acontecimentos que, entre 5 de maio de 1789 e 9 de novembro de 1799, alteraram o quadro político e social da França. Começa com a convocação dos Estados Gerais e a Queda da Bastilha e se encerra com o golpe de estado do 18 Brumário, de Napoleão Bonaparte. Em causa estavam o Antigo Regime (*Ancien Régime*) e a autoridade do clero e da nobreza. Foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e da independência estadunidense (1776). Está entre as maiores revoluções da história da humanidade. A Revolução Francesa é considerada como o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea. Aboliu a servidão e os direitos feudais e proclamou os princípios universais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (*Liberté, Egalité, Fraternité*), lema de autoria de Jean-Jacques Rousseau. (Nota da **IHU On-Line**)

movimentos políticos e sociais da época, os Idealistas Românticos do período pós-revolucionário buscaram uma estetização total da existência e do mundo, a partir do artista criador. Nesse sentido, o Romantismo configura uma ruptura radical no mundo moderno. Somente a arte poderia levar a cabo o projeto de revolucionar todas as estruturas do mundo moderno, ao colocar o sujeito no centro da criação e transformação do mundo. A literatura e a estética românticas do final do século XVIII e do início do século XIX brotam da “embriaguez da subjetividade”, através do gênio criador, solitário e incompreendido. Essa “embriaguez” repercute ainda nas criações filosóficas de Nietzsche,³ especialmente em O

3 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/Hl7xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biológico radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biológico

nascimento da tragédia (São Paulo: Companhia das Letras, 1992) e, de um modo mais complexo, em *Assim falou Zaratustra* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

É decisiva, nesse sentido, a conexão que os românticos estabelecem entre o belo, o feio, o sublime e os tempos modernos, na aurora do Romantismo. A superação da crise da modernidade ocorreria por meio da ‘nova mitologia’, de um ‘messianismo dionisiaco’, que transparece nitidamente no poema “*Brod und Wein*”, de Hölderlin. Os projetos estéticos dos românticos possuem uma complexa relação com a temporalidade moderna, como podemos perceber não só em Hölderlin, mas também nos irmãos Schlegel,⁴ em Schelling,⁵ Tieck,⁶ Novalis,⁷

de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do **Ciclo de Estudos Filosofias da diferença** – Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 August Wilhelm von Schlegel (1767-1845): crítico, tradutor, filólogo e professor universitário alemão, irmão do também filólogo Friedrich von Schlegel. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Friedrich Schelling (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Ludwig Tieck (1773-1853): foi um poeta, romancista, crítico, tradutor e editor alemão, fez parte do movimento do romantismo do final do século XVIII e início do XIX. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Georg Philipp Friedrich von Hardenberg (1772-1801): Freiherr (barão) von Hardenberg, mais conhecido pelo pseudônimo Novalis, foi um dos mais importantes representantes do primeiro romantismo alemão de finais do século XVIII e o criador da flor azul, um dos símbolos mais duráveis do movimento romântico. (Nota da **IHU On-Line**)

Wackenroder,⁸ Kleist,⁹ E.T.A. Hoffmann¹⁰... Há, sem dúvida, uma desproporção entre a consciência da crise moderna (a rebeldia contra os valores estabelecidos na cultura, na sociedade e na moral) e os ímpetos criadores dos artistas e literários do Primeiro Romantismo, dentre os quais Hölderlin sobressai como um astro solitário.

IHU On-Line - Qual é o contexto artístico e filosófico dentro do qual as criações literárias de Hölderlin surgem?

Clademir Araldi - No final do século XVIII e no limiar do século XIX, os pensadores e artistas românticos tinham consciência de que viviam em um tempo de transição, com a experiência de aceleração dos acontecimentos. No prefácio da *Fenomenologia do espírito* (Petrópolis: Vozes, 2003), Hegel¹¹ evoca o moderno como

8 Wilhelm Heinrich Wackenroder (1773-1798): foi um jurista e escritor alemão. Com Ludwig Tieck, ele foi cofundador do romantismo alemão. Wackenroder nasceu em Berlim. Ele era um amigo próximo de Tieck desde a juventude até sua morte precoce. Eles colaboraram em praticamente tudo o que escreveu nesse período. Wackenroder morreu em Berlim em 1798 com a idade de 24 de um caso de febre tifoide. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Bernd Heinrich Wilhelm von Kleist (1777-1811): foi um poeta, romancista, dramaturgo e contista alemão. É conhecido por sua comédia *O Jarro Quebrado*, pela tragédia Pentesileia bem como por seu conto Michael Kohlhaas. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (1776-1822): escritor, compositor, caricaturista e pintor alemão. Um dos maiores nomes da literatura fantástica mundial. Suas histórias foram a base da famosa ópera de Jacques Offenbach, *Os Contos de Hoffmann*, em que Hoffman aparece como personagem. Hoffmann é também o autor do conto "O Quebra-Nozes e o Rei dos Camundongos", no qual foi baseado o balé *O Quebra-Nozes*. O balé *Coppélia* é também baseado em dois outros contos de Hoffmann, enquanto a *Kreisleriana* de Schumann é baseada na personagem Johannes Kreisler, igualmente criado por Hoffmann. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Friedrich Hegel (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de *Georg Wilhelm Friedrich He-*

gels, ao mesmo tempo em que tenta abandonar o Romantismo, superando-o. A modernidade seria marcada por crises, abalos de formas de vida tradicionais, e pelo pressentimento de novas formas de criação. Embora não haja uma unidade orgânica nos projetos estéticos do Romantismo - nem no início do movimento, nem nos seus desdobramentos tardios -, podemos perceber um traço comum: a salvação ou fuga da modernidade se dá desde o ponto de vista da subjetividade criadora do gênio, do indivíduo que se eleva das tendências temporais de dissolução. A 'nova mitologia', anunciada no *Programa Sistemático* (1796) e elaborada por F. Schlegel nos anos seguintes, provém de um núcleo a-histórico de criação, mas se efetiva no tempo histórico, no espírito comunitário romântico. Esse panfleto, encontrado em 1917 por F. Rosenzweig¹² e denominado de "O mais antigo Programa Sistemático do Idealismo Alemão" é emblemático, tanto em relação à sensibilidade quanto ao pensamento romântico. Sua autoria é incerta: para alguns o autor foi Schelling, para outros, Hegel (como defende O. Pöggeler,¹³ p. ex.) ou Hölderlin. Eram três jovens entusiasmados, colegas no Instituto Teológico de Tübingen.

gel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>, e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da **IHU On-Line**)

12 Franz Rosenzweig (1886-1929): filósofo judeu nascido na Alemanha, é autor de uma obra importante na qual se destacam *Der Stern der Erlösung* (*A estrela da redenção*) e *Judentum und Christentum* (*Judaísmo e Cristianismo*). Trabalhou com Martin Buber na tradução da Bíblia hebraica para o alemão. Confira a entrevista que Ricardo Timm de Souza concedeu à **IHU On-Line**: *Rosenzweig e uma nova compreensão da ideia de sujeito*, disponível em <http://bit.ly/GCaglu>. (Nota da **IHU On-Line**)

13 Otto Pöggeler (1928-2014): foi um filósofo alemão especializado em fenomenologia e na obra de Martin Heidegger. Também publicou um estudo da poesia de Paul Celan, e foi diretor do Arquivo Hegel na Universidade Ruhr, em Bochum. (Nota da **IHU On-Line**)

Mito e ritual

A letra do manuscrito é de Hegel, mas o que mais importa, segundo R. R. Torres Filho, é "que se trata de um desses escritos cuja autoria, por definição, é coletiva ou nenhuma - sensíveis a tendências e ideias que estão "no ar", informadas (...)"[Pensadores. F.von Schelling. *Obras escolhidas*. 3. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1989]. Certamente, nesse manuscrito estão presentes ideias centrais do movimento romântico, como a concepção organicista de natureza, o novo vínculo entre beleza e verdade e a nova mitologia, ideias essas presentes na obra de Hölderlin, no *Hiperion*, principalmente. E também numa de suas mais conhecidas elegias, *Brod und Wein* (Pão e vinho), escrita por volta de 1800, em que o poeta-pensador ensaia unir o Oriente com o Ocidente, o mito de Dioniso com o de Cristo.

Os símbolos dionisíacos, como a ceia da comunidade dos iniciados (tal como era praticada em Roma pelos iniciados nos Mistérios dionisíacos) possui muitas semelhanças com o cristianismo, como Manfred Frank¹⁴ mostrou em sua obra *Der kommende Gott* (1982). É preciso salientar, sobretudo, a maestria da prosa e da poesia de Hölderlin em elaborar a união do mito e dos rituais de Dioniso: no "teatro sagrado" da tragédia grega, Dioniso juntaria mito e ritual. O poeta alemão, no entanto, busca 'ressuscitar' o espírito da comunidade. Através do cenáculo romântico, seria possível superar a separação entre os indivíduos modernos, distantes uns dos outros na noite do "afastamento dos deuses".

IHU On-Line - Qual é a importância da poesia de Hölderlin na filosofia de Nietzsche, sobretudo em seus escritos juvenis?

Clademir Araldi - O impacto da poesia e da prosa de Hölderlin no

14 Manfred Frank (1945): filósofo alemão, professor emérito de filosofia da Universidade de Tübingen. Foca-se no idealismo alemão, romantismo e conceitos de subjetividade e autoconsciência. (Nota da **IHU On-Line**)

pensamento e na vida de Nietzsche está bem condensado na “Carta a meu amigo, na qual lhe recomendo a leitura de meu poeta preferido”, de 19 de outubro de 1861. Nessa carta a um amigo imaginário, escrita por um adolescente ginásial de 17 anos, estão contidas as fortes impressões de suas leituras de Hölderlin, que cito em quase sua totalidade:

“Esses versos (...) fazem fluir o ânimo mais puro e brando; esses versos, em sua naturalidade e originalidade obscurecem a arte e a elegância formal de Platão;¹⁵ esses versos, ora agitando-se no mais sublime ímpeto da ode, ora perdendo-se nos mais delicados sonidos da melancolia (...). Assim sendo, não conheces o *Empédocles*, este fragmento dramático tão pleno de significação, em cujos tons melancólicos ressoa o futuro do infeliz poeta, o túmulo de uma loucura de muitos anos. Entretanto, esse poema não ressoa, como você pensa, em palavras obscuras, mas na mais pura linguagem sofocliana e numa plenitude infinita de pensamentos profundos. Tu não conheces também o *Hipérion*, que no movimento harmonioso de sua prosa, na sublimidade e beleza das formas aí emergentes, produzem em mim uma impressão semelhante ao bater de ondas do mar agitado. De fato, essa prosa é música, tons brandos que se fundem, interrompidos por dissonâncias dolorosas, esfacelando-se, por fim, em sombrias e secretas canções sepulcrais. - O que foi dito, no entanto, diz respeito somente à forma exterior; permita-me agora acrescentar ainda algumas palavras acerca da plenitude de

15 **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em (Nota da **IHU On-Line**)

pensamentos em Hölderlin, que tu pareces considerar como confusão e obscuridade. Se tua censura atinge realmente algumas poesias da época de sua loucura, e mesmo nas anteriores a profundidade do pensamento às vezes se debate com o irromper da noite da loucura, então a maior parte delas são de longe pérolas puras e preciosas de nossa arte poética em geral. Aponto somente algumas poesias, como “Retorno à pátria” (*Rückkehr in die Heimath*), “A torrente encadeada” (*der gefesselte Strom*), “Crepúsculo” (*Sonnenuntergang*), “O cantor cego” (*der blinde Sänger*), e te apresento mesmo as últimas estrofes da “Fantasia noturna” (*Abendphantasie*), em que se expressa a mais profunda melancolia e aspiração por repouso.

- No céu do entardecer desabrocha uma primavera;
Incontáveis se abrem as rosas, e sereno parece
O mundo dourado; oh! Levem-me para lá,
Purpúreas nuvens! E posam lá em cima

Em luz e vento diluir em mim amor e dor!
Pois, como que afugentado de um pedido doido, fuge
O encanto. Fica escuro, e solitário
Sob o céu, como sempre, estou eu.

Venha agora, sono suave! Demasiado deseja
O coração, pois finalmente, juventude, incandesces!
Tu, inquieta, sonhadora!
Pacífica e serena é então minha idade.¹⁶

16 - Am Abendhimmel blühet ein Frühling auf;
Unzählig blühen die Rosen, und ruhig scheint Die Goldne Welt; o dorthin nehmt mich,
Purpurne Wolken! Und mögen droben

In Licht und Luft zerrinnen mir Lieb und Leid! -
Doch, wie verscheucht von thörichter Bitte, fliehet
Der Zauber. Dunkel wird's, und einsam
Unter dem Himmel, wie immer, bin ich.

Em outras poesias, como especialmente na “Recordação” (*Andenken*) e na “Andança” (*Wanderung*), o poeta eleva-nos para a suprema idealidade, e nós sentimos com ele, que esse era seu elemento pátrio. Por fim, é digna de menção uma série inteira de poesias, nas quais ele diz verdades amargas aos alemães, que são com frequência muito bem fundadas. Também no *Hipérion* ele lança agudas e cortantes palavras contra o “barbarismo” alemão. Essa repulsa à realidade, contudo, está unida ao mais elevado amor à pátria, que Hölderlin possui de fato em alto grau. Mas ele odiava no alemão o mero especialista, o filisteu.

Na tragédia inacabada *Empédocles*, o poeta nos desdobra sua natureza própria. A morte de Empédocles é uma morte de orgulho divino, de desprezo pelos homens, de saciedade da terra e panteísmo. Fiquei comovido sempre por inteiro ao ler a obra toda; existe uma elevação divina nesse Empédocles. No *Hipérion*, por sua vez, mesmo que ele pareça logo estar banhado por um brilho transfigurador, tudo é insatisfeito e incompleto. As figuras, que o poeta nos evoca, são “figuras rarefeitas, que, em sons nos suscitam nostalgia, ressoam em nós, nos encantam, mas também despertam uma ânsia insatisfeita”. Em nenhum outro lugar se revela a nostalgia pela Grécia em sonidos mais puros; em nenhum outro lugar se distingue com mais clareza a afinidade animica de Hölderlin com Schiller e com Hegel, seu amigo de confiança. (...) ¹⁷.

Apropriação indevida

Infelizmente, como bem provou Thomas Brobjer,¹⁸ essa carta é uma

Komm du nun, sanfter Schlummer! Zu viel begehrt
Das Herz, doch endlich, Jugend, verglühst du ja!
Du ruhelose, träumerische!
Friedlich und heiter ist dann mein Alter.
17 NIETZSCHE, F. W. *Frühe Schriften*, vol. II, C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung. München, 1933-1940. Munique: DTV, 1994, p. 1-5. Traduzido por Clademir Araldi. (Nota do entrevistado)

18 **Thomas H. Brobjer**: é um pesquisador interessado em Nietzsche e professor no

apropriação (indevida, um plágio) da obra de William Neumann: *Moderne Klassiker. Deutsche Literaturgeschichte der neueren Zeit in Biographien, Kritiken und Proben: Friedrich Hölderlin* (cf. Brobjer, Th. *Nietzsche-Studien* 30, 2001. Berlim: De Gruyter, p. 397-412). Bem, até mesmo os gênios filosóficos cometem erros e precisam de esforço e tempo para amadurecer! Mesmo que Nietzsche não cite a fonte, Neumann foi importante para ele para entrar na profusão do mundo de Hölderlin, um dos autores que constrói o antagonismo entre Apolo e Dioniso, entre as artes plásticas e a música. Em *O nascimento da tragédia*, o jovem Nietzsche também procura fundir as artes plásticas com a música dionisiaca, na tragédia grega. Seria a 'união fraternal' de Apolo e Dioniso, buscada em vários momentos da prosa e da poesia de Hölderlin. Entre 1869 e 1871 há vários esboços do Filósofo Solitário para prosseguir a tragédia inacabada de Hölderlin: "Empedokles", "Der Tod des Empedokles", em três ou em cinco atos. Cumpriu-se a triste sina do Poeta que enlouqueceu: os projetos de Nietzsche ficam inacabados!

Influência

Por volta de 1874, Nietzsche adquiriu as "Obras Escolhidas" de Hölderlin (ed. por C. T. Schwab). O que mais surpreende é que a influência maior do seu "poeta preferido" se fará sentir em *Assim falou Zaratustra*. Depois de escrever o *Zaratustra I*, no início de 1883, Nietzsche retoma os planos para retomar a tragédia "Empedokles". Só que desta vez é Zaratustra o protagonista. A maior parte das versões do verão - outono de 1883 até julho de 1885 - é construída em quatro ou cinco atos. No último ato aparece a "Festa dos mortos", ou "A morte de Zaratustra". Toda boa tragédia culmina com a morte do herói. Por que Nietzsche não escreveu o *Zaratustra V*? Isso dá o que pensar... De todo modo, nos quatro livros escritos (o IV não

departamento de História da Ciência e das Ideias, na Uppsala Universitet, na Suécia. (Nota da **IHU On-Line**)

foi autorizado para publicação por seu autor), muitas imagens, símbolos e metáforas de Hölderlin são apropriados pelo Gênio Filosófico. Elas giram em torno da tragédia, do apolíneo e do dionisiaco, por exemplo: o raio, o nascer e o pôr-do-sol, o cálice da plenitude, o fogo devorador, o outono, a destruição criadora, a necessidade da morte para a vida, o fruto maduro, a meia-noite, o meio-dia, instante e eternidade.

IHU On-Line - Que aproximações podem ser feitas entre as concepções de trágico de Hölderlin e as de Nietzsche? Nesse sentido, que aproximações podem ser feitas entre os 36 anos em que Hölderlin viveu e escreveu recluso em sua torre, à beira do Neckar, e os 10 anos em que Nietzsche viveu após seu colapso?

Clademir Araldi - Hölderlin e Nietzsche são grandes conhecedores das tragédias e dos tragediógrafos gregos. O Gênio Poético do primeiro se expressou nas traduções das tragédias de Sófocles,¹⁹ na retomada de temas 'trágicos' em seus romances, elegias e poesias. No Gênio Filosófico de Nietzsche, a preocupação maior reside em intuir/elaborar o nascimento da tragédia, desde o excesso dionisiaco. A matriz da tragédia estaria um tanto longínqua, na sabedoria pessimista dos helenos, nos mitos trágicos e no dionisismo oriental; mas é "o gênio recém-nascido da música dionisiaca" quem trouxe à luz a tragédia grega. Hölderlin, mais comedido nesse ponto, vê na fraqueza, no encanto das criaturas mortais, a natureza originária da tragédia. Mas ambos se abismam em seus paradoxos e antagonismos. Como repercutem o hino ao nada, a natureza solar, o percurso pela *terra incognita* de *Hipérion*, nos escritos de Nietzsche! É significativa a alta estima que ambos os Gênios, o Filosófico e o Poético,

¹⁹ **Sófocles**: dramaturgo grego. Viveu em Atenas, cerca de 400 anos antes da Era Cristã. Considerado um dos mais importantes escritores gregos da tragédia. Édipo Rei, Antígona e Electra são as suas peças mais conhecidas. (Nota da **IHU On-Line**)

nutriam por Sófocles; é revelador que o último, na época de *O nascimento da tragédia*, passe a valorizar Êsquilo como o poeta trágico superior.

Roberto Machado,²⁰ em sua obra *O nascimento do trágico* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006), defende, com razão, que o trágico é uma invenção romântica e moderna, de Schiller até Nietzsche. Temos, então, que distinguir entre a **Tragédia**, enquanto gênero dramático específico, e o **trágico**, como *pathos* moderno em relação à existência. *Tragikon*, como mostrou Glenn Most,²¹ é quase sempre aplicado à literatura, em sentido pejorativo; quando é aplicado a estados psicológicos de pessoas, significa "arrogante, presunçoso". Talvez Nietzsche e Hölderlin não tenham diferenciado a "visão trágica do mundo" do gênero dramático "tragédia", ao tratar, por exemplo, dos efeitos catárticos que uma verdadeira tragédia suscita. Apesar disso, é muito relevante o modo como os dois alemães tratam do desacordo 'trágico' do homem no mundo. A loucura de ambos é trágica num sentido bem moderno, que nós entendemos com muita nitidez.

Saber fatal

Os longos anos que Hölderlin passou recluso na torre às margens do

²⁰ **Roberto Machado**: filósofo brasileiro, autor de *Nietzsche e a verdade* (2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984); *Zaratustra, tragédia nietzschiana* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997), e um dos autores de *Danação da norma. Medicina Social e a constituição da psiquiatria no Brasil* (Rio de Janeiro: Graal, 1978). Em 01-04-2004, Machado abriu o evento Ciclo de Estudos sobre Michael Foucault, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU com a palestra *Foucault, a filosofia e a literatura*. Na edição 203, de 06-11-2006, *Michel Foucault, 80 anos*, concedeu a entrevista *Nietzsche, Foucault e a loucura como experiência originária*, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>. Em 04-06-2010 esteve no IHU no Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana, falando sobre *A geografia de-leuziana do pensamento*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista disponível em <http://bit.ly/8ZvBiq>. (Nota da **IHU On-Line**)

²¹ **Glenn Warren Most** (1952): é um estudioso de obras clássicas dos EUA e pesquisadora de literatura comparada da Alemanha e da Itália. (Nota da **IHU On-Line**)

Neckar são trágicos, mas o silêncio do “infeliz poeta” não significou o enterro de todos os seus pensamentos no “túmulo de uma loucura de muitos anos”. Brilharam, em meio à loucura, pensamentos e imagens tão belos, em forma de poesia. E o *Hipérion* ficou durante muitos desses anos de loucura sobre a mesa de Hölderlin, como se nele ele estivesse em casa, como se ele tivesse lá reencontrado sua pátria mítica. Já a loucura de Nietzsche é ‘trágica’, à medida que foi ocasionada por terríveis doenças, que o acometeram desde a adolescência. Nos anos de loucura, a doença neurodegenerativa do filósofo solitário apagou logo a vida de sua mente e, aos poucos, a de seu frágil corpo. Apenas nos primeiros meses de loucura, Nietzsche conseguiu lembrar eventos decisivos de sua vida, depois, somente a companhia da mãe, do piano e, que tragédia, da indesejável irmã! É trágico também o modo como o Gênio Filosófico pressagia sua loucura (desde a juventude), como a máscara de um saber fatal... O diagnóstico da loucura de cada um deles é questionável, mas é certo que eram hipocondríacos, em diferentes graus.

IHU On-Line - Em que sentido as paixões impossíveis por Susette Gontard²² e por Louise von Salomé²³ marcam o destino de Hölderlin e de Nietzsche?

22 Susette Gontard (1769-1802): era a esposa do patrão de Hölderlin, o banqueiro Frankfurt Jakob Friedrich Gontard. O poeta alemão Friedrich Hölderlin se apaixonou por ela depois de trabalhar em sua residência como preceptor. Diz-se que a paixão fatal do poeta contribuiu para a sua descida para a loucura e a morte final. Hölderlin e Gontard trocaram um grande corpo de cartas, que foi preservado e foi publicado em muitas edições. (Nota da **IHU On-Line**)

23 Lou Andreas-Salomé nascida **Louise von Salomé** (1861-1937): foi uma intelectual alemã, nascida na Rússia. Lou Andreas-Salomé foi uma bela mulher que escandalizou a sociedade e quebrou regras morais. Teve

Clademir Araldi - Susette Gontard foi o grande amor da vida de Hölderlin. Desde o início de 1796, o jovem poeta foi preceptor na casa do banqueiro Jakob F. Gontard²⁴ (Frankfurt), com quem era casada e teve quatro filhos. O poeta-preceptor foi obrigado a abandonar a casa, por causa das suspeitas de suas relações com Susette. Ele continuou a encontrar-se e a corresponder-se com ela até 1800. Hölderlin tentou eternizar Susette em suas poesias (por exemplo, em “*Wen aus der Ferne*”) e em seu romance epistolar *Hipérion*, como Diotima. Em uma de suas últimas cartas ao Gênio Poético, assim escreveu Susette: “Não posso mais continuar escrevendo, adeus! Adeus! Tu és imperecível em mim! E permaneças até quando eu permanecer.”

Susette morreu em 22 de junho de 1802. Hölderlin provavelmente ficou sabendo da morte de sua amada no início de julho daquele ano. É muito obscuro o que aconteceu de maio a julho de 1802, desde que o melancólico poeta parte a pé para Bordeaux, até ser encontrado por amigos em Stuttgart, em estado deplorável. A ‘loucura’ de Hölderlin foi diagnosticada em 1805, no mesmo ano em que é publicado o livro *Die Nachtwachen*, de Bonaventura, talvez o ápice do niilismo poético romântico. A doença também levou Sophie von Kühn,²⁵ a

vários amantes. Conheceu Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Rainer Maria Rilke, Paul Rée, entre outros grandes homens. Mulher sensível, tinha fama de sedutora. (Nota da **IHU On-Line**)

24 Jakob Friedrich Gontard: banqueiro de Frankfurt e marido de Susette Gontard. (Nota da **IHU On-Line**)

25 Christiane Wilhelmine Sophie von Kühn (1782-1797): foi uma mulher que inspirou o poeta romântico alemão e filósofo Friedrich von Hardenberg, conhecido por muitos simplesmente como Novalis. A imagem de Sophie aparece em Novalis Hymns À noite, um texto fundamental do movimento literário conhecido como Romantismo alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

noiva amada de Novalis, em 1797, com apenas 15 anos. Em *Hymnen an die Nacht* (1800), Novalis tentou transfigurar a dor da perda, cultuando/recordando seu grande amor (romântico).

“O grande meio-dia”

Lou Salomé era bem jovem quando Nietzsche a conheceu na Itália, em 1882. Nietzsche era filósofo errante há vários anos, ainda apreciava vulcões ativos (Vesúvio) e histórias de marinheiros, como podemos observar no *Zarathustra*. À diferença de Hölderlin e de Novalis, a paixão de Nietzsche não foi correspondida. Lou recusou o convite de casamento do Gênio Filosófico, viajou com Paul Rée,²⁶ até então amigo de Nietzsche, para Paris, e viveu muitos anos ainda. Nietzsche ficou com a sua mais fiel companheira, a solidão, teve pensamentos de suicídio, escreveu cartas ‘desaforadas’ a seus ‘traidores’. Mas logrou nos meses seguintes transfigurar suas dores e frustrações em *Assim falou Zarathustra. Um livro para todos e para ninguém*, sua criação filosófico-poética mais elevada.

Nietzsche e Hölderlin buscaram alcançar e agarrar-se ao ‘grande meio-dia’ (*der grosse Mittag*), ao pensamento e ao sentimento romântico da unidade de tudo o que vive, da reconciliação de todos os mortais no coração do ser. Mas precipitaram-se fatalmente na solidão tumular da loucura, ansiando por encontrar seu lar, no coração e nos instantes da eternidade. Como isso é belo, trágico - e distante! ■

26 Paul Ludwig Carl Heinrich Rée (1849-1901): foi um autor e filósofo alemão, amigo de Friedrich Nietzsche durante um determinado período. Teve um caso com Lou Salomé, formando um triângulo amoroso com Friedrich Nietzsche. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

– *O niilismo como doença da vontade humana*. Entrevista com Clademir Araldi, publicada na revista **IHU On-Line**, nº 354, de 20-12-2010, disponível em <http://bit.ly/1VCX6LE>.

Schiller e Hölderlin: “as sementes de um novo universo poético”

Influência de Schiller na obra de Hölderlin é decisiva em seus escritos, observa Joãozinho Beckenkamp

Por Márcia Junges e João Vitor Santos

Uma admiração que marca a trajetória de Hölderlin por completo. Assim o Prof. Dr. Joãozinho Beckenkamp compreende a influência de Schiller sobre o autor de *Hiperion*. Tal impacto não cedeu nem mesmo após Hölderlin ter encontrado “sua própria posição, a partir de 1795”. Contudo, pondera o pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG na entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail, “é preciso recuperar a compreensão da importância de Schiller no contexto em questão” para entender esse apego. E destaca: “Falando da influência de Schiller sobre Hölderlin, neste sentido, há que reconhecer que se trata da mais nobre das influências, aquela em que um poeta e pensador lança em outro as sementes de um novo universo poético”.

Sobre o fato de a obra de Hölderlin expressar em seus escritos formas não ortodoxas do cristianismo, Beckenkamp reage apontando que a “insistência em ver em toda produção artística algum tipo de expressão do mitológico e/ou religioso caracteriza bem o filisteísmo que marca a leitura de Hölderlin no século XIX”. Acerca da questão dos pseudônimos usados pelo poeta alemão, destaca que essa

“profunda inclinação” no uso de codinomes por um incapacitado mental, o que Hölderlin veio a se tornar depois de 1806, “denuncia antes o sadismo do olhar psiquiátrico, que Foucault nos ensinou mais recentemente a entender melhor; tal procedimento pode bem ser comparado à construção de factoides usual em nosso jornalismo de fofoca, em torno do qual se juntam sabidamente os olhares sádicos das massas modernas”.

Joãozinho Beckenkamp é mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e pela Georg-August-Universität Göttingen, Alemanha, com a tese *Kants Begriffstheorie*. cursou doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp com a tese *Conceito e Crítica: Estudo sobre a gênese do conceitualismo kantiano*. Organizou a obra *Immanuel Kant, Princípios metafísicos da doutrina do direito* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014) e é autor de *O jovem Hegel: Formação de um sistema pós-kantiano* (São Paulo: Loyola, 2009) e *Entre Kant e Hegel* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004). Leciona na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que medida a poesia de Hölderlin ajudou a compor o imaginário literário romântico da poesia alemã?

Joãozinho Beckenkamp - O imaginário romântico alemão em geral é uma construção póstuma, encontrando só alguns elementos incipientes no mo-

vimento romântico como fenômeno histórico. Se é justo dizer que os irmãos Schlegel¹, Novalis²

¹ August Wilhelm von Schlegel (1767-1845): crítico, tradutor, filólogo e professor universitário alemão, irmão do também filólogo Friedrich von Schlegel. (Nota da IHU On-Line)

² Novalis (1772-1801): pseudônimo de Georg Friedrich Philipp Freiherr von Har-

e mesmo Schelling³ constituem

denberg poeta e filósofo alemão. Foi um dos mais importantes representantes do romantismo alemão de finais do século XVIII. (Nota da IHU On-Line)

³ Friedrich Schelling (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do



Com golpes certos, Adorno aponta para a inversão operada por Heidegger na relação entre o nacional e o estrangeiro na poesia de Hölderlin

fontes importantes deste imaginário, é incorreto afirmar o mesmo de Hölderlin, que se relaciona antes com o classicismo *sui generis* de Schiller e Goethe⁴, em pleno apogeu quando Hölderlin entrou no cenário literário alemão.

A posterior incorporação da figura de Hölderlin ao imaginário romântico se deve, por um lado, a sua biografia realmente trágica e, por outro lado, a uma incompreensão de seu projeto poético. Projeto que começou a ser estudado com mais atenção só no século XX (assim, a fundamental obra tardia de Hölderlin, considerada ao longo do século XIX como produção ininteligível de um louco, teve sua primeira publicação efetiva apenas em 1914, na edição preparada por Norbert von Hellingrath⁵).

IHU On-Line - Qual é a razão pela qual os contemporâneos de Hölderlin o consideravam um imitador de Schiller?

romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sutrm und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Norbert von Hellingrath** (1888-1916): foi um estudioso literário alemão, cujo principal contribuição para estudos literários é a primeira edição completa das obras do poeta Friedrich Hölderlin. (Nota da **IHU On-Line**)

Joãosinho Beckenkamp - Hölderlin estreou no cenário literário alemão sob a proteção de Schiller. Além disso, os poemas de sua fase inicial são fortemente marcados pela influência do conterrâneo mais velho e experiente. A admiração por Schiller, aliás, marca toda a trajetória de Hölderlin, não cessando sequer depois que este encontrou sua própria posição a partir de 1795. Para entender este apego, é preciso recuperar a compreensão da importância de Schiller no contexto em questão.

Marcado inicialmente pelo processo de esclarecimento em curso no século XVIII, Schiller encontra por volta de 1790 a formulação cabal dos princípios deste processo na filosofia crítica de Kant⁶. Com

6 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

entusiasmo, dá continuidade, em seus estudos sobre história universal, à filosofia da história de Kant, de acordo com a qual a humanidade começa em inocente união com a natureza, a qual precisa ser rompida para que o homem desenvolva sua racionalidade. Com a cisão entre natureza e liberdade, sensibilidade e razão, advém na história da humanidade a fragmentação, que só faz aumentar com o avanço da reflexão, da técnica e da civilização. Já na *Teosofia de Julius*, Schiller havia feito culminar este processo na recuperação final da rememoração, nobre tarefa dos artistas, segundo o poema *Os artistas* de 1789. Fiel à sua natureza artística, Schiller não podia aceitar sem reservas a contraposição irreconciliável entre natureza e liberdade que caracteriza a filosofia moral kantiana, procurando ir além de Kant no ensaio *Sobre graça e dignidade*, de 1793, e nas cartas *Sobre a educação estética do homem*, de 1795, textos seminais em que procura vislumbrar perspectivas de aproximação e reconciliação entre razão e natureza.

Estética do sublime

É esta busca de novas perspectivas morais e estéticas para o homem que Hölderlin acompanha desde a década de 1780, marcando sua trajetória tanto quanto a influência da forma lírica schilleriana marcou sua produção poética inicial. Esta busca de novos horizontes inaugura com muita ousadia o pensamento que se consolidaria progressivamente como idealismo alemão pós-kantiano, o que já por si coloca Schiller em posição de destaque neste contexto de efervescência revolucionária das ideias. Para a formação de Hölderlin como poeta trágico, entretanto, contribui ainda um outro avanço promovido por Schiller a partir da estética kantiana. Interessado na compreensão do drama moderno, gênero em que debutara e ao qual voltaria em seguida, Schiller se apropria da estética kantiana do sublime, levando-a do âmbito da contemplação da natureza, ao

qual Kant a confinara, para o da representação artística, com o que prepara a passagem da estética do belo para a estética do sublime como forma adequada de compreender a arte moderna.

Pois é na estética do sublime assim estendida que se encontra o fundamento teórico para a compreensão daquela apreciação estética do sofrimento que caracteriza o prazer com o patético e o trágico, tornando-se logo patente que é destino do homem moderno só encontrar ainda o sentimento de si como ser espiritual pleno neste misto de prazer e dor que se encontra no sentimento trágico da história e da própria existência. Em Schiller este desdobramento trágico do sublime começa a ser feito nos ensaios *Sobre o sublime* e *Sobre o patético*, de 1793, ganha expressão no ensaio *Sobre poesia ingênua e sentimental*, de 1795/6, e culmina na versão publicada em 1801 do ensaio *Sobre o sublime*; para Hölderlin, esta consequência trágica marca sua mais própria posição poética, atingida no decorrer de sua passagem por Iena em 1794/5.

Falando da influência de Schiller sobre Hölderlin, neste sentido, há que reconhecer que se trata da mais nobre das influências, aquela em que um poeta e pensador lança em outro as sementes de um novo universo poético.

IHU On-Line - É correto afirmar que a poesia de Hölderlin pode ser classificada como uma poesia metafísica? Por quê?

Joãosinho Beckenkamp - Num sentido em que se pode considerar a lírica de Schiller uma poesia filosófica, certamente não, pois nela de fato transparece o esquema intelectual subjacente. Algo que já foi criticado pelos contemporâneos. Mas seria correto considerar a poesia de Hölderlin uma poesia metafísica no sentido daquela integração dos propósitos da arte e da filosofia tão característica do movimento romântico e idealista alemão. Ainda que não se rebaixe jamais à simples expressão de

ideias ou esquemas intelectuais, a poesia de Hölderlin se move no horizonte de um esquema histórico que tem sua origem em Rousseau⁷, ganha conceitos mais precisos em Kant e é reivindicado para a arte por Schiller. Segundo este esquema, a história da cultura humana não transcorre linearmente, mas se caracteriza por uma cisão originária, na qual o homem perde sua unidade em si, com os outros e com a natureza, passando a se fragmentar cada vez mais num processo de especialização movido por uma progressiva reflexão e abstração.

Com a perda da unidade originária, começa a história do homem moderno, que se vê, pois, desafiado por uma incessante fragmentação e ameaçado de perder irremediavelmente a unidade. De dentro deste processo, propõe-se o esquema para uma filosofia da história que vê na especialização não só o lado negativo da fragmentação, mas também o lado positivo do avanço na formação da humanidade, cumprindo finalmente projetar a recuperação da imensa riqueza assim gerada num ato final de memorização e reconciliação com este curso histórico, o que equivaleria a uma reconquista da unidade, agora enriquecida por toda esta complexidade.

Primeira constelação

Para a compreensão do destino desta filosofia da história da humanidade em Hölderlin, contribui bastante a pesquisa das constela-

⁷ **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da **IHU On-Line**, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/iuhon415>. (Nota da **IHU On-Line**)

ções, iniciada por Dieter Henrich⁸ nos anos 80 do século passado. Esta pesquisa identifica duas constelações marcadas por Hölderlin. Na primeira delas, tem-se a passagem de Hölderlin por Iena no momento em que Fichte⁹ domina o cenário filosófico da universidade. Confrontado com a filosofia de Fichte, Hölderlin registra, num pequeno texto de 1795 intitulado *Juízo e ser*, a perda da unidade originária em termos da reflexão na consciência, que se move sempre em contraposições decorrentes da partição originária que cindiu a consciência em sujeito e objeto.

Neste mesmo período, Hölderlin avança com seu projeto do romance *Hipérion*, no qual este processo de cisão em contrapostos aparentemente irreconciliáveis é articulado com o esquema histórico que naquela altura passou a constituir o germe formador de uma nova filosofia da história, situando-se historicamente a cisão originária no período clássico da cultura grega. Claramente a partir de 1795, Hölderlin ensaia uma resposta estética ao ininterrupto processo de fragmentação que, desde aquela explosão de reflexividade na cultura grega do século V a. C., é constitutivo do homem moderno. Em seu projeto poético, Hölderlin aprofunda a estética do sublime proposta por Schiller, desenvolvendo

⁸ **Dieter Henrich** (1927): é um alemão filósofo. Um pensador contemporâneo na tradição do idealismo alemão, Henrich é particularmente conhecido para a influência de Kant, Hegel e Fichte em sua obra. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Johann Gottlieb Fichte** (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor que publicasse o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus Discursos à nação alemã são sua obra mais conhecida. (Nota da **IHU On-Line**)

do uma arte no horizonte trágico deste processo histórico.

Segunda constelação

Na segunda constelação, temos o reencontro de Hölderlin com Hegel em Frankfurt entre 1797 e 1800, identificando-se uma forte influência do primeiro sobre o segundo. De natureza francamente prosaica, Hegel não podia, é claro, subscrever o programa estético do amigo, mas recebe dele a ambiciosa construção histórica que plasmará em sua própria filosofia especulativa, na qual se fundem filosofia da história e metafísica. Hegel reconhece, com Hölderlin, a irreversibilidade do processo histórico que levou da bela unidade grega à fragmentação do homem moderno, mas não o acompanha na passagem da estética do belo para a estética do sublime, o que o leva coerentemente a propor a tese do fim da arte (bela), fim este amplamente documentado nas experimentações desencontradas da antiguidade tardia.

Para Hegel, a arte não pode reconciliar o espírito com um mundo irremediavelmente prosaico como é o moderno. Esta tarefa só poderia ser realizada pela filosofia, através do conhecimento da necessidade do processo em questão. Compartilhando a mesma compreensão da história, em relação à qual se pode ainda falar de uma certa metafísica, Hölderlin e Hegel se distinguem, portanto, por decisões fundamentalmente diferentes no concernente à resposta dada ao desafio lançado pelo processo, tendo Hegel proposto uma reconciliação prosaica com um mundo prosaico, enquanto Hölderlin insistia numa resposta estética, aprofundando cada vez mais a percepção do trágico neste curso inevitável da história.

IHU On-Line - Em que sentido sua obra expressa uma forma não ortodoxa do cristianismo e como isso repercutiu em seu tempo?

Joãosinho Beckenkamp - A insistência em ver em toda produção artística algum tipo de expressão

do mitológico e/ou religioso caracteriza bem o filisteísmo que marca a leitura de Hölderlin no século XIX. O tratamento dado à figura de Cristo, inegável sobretudo na lírica tardia de Hölderlin, expressa apenas com mais paixão e insistência o lamento, formulado por Schiller no poema *Os deuses da Grécia*, diante do fato de que o belo cosmos da mitologia politeísta grega tenha dado lugar a um único transcendente, deixando despovoado de deuses, mitos e heróis o mundo dos homens.

IHU On-Line - É possível afirmar que a inclinação de Hölderlin para os pseudônimos anagramáticos se manifestou já no Hipérion? Por que ele usava tais pseudônimos?

Joãosinho Beckenkamp - A pseudonímia não é característica de Hölderlin, que usou seu próprio nome na maioria de suas publicações. Na época, valeram-se de pseudônimos, por exemplo, Friedrich von Hardenberg¹⁰, conhecido por seu pseudônimo Novalis, e Johann Christian Friedrich Richter¹¹, conhecido por seu pseudônimo Jean Paul; e nunca ninguém viu particular relevância nisto. A construção de algo assim como uma profunda inclinação de Hölderlin para os pseudônimos, obviamente a partir dos rabiscos de um incapacitado mental (Hölderlin depois de 1806), denuncia antes o sadismo do olhar psiquiátrico, que Foucault nos ensinou mais recentemente a entender melhor. Tal procedimento pode bem ser comparado à construção de factoides usual em nosso jornalismo de fofoca, em torno do qual se juntam sabidamente os olhares sádicos das massas modernas.

¹⁰ **Georg Philipp Friedrich von Hardenberg** (1772-1801), Freiherr (barão) von Hardenberg, mais conhecido pelo pseudônimo Novalis, foi um dos mais importantes representantes do primeiro romantismo alemão de finais do século XVIII e o criador da flor azul, um dos símbolos mais duráveis do movimento romântico. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Jean Paul** (1763-1825): pseudônimo de Johann Paul Friedrich Richter. Foi um escritor romântico alemão muito admirado na sua época. A modificação que fez no seu nome deveu-se à admiração que sentia por Jean-Jacques Rousseau. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Por que Stefan George¹² aponta Hölderlin como poeta sagrado na nação alemã?

Joãosinho Beckenkamp - O melhor juízo sobre o culto do heroico e do irracional, elevado a requintes estéticos no círculo de George, é o juízo da história, que o coloca em íntima relação com a catástrofe nazifascista. A reivindicação de Hölderlin por parte destas correntes obscurantistas da cultura alemã só encontra sua explicação na imagem essencialmente falseadora que se construiu do poeta no decorrer do século XIX.

IHU On-Line - Qual é a peculiaridade da interpretação filosófica de Heidegger¹³ sobre a poesia de Hölderlin?

Joãosinho Beckenkamp - No contexto da Primeira Guerra Mundial, Walter Benjamin¹⁴ já havia formulado uma decisiva crítica da apropriação chauvinista de

¹² **Stefan George** (1868-1933): foi um tradutor e poeta alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** n° 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos **Filosofias da diferença** – pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des) governo biopolítico da vida humana**. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. Sobre Benjamin, confira a entrevista **Walter Benjamin e o império do instante**, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à **IHU On-Line** n° 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da **IHU On-Line**)

Hölderlin no círculo de George. Após a Segunda Guerra Mundial, durante a qual Benjamin perdeu sua vida fugindo da perseguição nazista, coube a Adorno¹⁵ desempenhar papel semelhante em relação à apropriação heideggeriana de Hölderlin, o que ocorreu no ano de 1963 durante o encontro anual da Sociedade Hölderlin em Berlim. Em sua intervenção, que traz o título de *Parataxis*, Adorno empreende uma verdadeira desconstrução da leitura heideggeriana, mostrando-a na continuidade daquele falseamento do poeta que marcou por longo tempo sua recepção. Com golpes certos, Adorno aponta, por exemplo, para a inversão operada por Heidegger na relação entre o nacional e o estrangeiro na poesia de Hölderlin, inversão sem a qual não é possível apresentar Hölderlin como o poeta nacionalista alemão que dele se quis fazer.

Uma das peculiaridades da interpretação heideggeriana de Hölderlin consiste precisamente em tratá-lo como um poeta autenticamente germânico, ou seja, como um herói do nacionalismo alemão. Outra peculiaridade desta interpretação se expressa naquilo que Adorno chamou de jargão da autenticidade de Heidegger. Segundo este jargão, Hölderlin seria o poeta do autêntico ser originário ou da verdadeira origem, a ser buscada, no caso, em imemorráveis tempos pré-socráticos! Para compreender

15 **Theodor Adorno** [Theodor Wiesengrund Adorno] (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da Revista **IHU On-Line**, intitulada *Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon386>. A conversa foi motivada pelo palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Intersubjetividade*. (Nota da **IHU On-Line**)

também isto como distorção, é preciso recuperar aquela filosofia da história de que se falou acima, e que coloca Hölderlin ao lado de Hegel entre os autores que procuraram responder à modernidade em seus próprios termos.

IHU On-Line - Em que consiste o conceito de parataxis de Theodor Adorno sobre a poesia de Hölderlin? E em que sentido Adorno refuta a recepção heideggeriana do poeta alemão?

Joãosinho Beckenkamp - Ainda que tenha vasta base material a seu favor, a crítica de Adorno a Heidegger não constitui algo assim como uma refutação da leitura heideggeriana, pois não é disto que se trata na recepção e interpretação das obras. Assim como a interpretação cristã do Antigo Testamento não constitui uma refutação da interpretação judaica de sua própria tradição, a qual se mantém viva até hoje, assim tampouco a crítica bem fundada de Adorno à interpretação heideggeriana de Hölderlin constitui uma refutação, sendo de prever que ela continue tendo fervorosos adeptos entre chauvinistas e descontentes com o mundo moderno em geral.

Quanto ao conceito de parataxe, foi ele cunhado no século XIX para reunir várias figuras de linguagem que se caracterizam por sua natureza assindética. Adorno o aplica a Hölderlin na esteira da leitura que Benjamin propôs de duas versões de um poema de Hölderlin no ano de 1914, o que é explicitado no ensaio *Parataxis* de 1963. Em seu comentário, Benjamin registra a tendência à simples justaposição de elementos divergentes na versão final do poema de Hölderlin, valendo-se da noção neokantiana de série, citada por Adorno, e ainda da noção de mosaico, proveniente dos trabalhos de Riegl¹⁶ sobre a an-

16 **Alois Riegl** (1858-1905): foi um austríaco historiador de arte, e é considerado um membro da Escola de História da Arte de Viena. Ele foi uma das figuras mais importantes no estabelecimento da história da arte como uma disciplina acadêmica autossuficiente, e

tiguidade tardia. Benjamin acabou por incorporar este procedimento em sua técnica da constelação, muito admirada e empregada por Adorno, no qual a parataxe constitui um elemento importante do estilo.

A leitura de Benjamin e Adorno prepara a poesia hölderliniana para a acolhida numa perspectiva messiânica coerente com a herança judaica dos intérpretes. A ênfase na parataxe, com sua tendência à dissonância ou desarmonia, pode fazer esquecer, entretanto, o outro momento decisivo da poética de Hölderlin, o da harmonização das dissonâncias; o procedimento poético visado por Hölderlin se concebe melhor talvez com a noção de *harmonia austera*, que Hellingrath havia recuperado da tradição retórica em seu comentário de 1911 sobre as traduções hölderlinianas de Píndaro¹⁷, e do qual é tributário, por sua vez, o comentário de Benjamin. A harmonização das desarmonias constituídas no processo histórico apela naturalmente a um sentimento trágico da existência, que perpassaria, então, toda a obra de Hölderlin. Mas isto remete ao complexo de sua poética, cujo tratamento exigiria muito mais espaço do que o previsto aqui.

A posterior incorporação da figura de Hölderlin ao imaginário romântico se deve, por um lado, a sua biografia realmente trágica e, por outro lado, a uma incompreensão de seu projeto poético, que começou a ser estudado com mais atenção só no século XX (assim, a fundamental obra tardia de Hölderlin, considerada ao longo do século XIX como produção ininteligível de um louco, teve sua primeira publicação efetiva apenas em 1914, na edição preparada por Norbert von Hellingrath).■

um dos profissionais mais influentes do formalismo. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Píndaro** (522 a.C.-443 a.C.): também conhecido como Píndaro de Cinoscefales ou Píndaro de Beozia, foi um poeta grego, autor de "Epinícios" ou "Odes Triunfais", e autor também da célebre frase "Homem, torna-te no que és". (Nota da **IHU On-Line**)

O Hipérion como chave para a poética de Hölderlin

Romance em prosa, ou poesia em prosa, o Hipérion ocupa lugar central na obra de Hölderlin, avalia Márcia Schuback. A ele se atribui ter transformado a tragédia ultrapassando sua concepção moderna

Por: Márcia Junges e Ricardo Machado

Uma das mais belas e importantes narrativas do acolhimento do fundo nômade da existência humana, “via excêntrica” e da errância humana como o seu único tempo e lugar. Esta é a definição de Márcia Schuback, filósofa e tradutora de Hölderlin para a língua portuguesa, sobre *Hipérion*, uma das principais obras do autor, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

“O *Hipérion* é tanto uma narrativa da errância como condição existencial quanto uma narrativa sobre o surgir e acontecer da narrativa poética”, acrescenta. E completa: “*Hipérion* é uma narrativa do encontro humano não com a sua humanidade, seja ela humanista ou humanitária, mas com a sua intimidade devastadora e inexorável com a tensão arcaica de vida e morte em tudo que vive e tudo que morre. É um encontro da existência humana com o seu encontrar-se sempre no limite da existência”. Para a pesquisadora, nesse romance “nos encontramos igualmente na soleira em que filosofia torna-se poesia e poesia filosofia”, entoando “a canção de um aparecer no meio do desaparecer, uma flor num muro de cimento”.

Márcia Schuback acentua que Hölderlin transformou o sentido de tragédia: “Pode-se dizer que ele elaborou um sentido de tragédia que ultrapassa até mesmo o seu sentido moderno, elaborado por Shakespeare”. Para o poeta alemão, “a tragédia é a experiência de um paradoxo radical onde o excesso de intimidade do finito com o infinito é que separa o finito do infinito numa desmesura irreparável”.

Marcia Sá Cavalcante Schuback é filósofa, tradutora de obras filosóficas e poéticas de língua alemã e autora de vários ensaios e livros. Foi professora adjunta do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Trabalha desde 1999 na Södertörn University, em Estocolmo, onde é professora titular de Filosofia. É autora, dentre outros, de *Olho a olho: ensaios de longe* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011); *Being with the without* juntamente com Jean-Luc Nancy (Estocolmo: Axl Books, 2013); e tradutora, entre outras obras, de *Ser e Tempo* (São Paulo: Vozes, 2006) e *A Caminho da Linguagem* (São Paulo: Vozes, 2003) de Martin Heidegger; e *Corpo, fora* de Jean-Luc Nancy (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o cerne do Hipérion? Qual é sua importância no contexto de obra de Hölderlin?

Márcia Schuback - Hipérion é, no meu entender, uma das mais belas e importantes narrativas do acolhimento do fundo nômade da

existência humana. É uma narrativa da “via excêntrica”, da errância humana como o seu único tempo e lugar. Digo uma narrativa do acolhimento da errância e não sobre o acolhimento da errância, pois o Hipérion não é um discurso poético ou literário sobre algum tema ou

questão, e sim uma narrativa surgida desse acolhimento da errância e da errância como acolhida. Nesse sentido, o Hipérion é tanto uma narrativa da errância como condição existencial quanto uma narrativa sobre o surgir e acontecer da narrativa poética. Isso sig-

nifica igualmente que Hipérion não deve ser entendido, a meu ver, segundo a categoria poeológica de “romance de formação”, cunhada pelo filólogo alemão Karl Morgenstern¹ (1819) e disseminada pelo filósofo da vida Wilhelm Dilthey.²

Romance de Formação

Hipérion tem, sem dúvida, uma estrutura *similar* aos chamados romances de formação, que florescem na Alemanha no século XVIII: o herói ardente abandona a origem, se aventura na errância e luta por um ideal e retorna transformado para a origem. Essa estrutura que encontrou na *Fenomenologia do Espírito* (Petrópolis: Vozes, 2003) de Hegel³ a sua forma filosófica exemplar, articulada segundo a lógica dialética de tese, antítese e síntese, é enganosa, pois assume um sentido de existência humana como autorrealização. Pensar a existência humana como autorrealização é admitir que o homem é um si-mesmo que precisa apenas desenvolver-se e assim alcançar aquilo que ele já é antes mesmo de ser. Em jogo nessa estrutura está uma ideia de identidade como o que já está dado tal um germe, e que precisa apenas de um meio e um tempo para alcançar a sua plenitude. Assim, o sentido de movimento e transformação fica preso

1 **Johann Karl Simon Morgenstern** (1770-1852): foi um filólogo alemão em Lívonia, o primeiro diretor da biblioteca da Universidade Imperial de Tartu. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Wilhelm Dilthey** (1833-1911): filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão. Foi professor da Universidade de Berlim. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Friedrich Hegel** (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>, e Hegel. *A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da **IHU On-Line**)

a um esquema de correspondência entre uma forma arquetípica e as suas variações, entre uma origem e seu destino, um esquema que pode ser chamado, como sugeriu Philippe Lacoue-Labarthe,⁴ de esquema mimético.

Movimento de passagem

O *Hipérion* de Hölderlin rompe com esse esquema mimético, pois considera a “origem” não como uma forma arcaica que pode ser perdida e reencontrada, mas como uma formação, uma movimentação arcaica, uma tensão de vida e morte. A existência humana não provém e nem retorna a lugar nenhum, por ser ela mesma o lugar ou a cena da tensão de vida e morte. A existência humana aparece no *Hipérion* como a cena do drama das forças arcaicas de vida e morte. *Hipérion* é uma narrativa do encontro humano não com a sua humanidade, seja ela humanista ou humanitária, mas com a sua intimidade devastadora e inexorável com a tensão arcaica de vida e morte em tudo que vive e tudo que morre. É um encontro da existência humana com o seu encontrar-se sempre no limite da existência. Para se perceber de que modo o *Hipérion* de Hölderlin rompe com a estrutura, digamos “clássica”, dos romances de formação, é preciso lê-lo com rigor e vagar, pois é o ritmo poético e a poética rítmica da sua escrita e leitura que desestruturam o esquema mimético desse gênero literário. É de dentro do romance que o romance se desconstrói, por assim dizer. Nesse romance nos encontramos igualmente na soleira em que filosofia torna-se poesia e poesia filosofia. Não se trata nem de mistura e nem de uma síntese de gêneros, estilos e modos de pensar. Trata-se bem mais de um movimento de passagem, do movi-

4 **Philippe Lacoue-Labarthe** (1940-2007): foi um filósofo francês. Ele também era um crítico literário e tradutor. Lacoue-Labarthe foi influenciado por e escreveu extensivamente sobre Martin Heidegger, Jacques Derrida, Jacques Lacan, o romantismo alemão, Paul Celan e Gérard Granel. (Nota da **IHU On-Line**)

mento mesmo de tornar-se e não do que aparece como resultado desse tornar-se.

“Poeta dos poetas”

Dizer que *Hipérion* seria “a obra mais conhecida de Hölderlin” não é bem justo. Tudo depende de que período da recepção de sua obra se tem em mente. Hipérion foi publicado enquanto Hölderlin vivia e teve uma boa repercussão, no círculo dos românticos. Vivendo tantos anos fechado na torre de Tübingen, com sua doença mental, que em alemão pode ser descrita com a bonita palavra *Umnachtung*, vida cercada pela noite, Hölderlin foi já esquecido em vida. Mas não totalmente. Karl Marx⁵ cita uma longa passagem do final do *Hipérion* contra os alemães, nos Anais Franco-alemães que edita durante o seu período de exílio em Paris. Nietzsche⁶ reconhece em Hölder-

5 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, que tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital*, disponível em <http://bit.ly/IHUOn449>. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulada *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15

lin um dos maiores poetas da língua alemã e cita também trechos do *Hipérion*. Foi, porém, com o trabalho editorial de Norbert von Hellingrath,⁷ o primeiro a reunir a obra de Hölderlin de forma sistemática que ele foi reconhecido como o “poeta dos poetas” como disse Heidegger.⁸ Eu possuo uma edição de bolso do *Hipérion* - de bolso mesmo, quase uma miniatura 9 x 6 cm - impressa para os soldados da Primeira Guerra Mundial levarem consigo. Se o *Hipérion* foi a obra de Hölderlin mais conheci-

dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do *Ciclo de Estudos Filosofias da diferença* - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: *O (des)governo biopolítico da vida humana*. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

7 Norbert von Hellingrath (1888-1916): foi um estudioso literário alemão, cuja principal contribuição para estudos literários é a primeira edição completa das obras do poeta Friedrich Hölderlin. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do *ciclo de estudos Filosofias da diferença* - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: *O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da **IHU On-Line**)

da nas primeiras décadas do século XX, ela cedeu lugar aos poemas e aos hinos e, posteriormente, à sua tragédia *A Morte de Empédocles*.

“
Hipérion é uma obra em prosa, por isso chamada de “romance”. Mas basta ler as primeiras linhas para nos darmos conta de que se trata de um poema em prosa, de poesia pura

Leitura ativa e radical

Hölderlin é um poeta difícil e requer uma leitura não só ativa, mas sobretudo radical, ou seja, de corpo e alma, como dizemos. A dificuldade encontra-se, sobretudo, no fato de Hölderlin ter sido o mais radical pensador da poesia, não por ter pensado a poesia com categorias filosóficas ou poetológicas, mas por ter pensado a poesia poeticamente, com categorias poéticas e não teóricas. Ainda hoje são pouco estudados os seus escritos ditos teóricos, que traduzi há muitos anos sob o título *Reflexões* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994). *Hipérion* talvez seja a sua obra mais conhecida por parecer mais acessível, mas a considero uma obra ainda hoje pouco estudada e, sobretudo, ainda não estudada do ponto de vista do pensamento poético apresentado pelo próprio Hölderlin.

IHU On-Line - Qual é a importância dessa obra dentro do conjunto da sua poesia?

Márcia Schuback - *Hipérion* é uma obra em prosa, por isso chamada de “romance”. Mas basta ler as primeiras linhas para nos darmos conta de que se trata de um poema em prosa, de poesia pura. Hölderlin considerou que a marca fundamental do *Hipérion* era o seu “caráter elegíaco”. Elegia, do grego *ἔλεος* significa lamento, canção de luto e perda. O que canta Hipérion não é, porém, propriamente a perda da crença num ideal de harmonia e um retorno à origem, seja ela histórica ou divina. O caráter elegíaco do *Hipérion* interrompe justamente essa tonalidade moderna que passa da nostalgia à utopia e vice-versa. *Hipérion* apresenta pela primeira vez no percurso poético de Hölderlin uma de suas visões mais criadoras, a visão do que seja um devir no perecer. O caráter elegíaco do *Hipérion* expõe o que seja devir no próprio perecer e assim já entoia uma canção de despedida dos ideais de ressurreição ou reapropriação, de salvação ou redenção que sempre guiaram a história do Ocidente europeu. *Hipérion* entoia a canção de um aparecer no meio do desaparecer, uma flor num muro de cimento. Esse caráter é de uma proximidade distante e de uma distância próxima, que não deixa confundir o romance de Hölderlin seja com diário de viagem ou com confissão interior.

Na minha compreensão, *Hipérion* ocupa um lugar central na obra de Hölderlin que não se deixa avaliar como um estágio inicial dentro de uma evolução poética. O que Hipérion mostra é, na verdade, que na poesia não há evolução e nem sequer revolução, mas somente exposição da experiência do inacabado da vida do dizer na busca de dizer o inominável da vida e do viver. É essa experiência que Hipérion nos apresenta numa forma que nada mais é do que essa experiência. Nesse sentido, o *Hipérion* é uma chave para a poética de Hölderlin.

IHU On-Line - Em que consiste o conceito de tragédia nesse poeta?

Márcia Schuback - Hölderlin transformou o sentido de tragédia.

Pode-se dizer que ele elaborou um sentido de tragédia que ultrapassa até mesmo o seu sentido moderno, elaborado por Shakespeare.⁹ Quem apreendeu bem essa questão foi Lacoue-Labarthe e também o cineasta Jean-Marie Straub,¹⁰ que filmou a *Morte de Empédocles*, que é a obra de Hölderlin em que a sua visão do trágico recebe um extremo tratamento poético. Para Hölderlin, a tragédia é a experiência de um paradoxo radical onde o excesso de intimidade do finito com o infinito é que separa o finito do infinito numa desmesura irreparável. A dificuldade desse pensamento do trágico em Hölderlin está em que os modelos culturais de que dispomos para pensar a vida e a história, como a oposição entre natureza e cultura, divino e humano, transcendência e imanência mostram-se insuficientes e obsoletos. A separação irreparável entre homem e natureza, consciência e vida, ser e pensar se mostra tragicamente como excesso de intimidade de ambos.

O sentido da tragédia não está mais como em Aristóteles¹¹ no efeito catártico do sofrimento e da dor, mas na visão extrema do instante extremo em que o excesso da vida aniquila a vida. O sentido de trágico apresentado por Hölderlin tanto em seus textos teóricos como

9 **William Shakespeare** (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Jean-Marie Straub** (1933): cineasta que fez duas dezenas de filmes entre 1963 e 2006. Seus filmes são conhecidos por seu estilo rigoroso e intelectualmente estimulante. Trabalhou principalmente na Alemanha e na Itália. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

as *Observações sobre Édipo Rei e Antígona* – observações oriundas de seu trabalho de tradução desses textos – como e, sobretudo, em sua tragédia a *Morte de Empédocles* e o comentário sobre o *Fundamento de Empédocles*, é de tamanha radicalidade que talvez só hoje, no momento histórico em que nos encontramos, possa ser compreendido e aprofundado.

IHU On-Line - Como ele se apropria da tragédia grega enquanto inspiração para seus escritos?

Márcia Schuback - A questão da apropriação dos gregos e da tragédia grega recebe um sentido bem diverso em Hölderlin. Eu não diria tanto apropriação, mas tradução. E tradução num sentido também bem alterado, pois Hölderlin não traduz o grego para o moderno, mas o grego para o oriental, ele mesmo inacessível tanto para o grego como para nós. Essa tradução se perfaz mediante um deixar os sentidos conhecidos e ficar à deriva do sentido. É como deixar uma forma definida, mediante uma certa dis-formação ou mesmo de-formação e nesse deixar entrever um vir à forma, um vir à figura. Hölderlin se “apropria” do grego, da tragédia grega, traduzindo tudo o que nela é forma, definição, determinação para um vir à forma, um vir à definição, um vir à determinação. Seria algo como traduzir substantivos por verbos. Nas gravuras de Carlos Rotman, reproduzidas na versão revisada de minha tradução editada pela Forense, encontramos um exemplo de tradução plástica próxima do gesto tradutor de Hölderlin. Nessas gravuras a Grécia é traduzida para desenhos que se aproximam de um Cézanne.¹²

12 **Paul Cézanne** (1839-1906): foi um pintor pós-impressionista francês, cujo trabalho forneceu as bases da transição das concepções do fazer artístico do século XIX para a arte radicalmente inovadora do século XX. Cézanne pode ser considerado como a ponte entre o impressionismo do final do século XIX e o cubismo do início do século XX. Matisse e Picasso disseram a célebre frase: “Cézanne é o pai de todos nós”. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Há uma influência de Heráclito¹³ que pode ser observada em seus poemas?

Márcia Schuback - Tudo depende de que Heráclito, de que poema. Sem dúvida, o Hipérion se concentra numa experiência que Hölderlin reconhece como heraclítica, ao citar um fragmento preservado por Platão,¹⁴ do uno se diferenciando em si mesmo, como sendo a experiência da beleza, sem a qual a filosofia jamais poderia ter surgido entre os gregos. Mas de maneira geral, acho que quem exerce a maior influência sobre os poemas de Hölderlin é Píndaro.¹⁵ Hölderlin traduziu Píndaro e essas traduções talvez sejam o maior documento do que seja uma influência poética, do que seja uma escuta tradutora como dinâmica de uma poética. Pois poesia é escuta.

IHU On-Line - Qual é o nexo entre a reciprocidade do aparecer na natureza e da natureza do aparecer, pensando Schelling à luz de Hölderlin?

13 **Heráclito de Éfeso** (540 a.C.-470 a.C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematiza a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de “Obscuro” principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira a entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**)

15 **Píndaro** (522 a.C.-443 a.C.): também conhecido como Píndaro de Cinoscefales ou Píndaro de Beozia, foi um poeta grego, autor de “Epínios” ou “Odes Triunfais”, e autor também da célebre frase “Homem, torna-te no que és”. (Nota da **IHU On-Line**)

Márcia Schuback - Schelling¹⁶ é o grande filósofo da natureza, talvez o único depois de Plotino¹⁷ e Espinosa.¹⁸ A sua visão é impressionante, pois ele percebe que a consciência humana é uma crise da natureza, é a natureza aparecendo como natureza. A consciência não se opõe à natureza como uma instância frente à outra, mas como uma irrupção vulcânica de uma cisão dentro da natureza imemorial. Nesse sentido, a visão do trágico apresentada por Hölderlin está muito próxima da visão schellingiana da natureza. Para ambos, embora eu tenderia a dizer que Hölderlin é ainda mais radical, a existência humana é a cena ou o espelho dessa cisão arcaica da natureza, o lugar em que o aparecer da natureza e a natureza do aparecer se unem e desunem ao mesmo tempo.

IHU On-Line - Quais são os principais poetas e filósofos que foram impactados pela poesia de Hölderlin?

Márcia Schuback - Schelling e Hegel estudaram com Hölderlin no

16 **Friedrich Schelling** (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Plotino** (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos grupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platônópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóteses: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632-1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da **IHU On-Line**, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da **IHU On-Line**)

seminário de Tübingen e sofreram um grande impacto, sobretudo de sua personalidade e ideias. O mesmo acontece com os círculos românticos da época. Como mencionei anteriormente, Karl Marx e Nietzsche leem e citam Hölderlin, e, para Nietzsche, Hölderlin é um dos maiores, senão o maior poeta da língua alemã. Com a publicação da sua obra por Norbert von Hellin-grath, Hölderlin se torna figura cultuada no círculo de Stefan Georg,¹⁹ um círculo que exerce uma enorme influência na cultura austríaca e alemã da primeira metade do século XX.

Rilke²⁰ é leitor de Hölderlin e lhe dedica um poema célebre. Hölderlin passa a ser cultuado pelos nazistas, em virtude de seus poemas considerados “pátrios”. Na década de trinta, Heidegger começa a estudar exaustivamente a obra de Hölderlin, que se torna para ele a única via de superação da metafísica ocidental, a única via para uma superação da própria filosofia que, segundo ele, encontrou o seu fim da era da técnica e maquinaria planetárias. Walter Benjamin²¹ escreve um importante texto de interpretação de Hölderlin. Philippe Lacoue Labarthe dedica inúmeros textos a Hölderlin e à crítica da interpretação tornada canônica de Heidegger. Paul Celan²² dedica um poema sofrido e radical a

19 **Stefan George** (1868-1933): foi um tradutor e poeta alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Rainer Maria Rilke** por vezes também Rainer Maria von Rilke (1875-1926): foi um poeta de língua alemã do século XX. Escreveu também poemas em francês. Rilke fez seus estudos nas universidades de Praga, Munique e Berlim. Em 1894 fez sua primeira publicação, uma coleção de versos de amor, intitulados *Vida e canções* (Leben und Lieder). Não exerceu nenhuma profissão, tendo vivido, sempre, à custa de amigas nobres. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. Sobre Benjamin, confira a entrevista **Walter Benjamin e o império do instante**, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à **IHU On-Line** nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Paul Celan** (1920-1970): poeta romeno radicado na França. Sobrevivente do Holocausto, foi um dos mais importantes poetas

Hölderlin. Peter Weiss²³ escreveu uma peça de teatro sobre e desde Hölderlin. Acredito que a poesia e a filosofia do século XX foi profundamente marcada pela poesia de Hölderlin.

IHU On-Line - E qual é a sua repercussão hoje na Filosofia e na Literatura?

Márcia Schuback - A maior repercussão de Hölderlin na filosofia, hoje, está, sem dúvida, permeada pela interpretação feita por Heidegger. A questão da técnica discutida por Heidegger se faz em torno de um verso de Hölderlin: “onde está o perigo, aí cresce também o que salva”. Heidegger liga a poesia de Hölderlin à questão da superação do Ocidente, do fim da filosofia, dos impasses da Modernidade. Nesse sentido, Hölderlin nunca soou mais atual do que hoje. Por outro lado, cresce a crítica à leitura heideggeriana, o que torna Hölderlin um poeta para ser relido de outro modo. Acho necessário hoje uma leitura mais aprofundada das categorias poéticas do próprio Hölderlin, que se distinguem de categorias poetológicas. O interesse pela sua teoria do trágico também é significativo para a dramaturgia contemporânea, mas ainda merece ser trazida para a própria filosofia.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios de traduzir Hölderlin para o português?

Márcia Schuback - Toda tradução é um grande desafio. Traduzir o alemão para o português é em princípio ainda mais desafiador do que traduzir uma outra língua latina. Porque Hölderlin é, num certo sentido, um poeta ainda mais poeta que os poetas, no sentido de inaugurar não só uma língua dentro da língua - o que faz toda poesia - mas no sentido de inaugurar um

modernos da língua alemã. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Peter Ulrich Weiss** (1916-1982): foi um pintor, diretor de cinema e novelista alemão. Filho de um militar judeu e de uma atriz cristã, Peter Weiss viveu a infância em Bremen e a adolescência no subúrbio de Berlim. Com 18 anos teve de se exilar para escapar da perseguição nazista. (Nota da **IHU On-Line**)

novo sentido de inaugurar, traduzir Hölderlin é quase impossível. Tentei aprender com Hölderlin as suas lições de tradução, lições muito difíceis, pois ele traduz deixando soar a tensão entre duas línguas, de onde palavras podem “brotar como flores”, como ele disse num de seus versos. Essa descrição é, sem dúvida, mais metafórica que técnica. Tentei trazer para o português uma experiência de linguagem próxima da experiência de linguagem que consigo perceber na poética de Hölderlin. Esse trazer para o português não é o mesmo que tentar germanizar o português, ou tornar o alemão de Hölderlin mais fácil ou cotidiano. Tentei encontrar a língua das palavras que surgem do encontro entre essas duas línguas e de suas tradições poéticas. A maior dificuldade é a tradução do tom da poesia, do tom do *Hipérion*, os seus acentos, as suas respirações e o seu ritmo, os seus tempos. O grande desafio é traduzir o ritmo de uma língua para outra, as direções de uma língua para outra. É que linguagem é movimento para outra língua, e não um reservatório de palavras e frases fechadas dentro de um território. Linguagem está mais perto dos pássaros do que de animais terrestres. Como traduzir cerejeira em alemão para o português? O mais óbvio seria dizer: ora, por cerejeira. Mas sabemos o que é o florear de uma cerejeira? Não será uma quaresmeira mais cerejeira em português do que a palavra cerejeira?

IHU On-Line - Como surgiu seu interesse pela poesia de Hölderlin? Seus estudos sobre Heidegger e a tradução de Ser e Tempo que você realizou perfazem o caminho inverso em direção ao poeta?

Márcia Schuback - Pode parecer estranho, mas o meu interesse pelo pensamento de Heidegger surgiu de meu encontro com a música de Pierre Boulez²⁴ e com a poesia

24 **Pierre Boulez** (1925): é um maestro e compositor francês de música clássica. Inicialmente estudou matemática em Lyon, antes de dedicar-se à música no Conservatório de Paris sob a direção de Olivier Messiaen e Andrée Vaurabourg (esposa de Arthur Ho-

de René Char,²⁵ numa obra chamada *Le marteau sans maître* (Paris: Poésie/Gallimard, 2002). Descobri Heidegger pelas “mãos”, digamos assim, de René Char e foi igualmente assim que descobri a poesia de Hölderlin. Sem dúvida, meus estudos de Heidegger me influenciaram muito, mas sempre estranhei o fato de Heidegger nunca ter dedicado um comentário ao *Hipérion* e nunca ter mencionado o famoso discurso do *Hipérion* contra os alemães, um discurso que faz aparecer o espírito pequeno do grande espírito alemão.

Meu interesse pela poesia me levou para a filosofia e para a questão da diferença entre o pensamento da poesia e o pensamento da filosofia. A leitura de Hölderlin me levou estranhamente à descoberta da poesia russa, sobretudo de Cvetaeva,²⁶ Achmatova²⁷ e Mandelstam,²⁸ que me ensinaram igualmente como a poesia pensa segundo suas próprias categorias.

negger). Estudou dodecafonismo com René Leibowitz e continuou a escrever música atonal num estilo serial pós-weberniano. Rapidamente se tornou um dos líderes filosóficos do movimento pós-guerra nas artes, em favor de maior abstração e experimentação. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **René Char** (1907-1988): um dos mais importantes poetas modernos franceses. Admirado por Heidegger pela profundidade de sua poesia filosófica, foi também um herói da Revolução Francesa e nos anos 60 militou no protesto antinuclear. Associado com o movimento surrealista por muitos anos e amigo íntimo de muitos pintores – como Braque, Giacometti e Picasso – escreveu uma poesia que confronta os principais interesses morais, políticos e artísticos do século XX, com uma simplicidade de visão e expressão que deve aos poetas e filósofos da Grécia antiga. (Nota do **IHU On-Line**)

26 **Marina Ivanovna Cvetaeva** (1892–1941): foi uma poeta e escritora russa. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Anna Achmatova**, pseudônimo de **Anna Andreevna Gorenko** (1889-1966): foi uma poetisa russa, mas que não gostava deste adjetivo no feminino e por isso preferia ser chamada de “poeta”, como substantivo masculino. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Osip Mandelstam** ou **Ossip Mandelstam** (1891-1938): foi um poeta russo, um dos principais nomes do Acmeísmo. Osip, após um período de afastamento dos agrupamentos literários de então, acabou por falecer num campo de prisioneiros stalinista, em 1938, na Sibéria. Após escrever um poema anti-stalinista chamado Epigrama de Stalin, foi preso, em 1934. Poucos meses depois, porém, foi solto. (Nota da **IHU On-Line**)

Foi um aprendizado possível apenas por ter descoberto o pensar-sentir da poesia de nossa língua, sobretudo nas obras de Guimarães Rosa²⁹ e Clarice Lispector,³⁰ esses dois grandes pensadores do poético da literatura. Heidegger tinha sensibilidade para essa diferença entre modos diversos de pensar, diferença que ele descobre, parece-me, com a poesia de Hölderlin. ■

29 **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962), *Tutameia* (1967). A edição 178 da **IHU On-Line**, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “*Sertão é do tamanho do mundo*”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o *Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. Confira, ainda, a edição 275 da revista **IHU On-Line**, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **Clarice Lispector** (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contendo a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada em Alagoas vai morar no Rio de Janeiro, em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da **IHU On-Line**, de 16-07-2008, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*, disponível para download em <http://migre.me/qQHT>. (Nota da **IHU On-Line**)

A exploração do conhecimento racional até seu limite

Ideias “desafiadoras” de Hölderlin influenciaram Hegel de modo evidente na “*Fenomenologia do Espírito*”, destaca Kathrin Rosenfield. Musil tinha apreço pela seriedade e precisão complexa da poesia hölderliana

Por Márcia Junges e Ricardo Machado

“**H**ölderlin nos convida a explorar o conhecimento racional até o seu limite, para deixar vir à tona, no limiar do impensável, uma outra forma de ‘pensar’. O interesse pelo mito, pelas qualidades musicais das palavras, pelos misteriosos acordes e pelas dissonâncias exige uma postura pouco compatível com um sistemático discurso sobre o método, que se propõe a controlar as falácias da consciência subjetiva.” A reflexão é da filósofa Kathrin Rosenfield, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. A pesquisadora observa que esse poeta teve ideias desafiadoras, “porém escolhe interlocutores inadequados (Schiller e Goethe) em momentos inadequados. Isto sem dúvida contribuiu para o seu isolamento, ao passo que Hegel deixa suas ideias maturarem, apresentando-as apenas como tratados sistemáticos. A precocidade dos *insights* do poeta acirrou seu estado de alienação (e permanece durante mais de trinta anos numa loucura quase hamletiana)”.

Kathrin observa que a influência mais forte de Hölderlin sobre Hegel é evidente na *Fenomenologia do Espírito* (Petrópolis: Vozes, 2003): “Apesar do silêncio tenaz que Hegel manteve, a partir de 1804, a respeito de seu amigo alienado na torre de Tübingen, as ideias do poeta sobre o ritmo como

forma própria do pensamento poético parecem ter exercido seu impacto secreto sobre a *Fenomenologia*. Um olhar aguçado descobrirá na ‘Introdução’ de Hegel ainda algumas tênues marcas da amizade juvenil com Hölderlin - marcas conceituais que comprovam a importância filosófica da ‘poetologia’ de Hölderlin”.

Kathrin Rosenfield é graduada em Letras pela Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris III, França, mestre em Antropologia e História pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, França, e doutora em Ciência da Literatura pela Universidade de Salzburg, Áustria, com a tese *Historicité et conceptualité de la littérature médiévale: Un problème d’Esthétique*. É pós-doutora pela Universidade de Massachusetts Amherst (Phd em Literatura Comparada), Estados Unidos, e pela Ecole Normale Supérieure, França. É professora titular do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Escreveu inúmeros artigos sobre Hölderlin, e de suas obras destacamos *Antígona - De Sófocles a Hölderlin* (Porto Alegre: L&PM, 2000) e *Oedipus Rex? The Story of a Palace Intrigue* (Colorado: James Davies, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como podemos compreender a conquista do estético entre o Romantismo e a Modernidade?

Kathrin Rosenfield - Talvez seja legítimo dizer que a valorização do estético - já na filosofia de Kant¹

¹ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último gran-

de filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringi-

ria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Immanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon93>.

- modifica o racionalismo iluminista. Traços da hipervalorização da razão entendida como pensamento conceitual encontramos em todos os grandes filósofos sistemáticos pós-Kantianos, Fichte² e Hegel,³ em particular. Hölderlin⁴ também valoriza o potencial da consciên-

ly/ihuem02. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Johann Gottlieb Fichte** (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor que publicasse o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus Discursos à nação alemã são sua obra mais conhecida. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Friedrich Hegel** (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>, e Hegel. *A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Johann Christian Friedrich Hölderlin** (1770-1843): poeta lírico e romancista alemão. Conseguiu sintetizar na sua obra o espírito da Grécia antiga, os pontos de vista românticos sobre a natureza e uma forma não ortodoxa de cristianismo, alinhando-se hoje entre os maiores poetas germânicos. Em 1788 iniciou seus estudos em Teologia na Universidade de Tübingen, como bolsista. Lá conheceu Hegel e Schelling, que mais tarde se tornariam seus amigos. Devido aos recursos limitados da família e de sua recusa em seguir uma carreira clerical, Hölderlin trabalhou como tutor para crianças de famílias ricas. Em 1796 foi professor particular de Jacó Gontard, um banqueiro de Frankfurt, cuja esposa, Susette, viria a ser seu grande amor. Susette Gontard serviu de inspiração para a composição de Diotima, protagonista de seu romance epistolar *Hipérion*. (Nota da **IHU On-Line**)

cia, mas ele vislumbra mais que os outros o horizonte do além da razão.

Hölderlin redescobre, ou lembra, de um modo de ser, sentir e pensar que escapa ao controle do entendimento, exigindo outros modos de “conhecimento”. Assim, ele opõe aos modos formais de pensar com conceitos e à lógica estrito senso a outra lógica das configurações poéticas.

Fragmentos

Neste sentido, é lamentável que os fragmentos teóricos de Hölderlin tenham suscitado mais interesse que sua poesia, e as *Observações sobre Édipo e Antígona*, mais comentários que as traduções das tragédias. Hölderlin nos convida a explorar o conhecimento racional até o seu limite, para deixar vir à tona, no limiar do impensável, uma outra forma de ‘pensar’. O interesse pelo mito, pelas qualidades musicais das palavras, pelos misteriosos acordes e pelas dissonâncias exige uma postura pouco compatível com um sistemático discurso sobre o método, que se propõe a controlar as falácias da consciência subjetiva. Um pensar que renuncia ao *pro-duzir* subjetivo, para deixar emergir o *im-pensável* que fásca e desvanece nas constelações da poesia (e nas técnicas do tradutor-poeta).

IHU On-Line - Há alguma influência de Hegel nas poesias de Hölderlin, e uma influência do poeta sobre o filósofo?

Kathrin Rosenfield - Com poucas exceções, a obra e os fragmentos de Hölderlin antecedem a filosofia do amigo-filósofo Hegel. Os fragmentos filosóficos relevantes de Hölderlin são dos anos 1790. O poeta tem ideias desafiadoras, porém escolhe interlocutores inadequados (Schiller⁵

5 **Johann Christoph Friedrich von Schiller** (1759-1805): poeta, filósofo e historiador alemão, tido como o mais importante dramaturgo alemão. Schiller foi um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII, e juntamente com Goethe, Wieland e

Goethe⁶) em momentos inadequados. Isto sem dúvida contribuiu para o seu isolamento, ao passo que Hegel deixa suas ideias maturarem, apresentando-as apenas como tratados sistemáticos. A precocidade dos *insights* do poeta acirrou seu estado de alienação (e permanece durante mais de trinta anos numa loucura quase *hamletiana*).

A influência mais forte de Hölderlin sobre Hegel é evidente na *Fenomenologia do Espírito*. Apesar do silêncio tenaz que Hegel manteve, a partir de 1804, a respeito de seu amigo alienado na torre de Tübingen, as ideias do poeta sobre o ritmo como forma própria do pensamento poético parecem ter exercido seu impacto secreto sobre a *Fenomenologia*. Um olhar aguçado descobrirá na “Introdução” de Hegel ainda algumas tênuas marcas da amizade juvenil com Hölderlin - marcas conceituais que comprovam a importância filosófica da “*poeto-logia*” de Hölderlin.

IHU On-Line - Em que medida se pode atribuir a Hölderlin ser um dos poetas pioneiros da modernidade?

Kathrin Rosenfield - Muito antes de a antropologia estrutural legitimar os mitos como “pensamento” no sentido rigoroso de uma lógica discursiva própria (e como pensamento selvagem), Hölderlin debruçou-se sobre os mitos trágicos de Sófocles,⁷ os hinos e fragmentos de

Herder é representante do Romantismo alemão e do Classicismo de Weimar. Sua amizade com Goethe rendeu uma longa troca de cartas que se tornou famosa na literatura alemã. Sua poesia também é famosa, como por exemplo a “An die Freude”, que inspirou Ludwig van Beethoven a escrever, em 1823, o quarto movimento de sua nona sinfonia. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão Sutr und Drang. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Sófocles**: dramaturgo grego. Viveu em Atenas, cerca de 400 anos antes da Era Cristã. Considerado um dos mais importantes

Píndaro⁸ com o objetivo de situar a consciência moderna. Ele não mais está preso na cega imitação dos antigos, mas procura definir melhor o lugar do sujeito civil-burguês a partir das diferenças para com as figuras do herói clássico ou dos cidadãos da polis grega. Para apoiar seu exame rigoroso das diferenças entre os pensamentos, gestos e ações de homens oriundos de culturas distantes, o poeta confia na literatura e no mito: a poesia constitui uma espécie de planta baixa das estruturas mentais e o imaginário da Antiguidade, voltado que é para as crises da ordenação da sociedade humana, lhe fornece o ponto de apoio para situar a consciência moderna, presa entre a experiência despótica das monarquias absolutas e os sonhos de autonomia suscitados pela Revolução Francesa - sonhos, porém, que em poucos anos já beiram o pesadelo e o terror. A empreitada trágica é para Hölderlin, como para o jovem Nietzsche,⁹ uma reflexão profunda

escritores gregos da tragédia. *Édipo Rei*, *Antígona* e *Electra* são as suas peças mais conhecidas. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Píndaro** (522 a.C.-443 a.C.): também conhecido como Píndaro de Cinoscefales ou Píndaro de Beozia, foi um poeta grego, autor de "Epínios" ou "Odes Triunfais", e autor também da célebre frase "Homem, torna-te no que és". Chegaram-nos um total de 45 epínios, divididos em quatro livros, conforme o nome dos jogos que celebravam: Olímpicas, Píticas, Nemeias e Ístmicas. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xvP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologicismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologicismo

sobre os rumos da consciência moderna, sobre o lugar do indivíduo na sociedade, sua liberdade e responsabilidade no Estado.

IHU On-Line - Nesse sentido, qual é o fio condutor que perpassa as obras de Hölderlin e Kleist¹⁰ a Musil¹¹?

Kathrin Rosenfield - Hölderlin e Kleist são os primeiros poetas que viram o problema da antiga metafísica escolástica. Leram Kant com uma intensidade incomum, o que se reflete na sua concepção do poético como forma de "pensamento" *sui generis*. No lugar da univocidade conceitual, a lógica poética coloca os sentidos estratificados das metáforas polissêmicas, ou as figuras que associam sentidos contraditórios num mesmo tecido poético. Esse modo de pensar a poesia tornou-se possível graças à Terceira Crítica de Kant (a *Crítica da faculdade de Julgar*), que concebe o juízo estético puro como livre jogo da imaginação e do entendimento. Trata-se de uma forma de pensamento que leva em consideração tonalidades de sensações e afetos.

A ligação com Musil é menos óbvia, embora o romancista tenha uma poetologia que gira em torno de articulações kantianas semelhantes às de Hölderlin e Kleist, apenas menos elaboradas. Musil gostava da seriedade e da precisão complexa da poesia de Hölderlin, a

de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento **do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Bernd Heinrich Wilhelm von Kleist** (1777-1811): foi um poeta, romancista, dramaturgo e contista alemão. É conhecido por sua comédia *O Jarro Quebrado*, pela tragédia *Pentesileia* bem como por seu conto *Michael Kohlhaas*. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Robert Musil**: escritor austríaco, autor do célebre *O homem sem qualidades* (2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989). (Nota da **IHU On-Line**)

ponto de anotar no seu diário dos anos 1920: Hölderlin é o modelo ético e o paradigma literário da geração mais nova. (Musil, Tb I 360, 1920). E, quem lê com atenção o *Homem sem qualidades* (2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989), não pode deixar de notar que Musil toca na questão das traduções inovadoras que Hölderlin fez de Píndaro e de Sófocles - é bom lembrar que Hölderlin ficou esquecido entre 1800 e 1910 e foi redescoberto por Hellingrath,¹² justamente no período em que Musil começa a escrever. No grande romance musiliano, Agathe prefere a dura tradução do aluno de seu marido Hagauer à do filólogo pedante:

"A Lei da Natureza, rei de todos os mortais e imortais, reina e aprova o que há de mais cruel, com mão todo-poderosa!" (*Das Gesetz der Natur, der König aller Sterblichen und Unsterblichen, herrscht, das Gewaltsamste billigend, mit allmächtiger Hand!*)

Hagauer, o pedante, corrige e arredonda:

A Lei da natureza, que reina em tudo sobre mortais e imortais, governa com mão onipotente, aprovando também a violência. (*Das Gesetz der Natur, das über alle Sterblichen und Unsterblichen herrscht, waltet mit allmächtiger Hand, auch das Gewaltsame billigend. HsQ II/5, 501; MoE 704*)

E depois a graciosa Agathe lembra ainda de uma outra tradução interessante - trata-se de um trecho de Shakespeare,¹³ que Agathe

12 **Norbert von Hellingrath** (1888-1916): foi um estudioso literário alemão, cuja principal contribuição para estudos literários é a primeira edição completa das obras do poeta Friedrich Hölderlin. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **William Shakespeare** (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da **IHU On-Line**)

admira precisamente pela sua dureza modernista. Ela diz:

E não foi belo que o pequeno aluno, com o qual Hagauer não ficou nada contente, tenha traduzido as palavras com um frêmito tão literal e formidável, assim como as encontrou?, como um monte de pedras de uma ruína... (Und es war doch schön, dass der Kleine in seiner Schule, mit dem Hagauer nicht zufrieden war, die Worte so wörtlich und schaurig übersetzt hat, wie er sie da liegen fand wie einen Haufen auseinandergefallener Steine. HsQ 501 s.; MoE II/5, p. 704-)

Ulrich admira a irmã como uma "pessoa que não ajeita (arredonda) um velho poema, mas deixa ser (aceita) a deterioração de seu sentido meio destruído" (HsQ II/5, 501; MoE 704). Eis os trechos nas três línguas:

Covardes morrem muitas vezes antes de morrer (Feige sterben oftmals vor ihrem Tod;)

Os valentes jamais provam do sabor da morte, fora uma vez. (Die Tapfern kosten niemals vom Tode ausser einmal.)

De todos os milagres que ainda ouvi - (Von all den Wundern, die ich noch habe gehört,)

Parece-me estranho que homens devam temer - (Es scheint für mich sehr seltsam, dass Menschen sollten fürchten,)

Vendo que a morte é um fim necessário - (Sehend, dass Tod, ein notwendiges Ende,)

Que virá quando quiser vir - (Wird kommen, wann er will kommen. - HsQ II/5, 501; MoE 704 Shakespeare, Julius Cesar, II, ii, 32-7)

Cesar: Cowards die many times before their deaths. The valiant never taste of death but once. Of all the wonders that I yet have heard, It seems to me most strange that men should fear, Seeing that death, a necessary end, Will come when it will come. Julius Cesar, II, ii, 32-7

IHU On-Line - Em que sentido pode-se falar na poesia de Hölderlin como uma poesia "religiosa", de religião com o todo que parece estar cindido? É correto falar em uma metafísica do artista a partir de sua obra?

Kathrin Rosenfield - A religiosidade peculiar de Hölderlin - o pietismo suabo - recebe impulsos decisivos da religiosidade grega, que o poeta conhecia bem através de suas intensas leituras dos clássicos. Karl Kerényi¹⁴ disse certa vez que não há outro poeta no mundo que sente e entende tão profundamente o enraizamento das divindades clássicas na natureza. Disto resulta o viés quase panteísta do pensamento hölderliniano, sua tolerância com relação às outras religiões e seu esforço de oferecer um sistema filosófico universal - uma concepção do mundo que abranja tudo - do físico ao metafísico. Hölderlin adivinhava em tudo essa unidade primordial - o Ser anterior aos juízos (Ur-teil - o termo alemão significa divisão primordial) e raciocínios do indivíduo.

IHU On-Line - Quais são os reflexos na poesia de Hölderlin de sua

¹⁴ **Károly Kerényi** ou simplesmente **Karl Kerényi** (1897-1973): foi um filólogo clássico e um dos estudiosos mais influentes dos estudos modernos da mitologia grega e da mitologia romana ou da religião antiga em geral. Viveu a primeira fase da sua vida na Hungria antes de se exilar definitivamente na Suíça em 1943. Momento em que abandona o húngaro e adota definitivamente a língua alemã (a língua mais usada pela comunidade científica no seu tempo). (Nota da **IHU On-Line**)

reclusão de 36 anos na torre às margens do Neckar?

Kathrin Rosenfield - Hölderlin escreveu pouco nos anos de sua reclusão. Mas ele compunha estranhos poemas assinados sempre com nomes que parecem debochar de si e do mundo. Desta forma, eu sempre fico com a impressão de que Hölderlin tenha escolhido a alienação como um refúgio que lhe permitiu ficar à distância de um mundo que não queria ouvir suas ideias precoces.

IHU On-Line - Quais são as razões para que, por muitos anos, sua poesia tenha sido incompreendida na Alemanha?

Kathrin Rosenfield - Em primeiro lugar, Hölderlin perdeu a proteção inicial que Schiller lhe concedera - sem dúvida por causa de alguns desacordos pontuais com as concepções teóricas do grande Mestre de Weimar. Nessa época, era um risco desafiar os protetores poderosos, e Hölderlin correu esse risco muito cedo na sua carreira. Mas há também a fragilidade psicológica do poeta, que perdeu o pai muito cedo, fato ao qual Laplanche¹⁵ atribui muitos dos seus problemas e sua loucura. Depois há o medo que a loucura inspira aos próximos de uma pessoa. Os mais próximos amigos, Hegel e Schelling, ficaram constrangidos e angustiados. Hegel nunca mais menciona o nome de Hölderlin. Assim, muitos dos papéis do poeta devem ter se perdido. E há também a precocidade de suas ideias. ■

¹⁵ **Jean Laplanche** (1924-2012): foi um psicanalista francês. Em 1947, começou uma cura psicanalítica com Jacques Lacan. Seguindo o seu conselho, Laplanche começou uma formação médica antes de iniciar sua formação analítica. Foi interno dos Hospitais psiquiátricos e defendeu sua tese de medicina em 1959, tese que foi publicada em 1961 com o título que se tornou quase um paradigma: "Hölderlin e a questão do pai". Foi laureado com o doutor honoris causa da Universidade de Lausana, da Universidade de Buenos Aires e da Universidade de Atenas, além de ter sido eleito cavaleiro das Artes e Letras e laureado do Mary S. Sigourney Award. (Nota da **IHU On-Line**)

O Hölderlin que transcende a literatura

A Johann Kreuzer destaca que a repercussão dos escritos do poeta chegou a diversos campos, influenciando grandes nomes como Walter Benjamin, Martin Heidegger e Theodor W. Adorno

Por Márcia Junges e Leslie Chaves | Tradução Luís Sander

Considerado um dos maiores poetas e romancistas alemães, Hölderlin é consagrado na área da literatura, porém seu trabalho também assume destaque em outros campos, recebendo prestígio e se refletindo no pensamento de outros estudiosos admiradores de sua obra. De acordo com Johann Kreuzer, a produção de Hölderlin é o critério que define a poesia na modernidade, dentro e fora do âmbito da língua alemã. “Essa repercussão e ressonância não se restringem à esfera literária. Há um compromisso profundo - e admitido - com Hölderlin (na filosofia) por parte de Walter Benjamin, de Martin Heidegger e Theodor W. Adorno - que se entendia como curador do Hölderlin descoberto por Benjamin e destacou particularmente a afinidade existente entre a linguagem de Hölderlin e a música do Beethoven tardio e de Schubert”, explica.

Apesar de sua relevância, a obra de Hölderlin só tornou-se conhecida a partir do século XX. Segundo Kreuzer, além da dificuldade de acesso aos escritos do poeta, os mitos em torno de seu modo de vida também não favoreceram a difusão do trabalho dele na época. “No século XIX, sua poesia praticamente não

estava publicada. Além disso, a lenda sobre o ‘poeta doido na torre’ não foi benéfica para sua recepção no século XIX caracterizado pela crença na ciência. Foi só com a edição de Norbert von Hellingrath, que fazia parte do círculo reunido em torno de Stefan George, que se cumpriram as condições editoriais que possibilitaram um conhecimento adequado de Hölderlin”, conta.

Johann Kreuzer estudou Filosofia, Estudos Alemães e Religião Comparada na Universidade de Tübingen e na Freie Universität, ambas na Alemanha, onde em 1984 obteve o título de doutor com uma tese sobre Hölderlin. De 1987 a 1992 foi o primeiro pesquisador e entre 1992 e 1996 foi professor de Filosofia na Universidade de Wuppertal. Depois de lecionar nas Universidades de Münster, de Colônia e de Humboldt de Berlim, foi professor visitante na Universidade Charles, em Praga. Em 2002 foi nomeado coordenador de História da Filosofia na Universidade Carl von Ossietzky Oldenburg na Alemanha, onde em 2013 tornou-se decano da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e desde 2014 é diretor do Instituto de Filosofia.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que medida se pode atribuir a Hölderlin ser um dos poetas pioneiros da modernidade?

Johann Kreuzer - A repercussão de Hölderlin só começou no século XX, particularmente a partir da edição de Norbert von Hellingrath¹. Neste sentido, ele não é um “pioneiro” da poesia da modernidade ou da atualidade, e sim, a rigor, o critério para ela, o é tanto no âmbito da língua alemã quanto fora

dele. Essa repercussão e ressonância não se restringem à esfera literária. Há um compromisso profundo - e admitido - com Hölderlin (na filosofia) por parte de Walter Benjamin (que, no século XX, foi o primeiro a reagir à poesia “tardia” que von Hellingrath tornou acessível - mas esses trabalhos só foram publicados após 1950); de Martin Heidegger (cujas interpretações de Hölderlin dominaram a confrontação com ele na década de 50 até meados dos anos 60 do século XX); e de Theodor W. Adorno - que se entendia como curador do Hölderlin descoberto por Benjamin e destacou particularmente a afinidade existente entre a linguagem de

Hölderlin e a música do Beethoven tardio e de Schubert.

Depois, a confrontação de Benjamin e de Adorno com Hölderlin teve um grande impacto também na ciência literária, a partir de meados dos anos 60, por meio de Peter Szondi² - em termos de conteúdo,

¹ **Norbert von Hellingrath** (1888-1916): foi um estudioso literário alemão, cujo principal contribuição para estudos literários é a primeira edição completa das obras do poeta Friedrich Hölderlin. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Peter Szondi** (1929-1971): Nasceu em 1929, em Budapeste, na Hungria, numa família de origem judaica. Em 1944, foi deportado para o campo de concentração Bergen-Belsen, de onde conseguiu sair, e depois refugiou-se na Suíça. Foi professor universitário na Universidade Livre de Berlim, onde fundou o Instituto de Teoria Literária e de Literatura Comparada, em Göttingen e Heidelberg. Tem extensa obra publicada em vários países, destacando-se seus ensaios dedicados

essa influência se ampliou enormemente através de Jacques Derrida³ e da fenomenologia francesa (mesmo que a referência originária a Hölderlin nem sempre fosse mencionada). Para além da filosofia, da teoria da estética e da ciência literária, o mais importante lírico da língua alemã do século XX, Paul Celan⁴, também tem um compromisso profundo com Hölderlin.

IHU On-Line - Qual era a concepção de Hölderlin sobre os poetas e a poesia, em si? É correto falar em uma metafísica do artista a partir de sua obra?

Johann Kreuzer - Isso depende do que se entende por "metafísica". Decisivo com vistas a Hölderlin e à linguagem poética realizada em sua obra ou à realidade linguística apresentada através de sua obra é que ela tem razões filosóficas que Hölderlin entendeu como forma de procedimento do espírito poético. Ele expressou da forma mais lapidar a pretensão dessa forma de procedimento na afirmação de que a tarefa do poeta ou da linguagem da individualidade poética é "ter uma lembrança". Expôs essa pretensão de modo um pouco mais extenso na seguinte fórmula: "Assim como o conhecimento vinga a linguagem, da mesma maneira a linguagem se lembra do conhecimento." Se isso é compreendido como "metafísica", então é a metafísica que se expressa linguisticamente na obra de Hölderlin. Trata-se de uma metafísica que parte da revolução da forma do

ao teatro e à poesia lírica. Faleceu em 1971. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Paul Celan (1920-1970): poeta romeno radicado na França. Sobrevivente do Holocausto, foi um dos mais importantes poetas modernos da língua alemã. (Nota da **IHU On-Line**)

pensamento promovida por Kant⁵, particularmente daquilo que Kant expõe, na "Crítica da faculdade do juízo", sobre a capacidade cognitiva e o *sensus communis*. O outro referencial doxográfico para a concepção de Hölderlin acerca da poesia é platônico, particularmente o "Banquete" e o "Fedro". Se fala-se da existência de uma metafísica em Hölderlin, então trata-se de uma metafísica da linguagem: é a linguagem que vai além dos dados da dimensão empírica e, com isso, torna-se, ela própria, experiência (um modelo para essa metafísica é representado por Píndaro⁶, por um lado, e, por outro, pelo processo de expressão linguística saturado de história que se apresenta particularmente na tragédia de Sófocles⁷).

5 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em Formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuemo2>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Píndaro (522 a.C. — 443 a.C.): também conhecido como Píndaro de Cinoscefale ou Píndaro de Beozia, foi um poeta grego, autor de "Epinícios" ou "Odes Triunfais", e autor também da célebre frase "Homem, torna-te no que és". Chegaram-nos um total de 45 epinícios, divididos em quatro livros, conforme o nome dos jogos que celebravam: Olímpicas, Píticas, Neméias e Ístmicas. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Sófocles: dramaturgo grego. Viveu em Atenas, cerca de 400 anos antes da Era Cristã. Considerado um dos mais importantes escritores gregos da tragédia. Édipo Rei, Antígona e Electra são as suas peças mais conhecidas (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Em que consiste o paradoxo de Sófocles e a Antígona de Hölderlin?

Johann Kreuzer - Posso responder essa pergunta com os comentários que fiz na introdução à minha edição dos "Escritos teóricos" de Hölderlin: a história é o processo do modo temporal de aparição da própria natureza. A tríade "fechada" da consciência formada por "unidade-ruptura-unificação" é substituída pela dialética "aberta" de fundamento e aparição, de "originário e sinal". Na tragédia se expressa linguisticamente e se compreende o paradoxo originário da natureza da história. O que se mostra como trágico é o que destrói a permanência na história. Justamente com isso, porém, tornam-se conscientes as condições de possibilidade da história vivida individualmente. "Tudo que é originário" aparece "a rigor" em sua debilidade: "como luz da vida e aparição" na esfera dos "sinais". No trágico ocorre o sacrifício do "sinal" (finito, em cada caso), na medida em que o "originário", em sua "mais forte dádiva", faz o mundo dos sinais aparecer como "sem importância = 0". O mundo dos sinais, porém, é o mundo da individualidade e da história. Por conseguinte, o *significado* das tragédias pode ser entendido como experiência das condições de possibilidade da história na ameaça radical ou original (= originária) dessas mesmas condições.

Isso leva a um conceito purificado da natureza paradoxal da história e da linguagem. O "originário" é o "fundamento oculto de toda natureza" (conforme a observação de Heráclito de que a "physis gosta de se ocultar"), que não deve ser desvendado, mas compreendido em sua aparição. A história significa a totalidade de uma interação entre o "originário" e a "luz da vida". É nos sinais que a natureza se mostra, em sua "mais fraca dádiva", como princípio vivo da distinção. O ato de remontar ao "fundamento oculto da natureza" é a tarefa do individualmente distinto, a qual, tragicamente, significa o sacrifício deste. Frente à tendência a essa unificação trágica (o factual que é mortal e mata), Hölderlin observa no *Homburger Folioheft*: "O distin-

to é bom” A natureza se apresenta “a rigor” na consciência da individualidade como história de sinais. Nos sinais, aquilo que é concebido como fundamento oculto da natureza se relaciona consigo mesmo. Ele aparece na linguagem. Nas formas da manifestação que significam linguagem, a natureza em sua debilidade encontra expressão linguística como “luz da vida”. No trágico, por outro lado, tem-se “o sinal = 0”. Portanto, na tragédia (p. ex., na “Antígona”, talvez mais explicitamente no “Édipo”) se apresenta *ex negativo* a condição de possibilidade da consciência que se mantém individualmente. Nisso se fundamenta o paradoxo dela.

IHU On-Line - Quais são as razões para que, por muitos anos, sua poesia não tenha sido devidamente reconhecida na Alemanha?

Johann Kreuzer - No século XIX, sua poesia praticamente não estava publicada. Além disso, a lenda sobre o “poeta doido na torre” não foi benéfica para sua recepção no século XIX caracterizado pela crença na ciência. Foi só com a edição de Norbert von Hellingsbrugg, que fazia parte do círculo reunido em torno de Stefan George⁸, que se cumpriram as condições editoriais que possibilitaram um conhecimento adequado de Hölderlin.

IHU On-Line - Por que o modelo trágico grego era tão caro à poesia de Hölderlin? E por que ele enfatiza as características anti-clássicas da cultura grega?

Johann Kreuzer - Também neste caso preciso remeter à introdução que fiz para minha edição dos “Escritos teóricos” de Hölderlin: na forma artística da tragédia se apresenta a “índole” historicamente singular, decerto não mutável, que passa do elemento grego para o hespérico. Neste sentido, no “Édipo”⁹ se mostra o nascimen-

to da tragédia a partir da “singularidade fiel da natureza original da Antiguidade” e, na “Antígona”¹⁰, seu resultado na passagem para a forma republicana da razão que aí se forma tragicamente. Na forma artística da tragédia se documenta a passagem *histórica* em que, sob peste e perturbação dos sentidos, a contraposição ao curso eternamente misantrópico da natureza se torna consciente e, assim, a própria consciência é constituída.

No “espírito livre” Édipo mostra-se, como acontecimento originariamente trágico, a luta desesperadora para chegar a si mesmo, o esforço espezinhador quase desavergonhado de dominar a si mesmo, a busca doída e selvagem por uma consciência. A consciência se forma como consciente de si mesma, isto é, como distinção consciente de sua impotência física em relação à natureza como poder. Ela se compreende à diferença da equivocidade desta. O entendimento humano se objetiva movendo-se sob um inconcebível. O que está em questão aí - que a possibilidade sagrada viva do espírito se conserva - é mostrado pelo processo agonal da tragédia. Nele se forma, na musa terrível de uma época trágica [...] [a forma da razão que,] mais tarde, em uma época humana, é tida como opinião firme nascida de um destino divino. Entre a época trágica (= grega) e a humana (hespérica, isto é, a nossa) existe uma relação de sequência histórica. Por isso Hölderlin acentua as “características anti-clássicas da cultura grega”: o próprio devir histórico dela já acontecido.

Isso não quer dizer que a distância histórica excluísse a recaída na imediatez trágica - mais para trás da “forma republicana da razão” que parece ser alcançada na *Antígona*. Que na tragédia o tempo (assim como o espaço) seja exposto não só como forma da intuição e do sentido interior, mas também como condição de possibilidade de que a consciência conserve *a si na* distinção para com a natureza - isso é entendido por Hölderlin em um sen-

tido concreto e, neste sentido, “anti-clássico” em termos empírico-basais, isto é, histórico-constitutivos.

É que no limite extremo do sofrimento não existe nada mais do que as condições do tempo ou do espaço. Nele o ser humano se esquece porque é inteiramente no momento; o deus, porque não é nada mais do que tempo. É preciso ligar a ausência de relações do temporalmente distinto (“expirante”) com o poder natural “tempo”, que se mostra como fundamento e forma de seu passar e declinar. O tempo dilacerante do curso eternamente misantrópico da natureza não faz isso. Sua experiência originária se transforma na tragédia no permanecer firme diante da mudança do tempo. A “infidelidade divina” é “a melhor de conservar” porque nos faz entender a necessidade da ligação do temporal por nós. Com isso, Hölderlin concretiza nas “Observações sobre Sófocles”, na perspectiva de uma teoria do tempo, o que explicou como significado da lembrança no fragmento intitulado “A pátria em declínio...”: a fundamentação trágica (trágico-original) do sentido histórico da lembrança, que Hölderlin concebeu, em “A pátria em declínio...”, como necessidade e determinação interior da livre imitação da arte. Ela fundamenta a necessidade da lembrança individual, pela qual o ser humano chega até a reflexão e a linguagem e a consciência se conserva individualmente.

IHU On-Line - Pode-se dizer que a obra de Hölderlin é uma constante interrogação metafísica, uma tentativa de diálogo com o transcendente? Por quê?

Johann Kreuzer - Para Hölderlin, o transcendente (formulado em termos neutros: o divino - ou de modo incisivo: o deus) não é algo além da experiência, e sim o centro dela ou, do ponto de vista da teoria da consciência, seu fundamento. Em sua compreensão, a pretensão da expressão poética da linguagem é reproduzir o divino (os momentos de entusiasmo divino), isto é, torná-lo capaz de lembrança (“ter sua lembrança” - conforme resposta à primeira pergunta) ou trazer o deus / o divino pelo ato e em atos da expressão linguística. ■

⁸ Stefan George (1868 –1933) foi um tradutor e poeta alemão. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Édipo: personagem da mitologia grega, famoso por matar o pai e casar-se com a própria mãe. Filho de Laio e Jocasta. A história está recolhida em Édipo Rei e Édipo em Colono, de Sófocles. Vários escritores retomaram o tema, que também inspirou Igor Stravinsky para a composição de um oratório. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Antígona: figura da mitologia grega, filha de Édipo e Jocasta. A versão clássica do mito sobre Antígona é descrita na obra Antígona, do dramaturgo grego Sófocles, um dos mais importantes escritores gregos da Antiguidade. (Nota da IHU On-Line)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

WWW

ihu.unisinos.br



unisinos.br/blogs/ihu



fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos



instagram.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



twitter.com/_ihu

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Confira os eventos que ocorrem no Instituto Humanitas Unisinos - IHU de 19-10-2015 até 26-10-2015



Ciclo de Estudos em EAD – Repensando os Clássicos da Economia

O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA VISÃO DE JOSEPH SCHUMPETER - 19 a 25 de outubro

Ministrante: Prof. MS Gilberto Antonio Faggion - UNISINOS

Carga horária: 37h

Saiba mais em: <http://bit.ly/1fLf14t>

Oficina: Realidades da Segurança alimentar e nutricional

Ministrante: Angélica Cristina da Siqueira - Nutricionista e pesquisadora do NESAN

Horário: 14h às 17h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em: <http://bit.ly/1OGecYB>



Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI – uma discussão sobre a desigualdade no Brasil

Conferência: Mérito e herança na estrutura das desigualdades brasileiras

Conferencista: MS Antônio Albano de Freitas - Fundação de Economia e Estatística - FEE e Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Horário: 19h30 às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em: <http://bit.ly/1Lwiq4d>

IHU Ideias – Cais Mauá: duas visões em disputa sobre qual o projeto de cidade

Conferencista: Milton Cruz - UFRGS e Observatório das Metrôpoles

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em: <http://bit.ly/1jrl019>



2º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governo da vida e o comum

Conferência: Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças

Conferencista: Prof. Dr. Mário Leal Lahorgue - UFRGS

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em: <http://bit.ly/1Lwjghi>

TEOLOGIA PÚBLICA

Olhar e discernir, confrontar e responder: questões urgentes no Sínodo dos Bispos sobre as Famílias

Por Cesar Kuzma

“**S**im, ao acesso à Eucaristia pelos casais em segunda união e/ou separados/divorciados que contraíram um novo casamento: este é um ponto polêmico e que vem acalorando o debate sinodal até aqui. De acordo com o Papa, deveríamos ir mais além e não reduzir o Sínodo a este ponto, que parece tão óbvio, mas tendo em vista a recusa e o fechamento de muitas partes, a argumentação se faz sempre necessária”, escreve Cesar Kuzma, teólogo leigo, casado e pai de dois filhos.

Segundo ele, há uma “contradição nos discursos que dizem que tais casais não estão excluídos da Igreja, mas ao mesmo tempo negam o acesso deles à Eucaristia e a outros sacramentos. Esta ideia de exclusão do sacramento e não-exclusão da Igreja revela-se totalmente excludente e não abre espaço para a misericórdia, que é a grande tecla que bate Francisco e que tem sim caráter evangélico.

Cesar Kuzma é doutor em Teologia e professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Autor de livros e artigos em teologia, dentre eles: “O Futuro de Deus na Missão da Esperança” (Paulinas); “Leigos e Leigas” (Paulus); “Age Deus no mundo?” (PUC-Rio e Reflexão).

Eis o artigo.

Nas reflexões que seguem nós procuraremos enaltecer aspectos teológicos que favoreçam a nossa intenção para que, na sequência, as mesmas reflexões e intenções possam balizar as diversas questões levantadas e, com isso, oferecer à Igreja, que se debruça já no estágio final de um Sínodo sobre a Família, uma resposta pastoral segura, diante de um confronto e entendimento que se fazem justos e necessários.

Este Sínodo, em particular, tem levantado questões que vão além do que se compreende das famílias e do sacramento do Matrimônio, ou mesmo do sacramento da Eucaristia e da Reconciliação, quando relacionados com o Matrimônio, mas tem demonstrado a reação de uma parte da Igreja que passa a se incomodar com uma postura nova trazida por Francisco, que felizmente encontra eco em muitos bispos, teólogos e, principalmente, no povo de Deus; o que provoca do outro lado uma reação agressiva.

Discursos variados e alguns desentendimentos entre os padres sinodais (e também extra Sínodo), cartas e entrevistas ali e acolá nos levam a perceber esse fenômeno. Poderíamos aqui perguntar como Paulo: estaria Cristo dividido? (cf. 1Cor 1,13). Ou será que nós o estamos dividindo?... E com quais argumentos reforçamos os lados que se opõem, será que estamos pautados no amor, ou simplesmente em tradições e doutrinas? Seria o Evangelho algo ainda vivo, ou apenas uma herança que nos foi passada e que devemos proteger a qualquer custo?...

Muros como esses, quando se levantam de ambos os lados, não deixam transparecer o Evangelho que pulsa sempre novo e que quer avançar para águas mais profundas. A liberdade em dizer o que pensa, garantida por Francisco, traz em si uma novidade e um resgate de discursos abertos; mas também aguça mais aqueles que se aprisionam em cargos e estruturas firmes, cuja profecia evangélica parece incomodar. Resta-nos sa-

ber se o discurso final deste Sínodo será mesmo sobre as famílias ou será sobre posturas eclesiológicas que se queiram sustentar a qualquer custo e em qualquer tempo.

Desta forma, tentando somar e fazer voltar o nosso olhar para a proposta do Sínodo e encorajados pela perspectiva que Francisco nos abriu, pretendemos olhar e discernir, confrontar e responder algumas questões urgentes que tocam a todos nós.

1. Olhar e discernir teologicamente

Faremos as reflexões seguintes em forma de teses (T), descrevendo-as de modo prático e objetivo, alinhando-as na intenção da fé e prática cristãs.

T1 - O amor de Deus que nos toca por inteiro e que nos conduz à plenitude: desde o início do seu Pontificado, o Papa Francisco tem nos convidado a refletir e conviver, melhor dizendo, a fazer crescer em nós o sentimento e a percepção da misericórdia, apontada claramente como parte central do Evangelho (cf. Francisco, *Misericordiae Vultus*). Deste modo, falamos aqui a respeito deste amor, afirmando que não se trata de qualquer amor, mas de um amor que em si mesmo já é pleno e que é a essência e a natureza do próprio Deus (cf. 1Jo 4,8), que nos ama, e, no amor, vem ao nosso encontro, como um ato in-clusivo e em gesto de extrema misericórdia conduz a nós todos à plenitude do seu amor. Ele nos amou por primeiro (cf. 1Jo 4,19) e nos ama até o fim (cf. Jo 13,1); e isso marca todas as consequências desta relação - entre Deus e o ser humano - e esse amor não conhece limites.

O sacramento do Matrimônio, que toca às famílias em particular, e que é um aspecto presente e acalorado nas discussões deste Sínodo está fundamentado neste amor, neste gesto de amar. Deus, em Cristo, se doa por inteiro à humanidade, caracterizada pela sua Igreja (cf. Ef 5,32); tem a sua kénosis (cf. Fl 2,6) e vem ao encontro do ser humano, unindo-se a ele de modo inseparável, indissolúvel, visto que o amor de Deus é eterno. Essa é a união resultante entre seres humanos que se amam e se entregam e que se confirma no sacramento do Matrimônio, sendo sinal desta graça, com consequência a eles e a todos que cercam esta união. Trata-se de uma entrega total, uma doação por inteiro, capaz de fazer de duas vidas, uma só vida, uma só carne (cf. Mt 10,8); e eclesialmente: um só coração e uma só alma (cf. At 4,32).

T2 - Deus que se faz humano, em Cristo, assume as nossas dores e tristezas, alegrias e esperanças, e, em família, assume também a nossa vulnerabilidade: O Concílio Vaticano II, pela *Gaudium et Spes*, já fez esta afirmação (GS 1), e diz ainda que nada que ocorre no mundo, nada que o mundo possa sentir fica sem encontrar eco no coração de quem crê. É isso que nos faz humanos, pois por uma atitude de amor, colocamos em nossas vidas e em nossas responsabilidades a vida do outro, entregamos a ele o nosso gesto e acolhemos o

seu medo (é bem verdade) e a sua confiança (que deve ser conquistada).

Nós encontramos este gesto também na prática de Jesus, pelo seu anúncio do Reino, em gestos e palavras que edificam e criam uma nova realidade, uma boa nova, capaz de incluir a todos, sobretudo, os mais vulneráveis. Mas vai ainda além, já que queremos com isso chamar a atenção para as diversas situações que reclamam às nossas famílias e que exigem de nós - teológica e pastoralmente - uma atitude concreta. Acima falamos de Deus que por amor se fez humano e assumiu todo o nosso existir. Isso é fato e verdade de fé. Com efeito, Jesus não se fez um humano qualquer, mas o fez em uma determinada realidade, marcada por fortes traços culturais e também por uma vida familiar [!].

Pintar um quadro no qual a família de Nazaré e tudo o que a circulava era algo amplamente perfeito, fere de todas as maneiras a realidade em si mesma e nega algo particular da própria ação de Deus. Eis um ponto que gostaríamos de chamar a atenção: Em Cristo, Deus assume os nossos limites, assume as nossas fraquezas e vive a nossa vulnerabilidade. A família de Nazaré em si mesma também passa por esta questão e em seu relato (cf. Mt 1,18-25), seguindo aqui um aporte canônico dos Evangelhos da infância, sem entrar nas questões exegéticas atuais, é possível perceber uma realidade hostil e insegura. Sabemos pouco a respeito de José, o pai de Jesus, apenas nos é dito que era um homem justo (cf. Mt 1,19). A situação de Maria também nos é oculta, a não ser pelo fato de que esta jovem, antes de contrair o casamento, observa-se grávida. Qual seria o destino para uma jovem nesta condição? Por certo, nada acolhedor, o que colocava em risco a sua própria vida e da criança em seu ventre.

Aí vem a beleza do relato, às vezes, não perceptível e ignorada, pois somos tentados a ler de modo romântico, projetando no casal José e Maria condições contemporâneas nossas, que tampouco poderiam existir. O que acontece? José, o carpinteiro da vila, tido no relato como homem justo, faz em Maria a sua justiça e acolhe ela e seu filho em sua casa, e perante todos, José assume a paternidade de Jesus, dando a ele um nome e uma identidade (cf. Mt 1,25). Será que nós nos percebemos desta interrogação, por certo, mais próxima às nossas famílias - também vulneráveis?

Também no que toca ao filho, Jesus, que perante a sua comunidade e seus irmãos era tido como louco e foi preso e morto como um criminoso. Perguntamos: Será que esta família, hoje, teria acesso às nossas comunidades, teria acesso aos sacramentos?... Teríamos, como José, uma justiça pautada no amor de Deus, na misericórdia, ou não? Acreditamos que uma nova percepção da imagem da sagrada família de Nazaré pode nos oferecer novas pistas de reflexão (cf. KUZMA, Cesar. O sentir da ternura: o Sínodo sobre a família e suas implicações teológicas e pastorais. Perspectiva

Teológica, Belo Horizonte, v. 47, n. 131, p. 13-36, jan/abr. 2015.).

T3 - Em Cristo, uma realidade que se transforma e que faz novas todas as coisas: O Evangelho narrado por João apresenta a pregação de Jesus em sinais. Gostaríamos, para este momento, de resgatar duas imagens que nos são preciosas e que podem trazer frutos condizentes com a nossa proposta.

1) A primeira delas diz respeito ao primeiro sinal, a narrativa das Bodas de Caná (cf. Jo 2,1-12), uma festa de casamento. Não entramos no detalhe exegético e histórico do relato, mas, a partir de uma leitura canônica, queremos nos firmar em alguns pontos:

- a) Jesus é convidado para uma festa de casamento;
- b) sua presença não é em vão, ele atua ali, a sua ação modifica e transforma;
- c) Jesus traz vinho novo à festa, traz alegria e plenitude; em Cristo tudo se consome e se realiza.

Acho que estes elementos traduzem, de certa forma, a intenção do relato. A presença de Jesus em meio às pessoas, neste caso específico, em um casamento, gera transformação, vida nova e alegria. Ele é o vinho novo que anima os corações e acalenta à espera de um novo tempo.

2) A segunda imagem que trazemos é a do diálogo de Jesus com a samaritana (cf. Jo 4,1-42), uma mulher, que na situação de sua época, de acordo com o relato, também estava em vulnerabilidade, excluída. Jesus se aproxima dela e lhe pede algo; sabe que todos temos um pouco a oferecer e a servir, não importa a condição, temos algo que pode saciar a sede de quem está ao nosso lado, até mesmo pela nossa dor e sofrimento. Mas o destaque desta passagem é que Jesus se apresenta como água viva, a única capaz de saciar a nossa sede e de tornar pleno tudo o que existe. Por certo, necessitamos desta água viva!

2. Confrontar e responder pastoralmente

O confronto e as respostas sucessivas, que terão por base as situações apresentadas e as teses acima apontadas, aparecerão aqui como respostas pastorais (RP).

RP1 - Sim, à acolhida às famílias em suas diversas realidades estruturais: levando em consideração a proposta desta reflexão, que se coloca a sentir com ternura, tendo em conta também a prática de Jesus e o conteúdo do Evangelho que se faz conhecer no amor (misericórdia) e que nos acolhe em todas as circunstâncias, sem julgamento, mas em gesto salvífico, afirmamos que a Igreja, como sacramento de salvação (e de reconciliação), deve valer-se por esta prática.

As reflexões acima e tudo o que se debateu no Sínodo até agora deixaram evidente as diversas marcas que avançam sobre nossas famílias e suas novas con-

cepções e/ou configurações estruturais. Não se pode excluir, pois tal postura não seria evangélica e coerente. Não se pode imaginar também que a realidade vivida em muitas famílias de hoje já seja um estado pleno, da mesma forma que não se pode dizer que elas não atendem ao projeto de Deus. Não! A(s) família(s), como todas as pessoas que pertencem a elas ou não, mas que compõem a Igreja, estão em constante estado de peregrinos (Lumen Gentium n. 48), andam ainda em marcha, no caminho e rumo ao encontro definitivo, onde Cristo, somente ele, fará novas todas as coisas (cf. Ap 21,5), onde somente ele trará a tudo e a todos a plenitude (cf. 1Cor 15,28).

Não nos cabe separar, nem mesmo excluir qualquer pessoa ou família (seria anti-evangélico). Podemos sim orientar o caminho dentro da ótica do Reino e dos passos de Jesus, mas jamais excluir qualquer pessoa do convívio fraterno e da harmonia entre os irmãos, seja por sua situação de crise, seja por casamentos rompidos ou novos, seja pela questão sexual e afetiva, sobretudo, aos casos que envolvem recasados, homoafetivos e as diversas famílias em vulnerabilidade.

A Igreja é mãe (cf. Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 46-47), e como mãe acolhe a todos; no acolher, ela educa; e no educar, transforma; sempre, porém, no amor, um amor-misericórdia. Pede-se aqui, um exercício contínuo para a inclusão de famílias em situações de conflito e da ajuda que se faz necessária para a caminhada gradual da experiência cristã, que deve ser buscada por cada um, mas, também, favorecida pela Igreja toda.

RP2 - Sim, ao acesso à Eucaristia pelos casais em segunda união e/ou separados/divorciados que contrairam um novo casamento: este é um ponto polêmico e que vem acalorando o debate sinodal até aqui. De acordo com o Papa, deveríamos ir mais além e não reduzir o Sínodo a este ponto, que parece tão óbvio, mas tendo em vista a recusa e o fechamento de muitas partes, a argumentação se faz sempre necessária. A nossa opinião a este respeito já ficou clara nas linhas anteriores e já nos expressamos abertamente sobre isso em outros escritos.

Também achamos que a mesma intenção tem fundamento garantido na própria essência do sacramento da Eucaristia, cuja riqueza inesgotável ainda não nos permitiu ver a tal ponto. Uma vez que a Igreja afirma que a Eucaristia é o que constitui a Igreja e que ela é necessária para a edificação dos fiéis e para a sua caminhada rumo a Cristo, negá-la para aqueles e aquelas que, mesmo machucados e feridos, muitas vezes sem culpa, seguem, perseguem e persistem no seu amor a Cristo e a Igreja seria uma negação do próprio conteúdo que sustenta este sacramento, que é amor, que é misericórdia.

Na *Evangelii Gaudium* (n. 47) o Papa Francisco disse claramente que este sacramento não é um prêmio para pessoas santas, mas remédio e alimento para todas as pessoas. E faz isso se baseando na rica tra-

dição eclesial, em especial em Santo Ambrósio, que diz que se deve comungar sempre, e em São Cirilo de Alexandria, que diz que se o pecado nos torna indignos, como poderemos nos separar daquele que nos santifica para a eternidade? Em se tratando da Eucaristia, nós não chegamos plenos a ela, mas ela nos plenifica; nós não chegamos santos a ela, mas ela nos plenifica. É necessário discernir o que o Espírito nos sopra hoje! Sabemos que ações pastorais que aderiram a esta nova práxis, de modo consensual, equilibrado, gradual, maduro e respeitoso, lograram bom êxito e esta nova realidade tampouco causou escândalo ou induziu ao erro outros fiéis. Ao contrário, aproximou a Igreja dessas realidades e ofereceu aos que estavam caídos alimento e remédio para a vida concreta. Não entraria aqui o pedido do Papa Francisco para que sejamos facilitadores da graça e não seus reguladores, ou mais enfático: podemos segurar o Espírito?

Vale trazer aqui o pensamento clássico de Santo Ambrósio, que diz que onde atua a graça, Cristo ali está, onde se vale a severidade, apenas os seus ministros. Refazemos aqui a pergunta feita pelo Cardeal Walter Kasper em sessão do Sínodo de 2014 e que na ocasião foi apoiada pelo Papa Francisco: se uma pessoa nessas condições, acompanhada e amparada pela sua comunidade, e que se mantém fiel a Cristo, pode comungar espiritualmente (como se costuma dizer), por qual razão ela não poderia também comungar sacramentalmente, já que esta realidade visível e sensível se faz favorável e aproxima o fiel do próprio Cristo, que por ele deu a sua vida e foi fiel até o fim?

É onde encontramos a contradição dos discursos que dizem que tais casais não estão excluídos da Igreja, mas ao mesmo tempo negam o acesso deles à Eucaristia e a outros sacramentos. Esta ideia de exclusão do sacramento e não-exclusão da Igreja revela-se totalmente excludente e não abre espaço para a misericórdia, que é a grande tecla que bate Francisco e que tem sim caráter evangélico.

Seria até vantajoso propor a estes que insistem em se manter contrários a esta abertura que passem a exercitar a não-comunhão Eucarística solidária, deixando de comungar o sacramento e se fazendo solidário (espiritualmente) aos que dele são impedidos, pois é bem verdade, somos todos pecadores!...

Valeria a pena pensar. Não se trata de mudar a doutrina dos sacramentos, mas de compreendê-los na sua máxima essência e, neste caso, mudar a disciplina de se celebrar e vivê-los. Enfim, na liberdade de reflexão que Francisco nos concedeu, queremos aqui firmar como sim a nossa decisão e reflexão conclusiva a este respeito.

RP3 - Sim, à uma recepção madura e responsável dos novos métodos de planejamento familiar e de reprodução humana: este talvez seja um ponto ainda mais polêmico e que exige uma atitude de maior estudo e discernimento pastoral. Não está sendo objeto de

discussão no Sínodo, mas tais reflexões deveriam acalentar os debates teológicos e pastorais, pois se querem urgentes. Respeitamos as razões que levaram o Papa Paulo VI a assumir tais posturas na publicação da Encíclica, mas acreditamos que hoje (quase 50 anos depois e com todos os avanços biomédicos e da teologia moral) se faz necessário dar um passo além das resoluções da *Humanae Vitae*, pois trata-se de uma realidade comum a maioria das famílias e casais. Vale lembrar aqui que Paulo VI não encerrou a questão!

Fechar-se a este tema é fechar-se na mesma indiferença que muitos casais e famílias têm e vivem em relação a este assunto. Dado concreto de muitos casais. Não queremos fechar o debate, mas abri-lo e pedir, que com coração de ternura, a Igreja acolha estas novas realidades e se coloque em diálogo, na consulta de especialistas e das próprias famílias. Isso convida a uma nova compreensão do ser humano e de suas relações, bem como uma nova indagação sobre a sexualidade humana. Muitos casais, hoje, vivem isso como um peso, ou na indiferença. É como se tudo chegasse a um meio termo, o que não é produtivo. O nosso sim aqui, é para esta atitude madura e responsável que já se previu no Vaticano II, com a *Gaudium et Spes*, n. 51; já ali existe uma grande abertura que poderia ser revisitada.

3. Não esquecer da ternura

O breve artigo que aqui apresentamos quer oferecer à Igreja, à teologia e às pastorais algumas perguntas a mais, pois entendemos que o tempo é oportuno e decisivo, e talvez por esta razão tenha despertado tantos debates e opiniões divergentes. Ressaltamos também que existem muitos pensamentos comuns e que há um grande número de bispos e teólogos que se somam a estas aberturas.

O Sínodo sobre as Famílias, convocado pelo Papa Francisco, trouxe à Igreja e às famílias a possibilidade de rever alguns posicionamentos e implicações internos e externos às realidades, destacando os desafios que atingem as famílias na atualidade, a fim de favorecer um melhor entendimento da sua vocação e missão, que é o grande objetivo. Diante dessas situações, muitas delas, em torno a crises e dificuldades, gostaríamos de propor um novo olhar a partir da ternura, um novo sentir, com base na proposta de Cristo, da sua sensibilidade e da sua prática do Reino; por isso expressamos: não esquecer da ternura.

Sabemos, de antemão, que o atual contexto eclesial se tornou favorável a estas reflexões, o que exige da Igreja e de todos nós uma postura crítica e sensível a estas questões, a fim de destacar, de forma ousada e madura, a partir do Sínodo e além dele, possíveis implicações teológicas e pastorais.

Durante a sua homilia, na missa de abertura da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo, em 2014, o Papa Francisco disse claramente que haveria liberdade

no falar e no expressar de novas questões. Esta intenção se repete no Sínodo de 2015. É o momento que se pede tal postura, a fim de se fazer ouvir, discernir e, de modo criativo e seguro, buscar uma resposta pastoral coerente e condizente com a proposta do Evangelho, que se sustenta no amor.

Quando a urgência humana e pastoral nos obriga a um desprendimento, a um despojamento, a uma entrega total em favor do outro, em uma saída baseada no amor e em busca do amor, tem-se aí algo característico e fundamental para a fé cristã. Esta fé está alicerçada na entrega total de Deus-criador à sua criação-criatura, com total afeição e ternura, num jeito próprio e único, sendo para todos nós a medida do verdadeiro amor, o qual devemos contemplar, sentir e seguir, entregando e repousando naquele que nos amou por primeiro e que nos ama até o fim.

Deus se doa por inteiro e o faz porque isso é parte de seu ser - amor. A maneira como nós nos relacionamos, o modo como nós nos encontramos e formamos laços, laços estes que perpassam uma vida, a forma como isso se dá baseia-se nesta mesma intenção - amor. Isso é o que nos torna:

1) discípulos e cristãos, pois por essa razão o seguimos e antecipamos na fé e na esperança este sentir da ternura, onde Deus-amor se faz presente; mas,

2) é também o que torna plena a relação entre duas pessoas que se amam e que se doam totalmente, pois só o amor verdadeiro, como dom maior, é capaz de transcender todos os limites da nossa compreensão e

estabelecer um vínculo tão forte (e ao mesmo tempo tão sensível); contudo,

3) o caminhar humano é limitado e finito diante do amor de Deus que é eterno. Este sentimento tão forte, às vezes (e não poucas) torna-se frágil e por mais que se queira não chega ao seu destino.

Por essa razão que a Igreja, comunidade firmada no amor, e todos aqueles e aquelas que no amor se encontram, devem ter este gesto de ternura, fazendo sentir a ação de Deus, onde sempre há espaço para a vida e onde a alegria sempre faz o novo ressurgir. Nunca é tarde, sempre há tempo. Nós acreditamos que este é o pano de fundo, a espinha dorsal que acalenta o Sínodo sobre as Famílias, que já partiu numa intenção, atento às urgências humanas e pastorais e buscou, para tanto, um olhar de amor em misericórdia, na acolhida e no afeto, no sentir da ternura. Se a fé da Igreja se sustenta no amor de Deus para com todos, e se é nesse amor que se vive, por certo, é nele que saímos e vamos ao encontro do outro, fazendo-se próximo, para acolhê-lo e, se preciso for, para reerguê-lo no mesmo amor. Não se trata de qualquer amor, mas daquele que se faz sentir na ternura do ser, na misericórdia, pois foi assim que Deus se fez conhecer e é assim que se pode encontrá-lo, e é assim que devemos fazer.

No Sínodo o Papa insiste para não esquecermos a misericórdia. E aqui, nós nos somamos a ele pedindo para não se esquecer também da ternura, que é o gesto que torna possível este amor misericordioso.

Na esperança, sempre! ■

LEIA MAIS...

- *O nome dele era Aylan Kurdi e tinha apenas 3 anos de idade.* Artigo de Cesar Kuzma publicado nas **Notícias do Dia**, de 03-09-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1Ly1t5L>;
- *Sínodo: a tentativa de um olhar pastoral sobre as famílias.* Entrevista com Cesar Kuzma publicada nas **Notícias do Dia**, de 11-05-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1Nk3Kvc>;
- *Minha experiência como Leigo na Igreja.* Artigo de Cesar Kuzma publicado na revista **IHU On-Line**, nº 442, de 05-05-2014, disponível em <http://bit.ly/1MOHLam>;
- *Clodovis Boff celebra 70 anos! Uma singela e sincera homenagem.* Artigo de Cesar Kuzma publicado nas **Notícias do Dia**, de 13-01-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1ODqwKE>;
- *O adeus de Bento XVI e o futuro da Igreja: o que esperamos agora?* Artigo de Cesar Kuzma publicado nas **Notícias do Dia**, de 01-03-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1W2mIXL>.

EVENTOS

A perversa ideologia meritocrática na contemporaneidade

Antônio Albano de Freitas alerta que um dos perigos da concentração de renda é o imobilismo social, que é onde mora a perversidade da meritocracia

Por João Vitor Santos

Na modernidade, compramos a ideia de que “se nos esforçarmos” conquistaremos um espaço. Logo, com trabalho, estudo e capacitação poderemos nos tornar trabalhadores mais qualificados e com mais capacidade de geração de renda. Entretanto, como alerta o economista Antônio Albano de Freitas, esse modelo tem limites. A concentração de renda é o primeiro. “Um dos perigos de tamanha concentração de rendimentos é a reprodução do *status quo* ao longo do tempo. Isto é, o perigo de agravamento da desigualdade de oportunidades e da imobilidade intergeracional, tendo em vista que heranças de patrimônio, por exemplo, têm um papel proeminente na transmissão de vantagens entre gerações para as classes mais afortunadas”, explica.

Ou seja, o filho do “nobre” sempre terá mais oportunidade que o do “plebeu”, embora esse “plebeu” se “esforce” e “mereça” mais. “Daí decorre a perversidade da ideologia meritocrática na sociedade contemporânea, pois as condições iniciais de vida são completamente distintas entre os indivíduos. E, no entanto, depositam-se apenas sobre as elites as virtudes morais pessoais, tais como

paciência, trabalho, esforço, etc.”, destaca Freitas.

O entrevistado é palestrante do **Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI - uma discussão sobre a desigualdade no Brasil**. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, ele antecipa os assuntos que serão abordados em sua conferência “Mérito e herança na estrutura das desigualdades brasileiras”. A palestra ocorre no dia 20-10-2015, às 19h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Mais informações em <http://bit.ly/1GhJSIQ>.

Antônio Albano de Freitas possui graduação em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS e mestrado em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Atualmente, cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Em 2012, recebeu o primeiro lugar no XVIII Prêmio Brasil de Economia pela sua dissertação, intitulada “Distribuição e Acumulação de capital: a economia brasileira no capitalismo contemporâneo”.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual o papel, o peso, do mérito e da herança na equação da desigualdade?

Antônio Albano de Freitas - Desde os anos 1970, tem ocorrido um aumento da participação dos patrimônios herdados na riqueza total, tanto na Europa como nos Estados

Unidos. Após um período, ao longo dos anos 1914-1945, em que os patrimônios foram abalados por choques como destruições, inflação, falências e expropriações, a importância da herança tem crescido regularmente. Ainda que a situação não esteja no nível alcançado nas

sociedades aristocratas dos séculos XVIII e XIX, em que os 10% mais ricos possuíam 9/10 da riqueza, atualmente estes últimos possuem 2/3 do bolo.

Um dos perigos de tamanha concentração de rendimentos é a reprodução do *status quo* ao lon-



Um dos perigos de tamanha concentração de rendimentos é a reprodução do status quo ao longo do tempo

go do tempo. Isto é, o perigo de agravamento da desigualdade de oportunidades e da imobilidade intergeracional, tendo em vista que heranças de patrimônio, por exemplo, têm um papel proeminente na transmissão de vantagens entre gerações para as classes mais afortunadas. Daí decorre a perversidade da ideologia meritocrática na sociedade contemporânea, pois as condições iniciais de vida são completamente distintas entre os indivíduos. E, no entanto, depositam-se apenas sobre as elites as virtudes morais pessoais, tais como paciência, trabalho, esforço, etc.

IHU On-Line - Quais as contribuições da obra *O capital no século XXI*, de Thomas Piketty¹ para entender a desigualdade no mundo? Que perspectivas abre acerca da realidade brasileira?

Antônio Albano de Freitas - A obra *O capital no século XXI*, de Piketty, nos ajuda a entender a desigualdade no mundo, pois vai

¹ **Thomas Piketty** (1971): economista francês, concentra seus estudos no acúmulo e desigualdade de renda. É diretor de pesquisas da École des hautes études en sciences sociales (EHESS) e professor da Escola de Economia de Paris. Seu livro best-seller, *O Capital no Século XXI*, enfatiza as questões do acúmulo de renda nos últimos 250 anos, e argumenta que o acúmulo de capital cresce mais rápido que a economia, o que gera desigualdade. A edição 449 da **IHU On-Line**, intitulada *A desconstrução do mito da meritocracia*, inspira-se na obra *O Capital no Século XXI* e foi publicada meses antes de a obra ser publicada traduzida no Brasil. O IHU realiza no segundo semestre de 2015 o Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI – uma discussão sobre a desigualdade no Brasil. Mais informações em <http://bit.ly/1Po4PS2>. (Nota da **IHU On-Line**)

além da dispersão salarial em sua análise. Vai além das diferenças na hierarquia dos salários e do mercado de trabalho, ainda que estas sejam importantes e estejam se acentuando por conta da elevação na razão dos rendimentos dos superexecutivos sobre o do trabalhador médio.

Piketty aponta, em síntese, que quando a taxa de rendimento do capital é muito mais alta do que a taxa de crescimento da economia, é quase inevitável que a herança (o patrimônio herdado no passado) predomine em relação à poupança (o patrimônio originado no presente). De modo que o empreendedor tenda a se transformar em rentista e as riquezas vindas do passado progridam automaticamente de forma mais rápida - sem ser necessário trabalhar - do que as riquezas produzidas pelo trabalho, a partir das quais é possível poupar.

Brasil

No caso do Brasil, em particular, é preciso lembrar que apenas após o impacto do livro a Receita Federal disponibilizou a base de dados das declarações de imposto de renda. A partir daí começam a surgir estudos que evidenciam que pesquisas domiciliares, como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, subestimam o rendimento dos mais ricos e, principalmente, a renda da propriedade. No Brasil, a partir das Declarações do Imposto de Renda Pessoa Física - DIRPF, é possível inferir que a renda média do segmento 1% mais rico da popu-

lação é cerca de 2,8 vezes maior do que o indicado pela PNAD.

Já no caso do fluxo fiscal de herança anual expresso em porcentagem da renda disponível, no Brasil, não se pode estimar séries longas em virtude da insuficiência e robustez de dados. Porém, para o curto período que vai de 2001 a 2011, é possível estimar que o peso da herança cresce 1,5 ponto percentual em relação às fontes monetárias de que as famílias dispõem. O perigo dessa tendência se acentuar, como dito anteriormente, localiza-se na reprodução das desigualdades temporalmente e na manutenção do *status quo*, num cenário em que a herança de patrimônios domina o efeito marginal dos estudos e do trabalho.

IHU On-Line - Sobre o atual cenário nacional, como atravessar a turbulência de crise econômica e política de modo a não retroceder em políticas públicas que visam diminuir a desigualdade? E como evitar que esses cenários de crise amplifiquem as desigualdades?

Antônio Albano de Freitas - Do ponto de vista de política econômica é preciso colocar em pauta propostas progressivas tais como a tributação dos lucros e dividendos na Pessoa Física na tabela do IRPF, que poderia gerar mais de R\$ 50 bilhões; elevar a progressividade e a alíquota máxima do imposto sobre heranças e doações. Exemplo: caso a alíquota efetiva média do Imposto de Transmissão Causa Mortis e Doação - ITCMD no Brasil (3,73%) se igualasse àquela dos EUA (29%), estimo que a arrecadação adicional poderia chegar a R\$ 31,9 bilhões anuais, passando dos atuais R\$ 4,7 bilhões para R\$ 36,6 bilhões; reavaliar a política de excessiva renúncia fiscal concedida ao setor privado (que serviu para elevar suas margens de lucro, mas não resultou em maior investimento). E seria mais interessante que o governo investisse diretamente em serviços públicos e infraestrutura;

reavaliar as contrapartidas dos financiamentos do BNDES, etc.

Do ponto de vista estritamente político, porém, é bastante complicado, pois a coalizão que governa está em tensão. De maneira um tanto previsível, em virtude das alianças realizadas para se chegar ao poder, a presidente Dilma Rousseff e seus representantes do PT perderam qualquer tipo de autonomia programática. O governo, voluntariamente ou não, cedeu às pressões dos mercados e, agora, implementa uma política recessiva em que a variável de ajuste é o salário real.

Nesse cenário, dificilmente ocorrerão melhoras substanciais na nossa desigualdade socioeconômica, sobretudo pelo término da bonança externa que permitiu um alívio fiscal à época. Num panorama em que há excedente, e todos os estratos de renda têm ganhos absolutos, os conflitos de classe são amenizados, ainda que os ganhos relativos dos de baixo sejam maiores. Porém, quando se interrompe o crescimento, o “jogo” se torna de soma zero (o que um ganha é o que o outro perde). E, assim, prontamente rompe-se o pacto estabelecido implicitamente.

IHU On-Line - No Brasil, a renda média doméstica triplicou entre 2000 e 2014, aumentando de 8 mil dólares por adulto para 23,4 mil, segundo o relatório da Credit Suisse². A desigualdade, no entanto, ainda persiste no país. Como compreender essa realidade? Como atacar essa desigualdade no Brasil?

Antônio Albano de Freitas - Para compreender essa realidade é preciso observar não apenas as rendas do trabalho, mas aquelas derivadas da propriedade e do capital, tais como ativos financeiros,

² **Credit Suisse Group:** é um banco suíço de investimento e provedor de outros serviços financeiros sediado em Zurique, Suíça. No Brasil, é uma das maiores instituições de Private Banking, Asset Management e Corretora de Valores. (Nota da **IHU On-Line**)

imobiliários, etc. A partir dessa perspectiva, não se pode assegurar que a distribuição de rendimentos do Brasil tenha melhorado na última década, a despeito de um avanço na formalização do mercado de trabalho. De fato, o Brasil ainda é um país de extrema concentração

“

A renda média do segmento 1% mais rico da população é cerca de 2,8 vezes maior do que o indicado pela PNAD

patrimonial e de rendimentos de propriedade.

No universo da DIRPF para o ano de 2013, apenas para ilustrar, a ocupação declarante mais rica foi a de titulares de cartório, que ganharam R\$ 71.802 mensais em média - função esta que apenas na década de 1990 passou a exigir concurso público e que, ainda hoje, conta com um terço de titulares não concursados. Ainda no universo da DIRPF, temos que a metade mais pobre dos declarantes apresenta um rendimento total (tributáveis, mais exclusivos, mais isentos) *per capita* líquido mensal de R\$ 1.810, enquanto o segmento 1% mais rico apresenta um rendimento de aproximadamente R\$ 120.881.

Para combater essa desigualdade é preciso radicalizar a democracia e enfrentar as mudanças estruturais que o país teima em não estabelecer, tais como a desconcentração da propriedade da terra, a regulação dos meios de comunicação e o financiamento de campanhas eleitorais. A sociedade, ademais, deve ter mais consciência crítica na hora de eleger os seus re-

presentantes do poder legislativo. É triste notar que, independente do Partido, ainda ocorra nessa esfera muitos votos ao estilo “voto nele, pois é conhecido da minha família”, “é conhecido do fulano e ele recomendou”. Parece não haver muita autonomia no voto e pouca percepção de sujeito ativo no processo de mudança.

IHU On-Line - Quais os limites em se pensar na redução de desigualdades em sociedades baseadas no consumo?

Antônio Albano de Freitas - Uma estratégia de inclusão social baseada exclusivamente no consumo dificilmente pode ser sustentável. Em sociedades em que há um estímulo à emulação pecuniária e ao consumo conspícuo, como alertou Veblen³, não existem limites. Este tipo de sociedade, ademais, é mais suscetível ao ciclo econômico, na medida em não existam garantias constitucionais e exista um conflito de classes no interior do Estado Nacional. Isto é, em períodos de crises, em geral, cortam-se as transferências monetárias daqueles mais necessitados e não os benefícios concedidos às elites.

Um projeto de igualdade de oportunidades de uma sociedade, portanto, deve estar assentado não apenas na renda monetária, mas também na efetivação de direitos substantivos, acesso a serviços públicos e moradia adequada. Ou seja, na capacitação do indivíduo para exercer autonomamente sua cidadania. ■

³ **Thorstein Bunde Veblen** (1857-1929): foi um economista e sociólogo estadunidense, filho de imigrantes noruegueses. Em economia, o efeito Veblen ou bens de Veblen referem-se àqueles bens em que, à medida que o preço aumenta, aumenta também o interesse pela sua compra, uma vez que o preço alto significaria mais status, e não necessariamente uma melhor qualidade do bem em si. O fenômeno é o oposto da lei da oferta e da procura. Veblen foi o economista que primeiro identificou os conceitos do consumismo conspícuo e da busca por status social através do dinheiro em 1899. (Nota da **IHU On-Line**)

EVENTOS

A politização do combate à pobreza e o precipício da desigualdade

Para Flavio Comim, o enfrentamento da pobreza não pode ser bandeira política. Assim, pensa-se somente no curto prazo e não se efetiva um combate às desigualdades do País

Por João Vitor Santos

É preciso ter em perspectiva que a busca da redução das desigualdades tenha no combate à pobreza um de seus vértices. Mas o que fez o Brasil, já que investiu no combate à miséria e não viu o encolhimento do precipício da desigualdade? O economista e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS Flavio Comim aponta: “o Brasil politizou o combate à pobreza. As políticas públicas do Governo Federal são importantes para a diminuição do sofrimento dos pobres, mas não têm alcance nem profundidade para a redução efetiva da pobreza enquanto não tivermos investimentos pesados na educação brasileira”. Comim entende que o problema não é a transferência de renda, mas a falta de complementaridade de programas que possam se articular com a transferência de renda enquanto política pública de longo prazo. “O problema da nossa política pública de combate à pobreza é sua irregularidade e falta de planejamento”, completa.

Comim é um dos palestrantes do **Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI - uma discussão sobre a desigualdade no Brasil**. No dia 29 de outubro, proferirá a conferência “Políticas públicas de regulação do capital e possibilidades para um Estado social no Brasil”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor sugere como o Brasil pode assumir o pa-

pel propositivo no debate sobre a regulação internacional do capital, como uma das formas de reduzir a desigualdade. “Talvez a tributação de grandes fortunas não seja viável se somente o Brasil fizer isso, mas o Brasil pode liderar um esforço na América Latina e participar de esforços internacionais para a tributação de riqueza”, aponta.

Flavio Comim é graduado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestrado em Economia pela Universidade de São Paulo - USP e pela Universidade de Cambridge, doutorado em Economia pela Universidade de Cambridge e Pós-doutorado pela Universidade de Cambridge e pela Universidade de Harvard. Trabalhou para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2008-2010). Atualmente é professor adjunto da UFRGS e professor visitante da Universidade de Cambridge. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Economia da Pobreza.

O Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI - uma discussão sobre a desigualdade no Brasil é realizado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Além da conferência de Comim, estão programadas mais duas palestras até o final do Ciclo, em 11 de novembro. Para mais detalhes, acesse <http://bit.ly/1LQFzAq>.

Confira a entrevista.



A teoria de Piketty nos mostra que o problema da desigualdade econômica no Brasil é muito maior do que normalmente pensamos

IHU On-Line - Como entender a desigualdade brasileira num contexto histórico?

Flavio Comim - A desigualdade brasileira não é apenas uma desigualdade de renda, ou de riqueza, ou de níveis educacionais. A desigualdade brasileira é estruturante, com uma persistência intertemporal significativa e multidimensional. Poderíamos voltar à origem de nossos problemas, examinando o tipo de colônia que fomos, mas acredito que esse tipo de contexto histórico poderia explicar, mas não justificar por que continuamos com níveis de desigualdade tão altos na nossa vida econômica, social e pública. A questão chave é: por que não mudamos? Por que continuamos com níveis tão altos de desigualdade? As respostas estão nas estruturas de poder da sociedade brasileira, é isso que precisamos discutir.

IHU On-Line - Como pensar em políticas públicas de regulação do capital? Em que medida esse controle contribui para um Estado social no Brasil?

Flavio Comim - Para fazer um omelete são necessários ovos. Não se faz omelete de pão. Do mesmo modo, para um problema global é necessário o desenvolvimento de instrumentos de política pública que tenham alcance global. Não acredito, portanto, na eficácia de políticas nacionais de regulação do capital. No entanto, isso não quer dizer que não se possa ter controles internacionais, principalmente de capital especulativo. Não há, no entanto, relação direta entre regulação do capital e a promoção de um Estado social no Brasil, pois

já dispomos de recursos suficientes para a promoção de políticas sociais, se assim o desejarmos.

IHU On-Line - De que forma a discussão proposta por Thomas Piketty¹ pode influenciar o debate acerca da tributação de grandes fortunas no Brasil? E quais as demais contribuições da obra que podem ser, imediatamente, transpostas para a realidade brasileira?

Flavio Comim - O primeiro ponto é reconhecer que temos uma desigualdade que talvez seja muito maior na riqueza do que na renda (que já é muito alta). Ou seja, a teoria de Piketty nos mostra que o problema da desigualdade econômica no Brasil é muito maior do que normalmente pensamos. Talvez a tributação de grandes fortunas não seja viável se somente o Brasil fizer isso, mas o Brasil pode liderar um esforço na América Latina e participar de esforços internacionais para a tributação de riqueza, ou de um conjunto de incentivos para que os milionários e bilionários brasileiros invistam suas

¹ **Thomas Piketty** (1971): economista francês, concentra seus estudos no acúmulo e desigualdade de renda. É diretor de pesquisas da École des hautes études en sciences sociales (EHESS) e professor da Escola de Economia de Paris. Seu livro best-seller, *O Capital no Século XXI*, enfatiza as questões do acúmulo de renda nos últimos 250 anos, e argumenta que o acúmulo de capital cresce mais rápido que a economia, o que gera desigualdade. A edição 449 da **IHU On-Line**, intitulada *A desigualdade no século XXI. A desconstrução do mito da meritocracia*, inspira-se na obra *O Capital no Século XXI* e foi publicada meses antes de a obra ser publicada traduzida no Brasil. O IHU realiza no segundo semestre de 2015 o Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI – uma discussão sobre a desigualdade no Brasil. Mais informações em <http://bit.ly/1Po4PS2>. (Nota da **IHU On-Line**)

riquezas em fundações, hospitais, universidades, etc., como acontece em outros países.

A obra de Piketty traz a economia política de volta à economia. Ao destacar o poder e influência do 1% mais rico do mundo, seu trabalho sugere que podemos ser escravos de uma elite internacional e nacional. Ele critica nossa baixa autocrítica e como nos contentamos com migalhas.

IHU On-Line - Como equalizar crescimento econômico e desenvolvimento?

Flavio Comim - Precisamos superar o mito de que o crescimento econômico importa pelo seu tamanho e quantidade e focar na qualidade do crescimento. Mais especificamente, crescimento para quem? Precisamos pensar em como o crescimento reduz pobreza, em maneiras inovadoras de ter crescimento com baixo nível de desigualdade e, principalmente, em pensar crescimento com desenvolvimento tecnológico e capacitação de mão de obra no longo prazo. O crescimento econômico precisa ser inclusivo para promover o desenvolvimento.

IHU On-Line - De que forma a geração de renda impacta no desenvolvimento? Em que medida as políticas de transferência de renda podem fomentar o desenvolvimento?

Flavio Comim - Não se pode construir desenvolvimento sem renda. Mas a renda não esgota o que pode ser feito para o desenvolvimento. Nas políticas de transferência de renda condicionada, como o Bolsa Família, o importante é o impacto de longo prazo na redução intergeracional de pobreza. Cabe, no entanto, ver que esses programas de transferência de renda fazem muito pouco para a criação de um ambiente de igualdade de oportunidades, por isso o investimento em uma educação de qualidade se faz tão necessário.

IHU On-Line - Conhecemos a pobreza no Brasil? Que pobreza

é essa? Em que medida as políticas públicas do Governo Federal atendem a esses pobres?

Flavio Comim - O Brasil politizou o combate à pobreza. As políticas públicas do Governo Federal são importantes para a diminuição do sofrimento dos pobres, mas não têm alcance nem profundidade para a redução efetiva da pobreza enquanto não tivermos investimentos pesados na educação brasileira. O problema não é da transferência de renda por si, mas da falta de complementaridade e articulação da política pública. A politização da pobreza jogou a classe média contra o Bolsa Família, estigmatizando seus beneficiários.

IHU On-Line - Em que medida a lógica da financeirização impede o desenvolvimento pleno das pessoas através das políticas públicas? Como compreender que as políticas de transferência de renda tenham relação tão estreita com o sistema financeiro?

Flavio Comim - O problema da nossa política pública de combate à pobreza é sua irregularidade e falta de planejamento. Os recentes cortes em bolsas, salários de professores, financiamento para a educação, etc., promovem um ajuste fiscal curto-prazista que desestabiliza o planejamento das pessoas pobres e investimento na sua educação ou de seus filhos. Outro problema diferente seria a banarização de várias transferências,

que por um lado inclui as pessoas mais pobres no sistema bancário, mas por outro pode forçá-las a comprar produtos financeiros que não necessitam.

IHU On-Line - Como avalia o atual cenário brasileiro de arroxo e ajuste fiscal? Qual a sua opinião sobre a necessidade de um equilíbrio fiscal como forma de superar uma crise econômica?

Flavio Comim - Um ajuste fiscal era necessário, mas não esse ajuste fiscal míope, voltado a resultados de curto prazo, preservador de interesses menores da nação e feito de maneira tão brusca e tão gentil com o capital financeiro, deixando desprotegidos milhões de trabalhadores com mudanças em programas sociais, como o Farmácia Popular, o seguro-desemprego, etc. O governo deveria ter preparado um plano de ajuste de médio prazo, evitando cortes na educação principalmente, aumentando os juros, mas nem tanto, fazendo um corte mais agressivo em áreas não sociais como infraestrutura e gastos militares. Estamos fazendo um ajuste que compromete o futuro do país, no modo que é feito.

IHU On-Line - Como, hoje, superar um cenário de crise no Brasil, sem perder conquistas, com políticas que contribuam para diminuir a desigualdade?

Flavio Comim - Não há como superar. As conquistas não foram con-

quistas sustentáveis e logo veremos que o 'rei estava nu' e não tínhamos nos dado conta. As políticas de combate à pobreza monetária foram feitas de modo curto-prazista, sem perspectiva estruturante, baseadas em consumo e valores muito baixos de renda. Vamos ver nos próximos anos um retrocesso, prova da falta de sustentabilidade na nossa política pública.

IHU On-Line - Como pensar um projeto de nação a longo prazo, aliando desenvolvimento e redução das desigualdades?

Flavio Comim - Precisamos pensar o desenvolvimento de uma forma humana e inclusiva. Precisamos investir pesadamente em bens públicos, na saúde, na educação, no transporte coletivo, no saneamento, na construção de áreas públicas e infraestrutura, como bibliotecas, telecomunicações, e fazer tudo isso chegar aos mais pobres. Precisamos pensar o desenvolvimento além do crescimento econômico. Mas isso dificilmente vai acontecer se a população brasileira não demandar esses serviços e se nossa política pública não for mais descentralizada. Precisamos reconhecer no Brasil várias nações para o resgate da razão pública e do sentido da coisa pública no desenvolvimento nacional. Isso passa por resgatar valores humanos na formação de nossas crianças e na política pública. ■

LEIA MAIS...

- *O conseqüente casamento entre a desigualdade e a pobreza.* Entrevista com Flávio Comim publicada na revista **IHU On-Line**, nº 449, de 04-08-2014, disponível em <http://bit.ly/1Gm44Tx>;
- *Sem miséria, mas com fome.* Artigo de Flávio Comin reproduzido nas **Notícias do Dia**, de 15-05-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/UQ2P7S>;
- *O IDH e o conto do imperador sem roupa.* Artigo de Flávio Comin reproduzido nas **Notícias do Dia**, de 17-03-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1m5a1o9>;
- *Amartya Sen, o ser humano e a alternativa do diferente.* Entrevista com Flávio Comin publicada na revista **IHU On-Line**, nº 379, disponível em <http://bit.ly/1AH1i5e>.

#Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

Os filhos de todas as bombas

Por Camila Alves da Costa

“Apenas na última década, autoridades afegãs apreenderam mais de 250 crianças que estavam sendo treinadas para o suicídio, escolhidas simplesmente por serem mais vulneráveis e por não levantarem maiores suspeitas das autoridades ao circular pelos populosos centros onde conduzem os ataques. As madrassas, escolas religiosas, servem como campos de recrutamento. Apenas no Paquistão, mais de 2 mil delas funcionam na doutrinação e treinamento de crianças e adolescentes entre os 5 e os 16 anos de idade”, afirma Camila Alves da Costa.

Camila Alves da Costa é mestre em Estudos Estratégicos de Defesa. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará, é pesquisadora do Observatório das Nacionalidades/UECE e membro do Comitê Editorial da revista *Tensões Mundiais*.

Eis o artigo.

Em 2003, prestes a invadir o Iraque, os Estados Unidos iniciaram testes de uma bomba não nuclear de 9,5 toneladas, capaz de causar destruição no raio de até 1 quilômetro em redor de seu ponto zero. Composta por 80% de TNT, foi complementada com 20% de alumínio, aumentando sua capacidade de destruição em pelo menos 18%. Era a “Mãe de Todas as Bombas” - ou MOAB, sigla para “*Massive Ordnance Air Blast*” (“Explosão Maciça de Munição Aérea”) -, desenvolvida pelos Estados Unidos para utilização no Iraque. Imagens dos dois testes realizados com o artefato foram amplamente divulgadas pela mídia global logo antes da invasão, com o claro propósito de desencorajar nacionais iraquianos e qualquer país disposto a se juntar em sua defesa no enfrentamento aos Estados Unidos e seus aliados da OTAN. Além dos dois artefatos testados, foram produzidos outros 15. Declaradamente, nenhum foi utilizado.

O epíteto “Mãe de Todas as Bombas” antecipava as consequências da explosão de um dispositivo cujo poder de destruição equivale ao de 11 toneladas de dinamite. A comunidade internacional conjecturava quanta desgraça se alimentaria e surgiria a partir do ódio, medo e insegurança causados pelo uso da MOAB; quantos novos extremistas, homens-bomba, *mujahedeens* se juntariam à resistência ao ver seus pais, filhos, irmãos e primos transformados em meros números contabilizados como “danos colaterais”. A certeza de que a utilização da MOAB geraria uma prole com capacidade e disposição de buscar uma justiça que a comunidade internacional lhes negava ao ignorar o assassinato de milhares de iraquianos, afegãos, somalis,

sudaneses, sírios e iranianos, dentre tantos outros povos eurásianos, médio-orientais e africanos, não impediu a ostentação dos destroços que a nova bomba seria capaz de deixar pelo caminho.

A Rússia, então, desenvolveu o *Aviation Thermobaric Bomb of Increased Power*, uma bomba termobárica, a que deu a alcunha “Pai de Todas as Bombas” (FOAB, sigla para “*Father of All Bombs*”), em clara resposta à MOAB. Um primogênito com capacidade de destruição quatro vezes maior que sua “mãe”: 44 toneladas de dinamite. Seu primeiro teste bem-sucedido foi realizado em setembro de 2007. A criação russa passava a ser a arma convencional (não nuclear) com maior poder de destruição do mundo, superando a capacidade de sua predecessora. O “Pai de Todas as Bombas”, embora menor que a MOAB (pesa cerca de 7 toneladas) é ainda mais mortal: a temperatura que gera em seu centro de explosão é tão elevada que sua capacidade de destruição é comparada à de uma bomba atômica de pequeno porte, multiplicando a destruição em redor de seu ponto zero; porém, sem as conseqüentes nuvens radioativas deixadas pela arma nuclear. De acordo com as autoridades russas, foram produzidas 100 unidades da bomba, que deveria servir à renovação de seu arsenal, substituindo diversas armas nucleares de menor porte e capacidade de destruição.

Há, contudo, efeitos menos discutidos e mais danosos da MOAB: seus filhos não tomam necessariamente forma de um novo artefato explosivo capaz de multiplicar o dano causado por ela. Nas duas últimas décadas, sobretudo nos últimos cinco anos, um novo

Não era apenas uma bomba. Era o bater das asas de uma borboleta cujas ondas geraram meninos-soldados, crianças-bomba, o extermínio sudanês, os escombros afegãos, o caos paquistanês, as agitações iranianas, a sangria síria, a crise dos refugiados que agora atinge a Europa

fenômeno, mais cruel e aterrador, emergiu nos conflitos do Oriente Médio e da Eurásia e da África. Não tratamos mais de homens-bomba. As vítimas inocentes do conflito, crias da MOAB, são meninos-soldados e crianças-bomba.

Crianças de até 5 anos de idade têm sido doutrinadas, pelo menos desde 2005, para o suicídio em explosões de mercados, praças, *masjids* e *shopping centers*. Aproximadamente 90% dos ataques suicidas ocorridos no Paquistão desde 2007 são creditados a adolescentes entre 12 e 18 anos. Esta estratégia surgiu no conflito no Iraque, onde o emprego de crianças como instrumentos de guerra logrou atingir os alvos pretendidos. Convencidas por seus recrutadores de que, como a explosão vai matar estadunidenses e seus aliados, os "infiéis", Alá lhes poupará a vida. Agem convencidas de que não morrerão com a explosão, certas de que não sentirão dor, ou tementes de que seus familiares sejam sacrificados no caso de fracasso ou desobediência. Acreditam-se heróis. Seus pais sabem-lhes vítimas, mas nada podem fazer frente às ameaçadoras tropas ocidentais ou aos insurgentes.

No primeiro semestre de 2015, o Boko Haram utilizou crianças-bomba em pelo menos duas ocasiões comprovadas na Nigéria: em junho, uma garota de 17 anos se explodiu em uma estação de ônibus, em Madi-guri, assassinando 20 e deixando outros 50 feridos; no dia seguinte, um garoto de 12 anos, em um mercado na Vila de Wagir, deixou 30 feridos e 10 mortos. Ambos morreram nos atentados.

O recrutamento de crianças atende a duas especificidades que aumentam enormemente o sucesso de sua doutrinação e dos atentados que executam: isolados de suas famílias, tornam-se mais suscetíveis à autoridade de líderes religiosos, são convencidas de estarem

agindo por uma causa religiosa, facilmente iludidas pela promessa de uma recompensa por seu sacrifício.

Apenas na última década, autoridades afegãs apreenderam mais de 250 crianças que estavam sendo treinadas para o suicídio, escolhidas simplesmente por serem mais vulneráveis e por não levantarem maiores suspeitas das autoridades ao circular pelos populosos centros onde conduzem os ataques. As madrassas, escolas religiosas, servem como campos de recrutamento. Apenas no Paquistão, mais de 2 mil delas funcionam na doutrinação e treinamento de crianças e adolescentes entre os 5 e os 16 anos de idade.

Como resultado dessa estratégia, militares estadunidenses admitiram alvejar crianças em suas ações, tendo executado três crianças e adolescentes entre 8 e 14 anos em apenas uma investida na tentativa de barrar um suposto atentado suicida.

Em 2013, os Estados Unidos ameaçaram lançar uma versão atualizada da "Mãe de Todas as Bombas" contra o Irã. Agora com 14 toneladas, caso a ameaça tivesse sido cumprida, o resultado seria o extermínio de milhares de civis, os quais seriam, certamente, contados como casualidades.

A "Mãe de Todas as Bombas" exhibe agora orgulhosa, embora dissimulada, sua prole. Não era apenas uma bomba. Era o bater das asas de uma borboleta cujas ondas geraram meninos-soldados, crianças-bomba, o extermínio sudanês, os escombros afegãos, o caos paquistanês, as agitações iranianas, a sangria síria, a crise dos refugiados que agora atinge a Europa. Impossível pensar estes eventos isoladamente. Apenas reconhecendo e encarando a origem da atrocidade seremos capazes de começar a discutir a solução para a crise nossa de todos os dias. ■

Expediente

Coordenadora do curso: professora doutora Gabriela Mezzanotti

Editor da coluna: professor doutor Bruno Lima Rocha

PUBLICAÇÕES

A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo

O Cadernos IHU Ideias em sua 228ª edição publica o artigo de Sandro Chignola, doutor em História do Pensamento Político, com pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales e na École Normale Supérieure de Lettres et Sciences Humaines. Integrante do Conselho Editorial de diversas revistas, incluindo: Filosofia Política, Contributions to the History of Concepts, Política & Società, Materiali foucaultiani, Res Publica: Revista de Filosofia Política. Atualmente é professor de Filosofia Política na Universidade de Pádua, na Itália.

O artigo traz o resgate da memória de como o termo biopolítica foi cunhado e utilizado, muito antes de Foucault, fazendo referência a uma implementação da ciência política. De acordo com o autor, o trabalho busca apresentar uma relação contextual dentro da qual os saberes e poderes evoluem se sustentando mutuamente e se apoiam sobre a relevância dos processos que se combinam para estabelecer como segmentos para a valorização do capital e para as atividades das empresas. “O que me proponho a fazer nesta ocasião é especialmente mapear os processos dentro dos quais os saberes e os poderes agem uns sobre os outros em um processo de coprodução circular sobredeterminada pela axiomática do capital e por algumas formas contemporâneas de acumulação”, explica.

Chignola esclarece que neste trabalho não se refere a uma transformação do capital, ou a uma fase particular que marcaria uma “época”, mas sim às relações encadeadas em um cenário mais amplo. “Devemos nos abrir para o mundo e não nos colocarmos dentro do cânone filosófico”, defende.

O autor ressalta que o mapa conceitual que constrói no artigo não tem a pretensão de ter um caráter definitivo nem de objetividade. A ideia é apresentar uma sistematização e discussão de problemas, tendências e linhas de evolução sobre o tema. “Tento desvendar os fios de uma meada. Consciente de que é impossível encontrar a pista; o elemento que permite esclarecer o problema”, ressalta.

Confira a edição digital do artigo em <http://bit.ly/1OigHle>

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias têm suas versões digitais disponíveis no link <http://bit.ly/1GjHqak> e também podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213. ■



Retrovisor

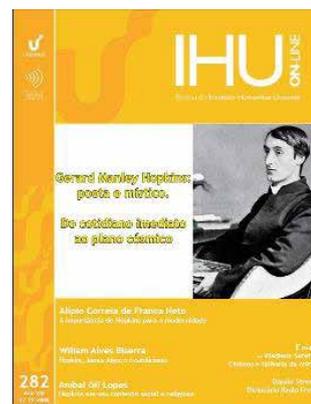
Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Gerard Manley Hopkins: poeta e místico. Do cotidiano imediato ao plano cósmico

Edição 282 - Ano VIII - 17-11-2008

Disponível em <http://bit.ly/1snQt1C>

Gerard Manley Hopkins, poeta e místico inglês, é o tema de capa da revista IHU On-Line de número 282. Considerado um dos maiores autores da literatura universal, jesuíta, sua obra é analisada e discutida por alguns poetas, tradutores e professores de Literatura. Contribuem para a discussão Alípio Correia de Franca Neto, Paulo Henrique Britto, Claudio Daniel, Aníbal Gil Lopes, Aurora Bernardini, John Milton, Wiliam Alves Biserra, Thomas Burns, Dirceu Villa, Marcus Motta e Thiago Ponce de Moraes. A revista ainda traz uma antologia de poemas de Gerard Manley Hopkins. Há traduções do poeta e tradutor Augusto de Campos, que gentilmente permitiu a republicação, pois elas já foram publicadas no livro "Hopkins: a beleza difícil".



Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. 1807-2007

Edição 217 - Ano VII - 30-04-2007

Disponível em <http://bit.ly/1jzHRXF>

Em 1807, Georg Wilhelm Friedrich Hegel publicava a *Fenomenologia do espírito*. Para avaliar a importância dessa obra 200 anos após seu lançamento, contribuem na edição 217 da IHU On-Line os seguintes estudiosos de Hegel: José Henrique Santos, ex-reitor da UFMG; Walter Jaeschke, diretor do Hegel-Archiv, na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha; Pierre-Jean Labarrière, do Centro Sèvres de Paris e Eduardo Luft, professor de filosofia da PUC-RS. Outros entrevistados são Carlos Roberto Velho Cirne Lima, um dos maiores estudiosos e especialistas brasileiros de Hegel, professor do PPG em Filosofia da Unisinos; Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, reitor da Unisinos, e Paulo Gaspar de Meneses, tradutor da *Fenomenologia do espírito* para a língua portuguesa.



Nietzsche Filósofo do martelo e do crepúsculo

Edição 127 - Ano IV - 13-12-2004

Disponível em <http://bit.ly/1ZDw8bA>

A edição 127 da revista IHU On-Line comemora os 160 anos do nascimento de Nietzsche. O número discute o legado desse filósofo que, ao lado de Freud e Marx, é apontado como um dos responsáveis pela revolução das técnicas de interpretação. Ele rompe com as interpretações morais da História e condena a Filosofia tradicional, acusando-a de apenas dominar o passado. Do martelo de Nietzsche nasce uma crítica impiedosa da modernidade. De tudo suspeita. Seu pensamento denuncia preconceitos, demonstra estratégias, critica os valores vigentes. Seus escritos repercutiram na literatura, nas artes plásticas, na música, na psicanálise, nas ciências humanas. Contribuem para os debates Scarlett Marton, Paul Valadier, Alberto Onate e Vânia Dutra de Azeredo.



ÍNDICE	
EDITORIAL	3
MATERIA DE CAPA	3
Nietzsche - Vida e obra	3
Intervista com o livro <i>Manual de Nietzsche</i>	4
Entrevista com Paul Valadier	4
Resposta e crítica de resposta das avaliações	7
Entrevista com Scarlett Marton	7
A atualidade de Nietzsche	9
Entrevista com Alberto Onate	9
Uma revolução no nome de Deus	16
Entrevista com Vânia Dutra de Azeredo	16
DESTAQUES DA SEMANA	20
Leitura da semana	20
Ethique: La Méthode, tome 6, de Edgar Morin, Paris: Seuil, 2004, 256 p.	20
Maria, questão de método	22
"A medicina é amor, não amor é medicina"	22
O mestre estudante	25
TRÊS DIAS DE PENSAMENTO	26
A Igreja vestida somente de evangelho e santidade	26
Entrevista com José Spínola Gonzalez Fari	26
ENTREVISTA DA SEMANA	30
Sociabilidade e moralidade: se tornaram adversários	30
ARTIGO DA SEMANA	33

IHU Ideias

Data: 22-10-2015 às 17h30min
Local: Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros - IHU
Mais informações em
<http://bit.ly/1LFPyq6>

Milton Cruz
UFRGS e Observatório
das Metrôpoles

**Cais Mauá: duas visões
em disputa sobre qual o
projeto de cidade**



Conferencista:
**Prof. Dr. Mário Leal
Lahorgue**
– Universidade Federal
do Rio Grande do Sul
– UFRGS

22 de outubro – quinta-feira
19h30min às 22h

**Guerra dos lugares:
a colonização da terra
e da moradia na era das finanças**

Data: 22-10-2015 às 19h30min
Local: Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros - IHU
2º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas
Públicas e Tecnologias de Governo. Ter-
ritórios, governamento da vida e o comum
Mais informações em <http://bit.ly/1GKdAuz>

Oficina: Realidades da Segurança alimentar e nutricional

Angélica Cristina da Siqueira –
Nutricionista e pesquisadora do NESAN

Data: 20-10-2015
Horário: Das 14h às 17h30min
Local: Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros - IHU
Mais informações em
<http://bit.ly/1LZzXNS>



ihu.unisinos.br



bit.ly/iuon



twitter.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



medium.com/@_ihu